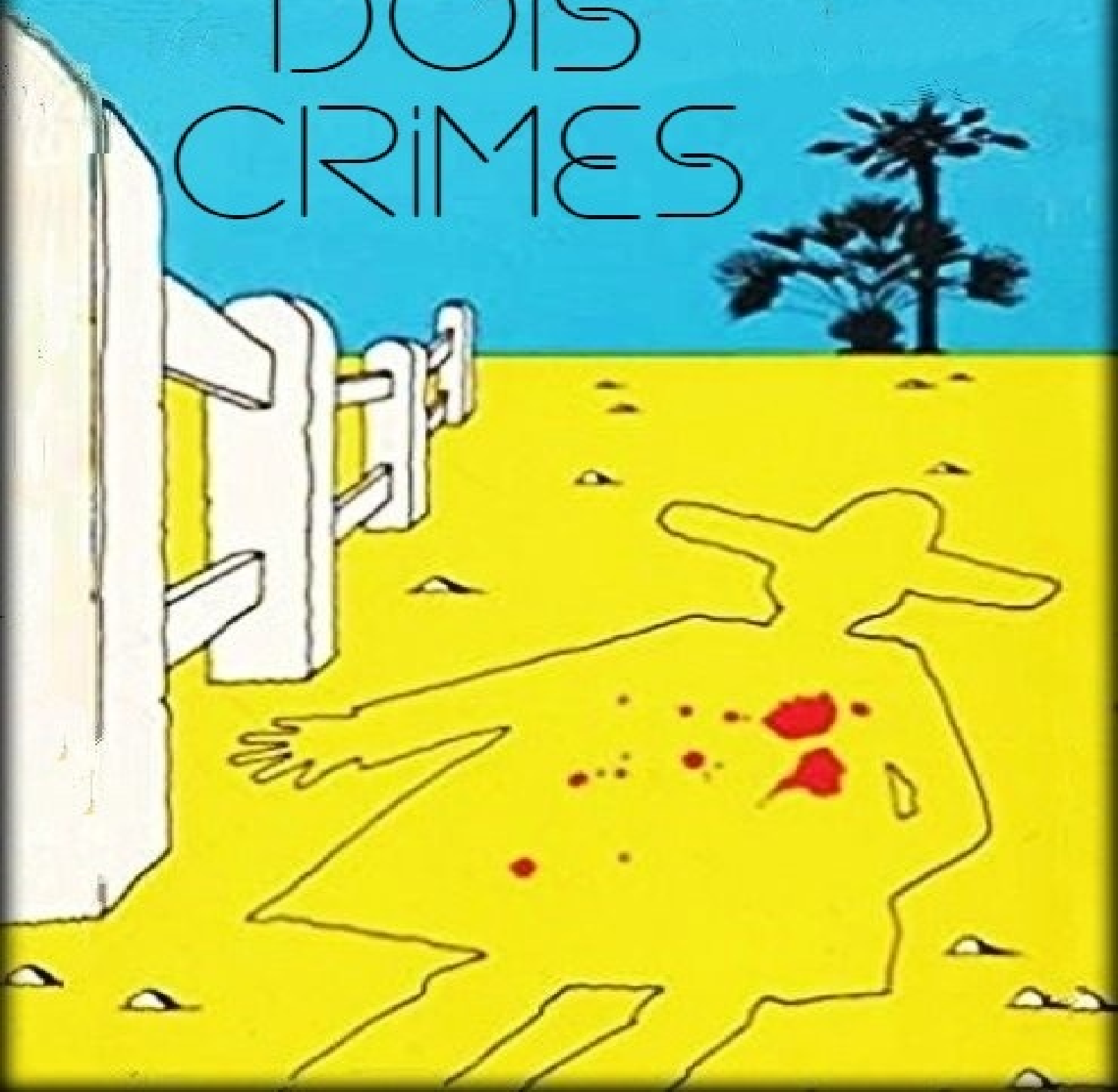


O escritor imprescindível da literatura mexicana contemporânea.

PLANETA MÉXICO

JORGE IBARGÜENGOITIA

DOIS CRIMES





JORGE IBARGÜENGOTIA

Dois Crimes

Tradução

BELLA JOZEF

Rocco

Jorge Ibarguengoitia

Dois Crimes

Tradução de Bella Jozef

Rio de Janeiro — 1987

Título original: *Dos crímenes*

© Joy L. Ibarguengoitia, 1979, 1986

Direitos para a língua portuguesa reservados, com exclusividade para o Brasil, à

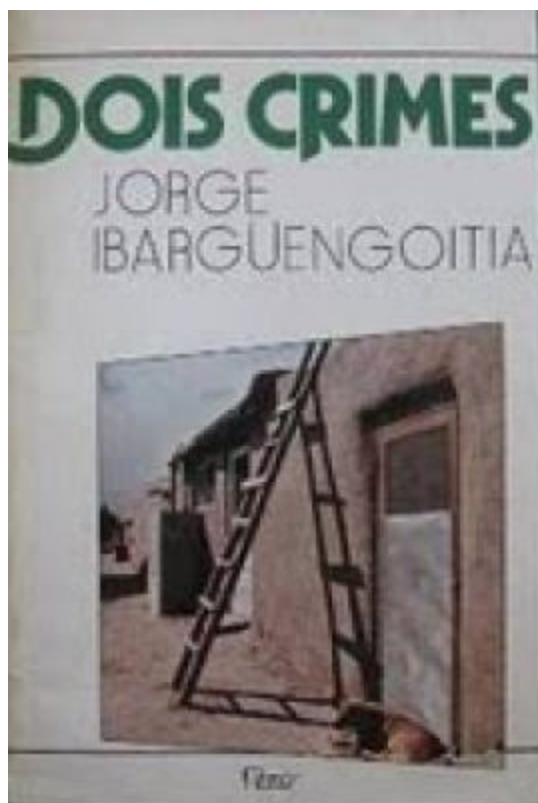
EDITORA ROCCO LTDA.

Rua da Assembleia — Gr. 2313 CEP 20011 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: 224-5859

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Capa [original]



Ana Maria Duarte

Revisão

Henrique Tarnapolsky

Grace Dantas Mattos

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Ibargüengoitia, Jorge Did Dois crimes / Jorge Ibargüengoitia; tradução de Bella Jozef.

Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

Tradução de: *Dos crímenes*. 1. Ficção mexicana. I. Jozef, Bella. II. Título. 87-0748

CDD — 868.992103



Conhecer JORGE IBARGÜENGOITIA, mexicano de Guanajato, crítico, literato e teatrólogo, é conhecer um autor que utiliza o humor como fino bisturi. Com ele, abre as entranhas sociais e romanescas da América Latina. *Dois Crimes* é uma prova disso. Contando a história de Marcos, o bom farsante, homem capaz de conceber um plano ardiloso para enganar um velho e rico tio e convencê-lo a lhe doar sua fortuna, Ibargüengoitia envereda pelos caminhos do romance policial. Só que não é um policial qualquer. É uma história que recupera a tradição pícara hispânica, semeando pistas e aventuras galantes, mas arrematando-as com observações sociológicas tanto mais precisas quanto despretensiosas.

Autor premiado por obras como *El atentado* e *Los relampagos de agosto*, Ibargüengoitia é apresentado ao público brasileiro com uma obra divertida e representativa de seu estilo. Frases curtas, precisas, pinceladas vigorosas, personagens fortes e de grande empatia com o leitor. Com Marcos, a sensual Chamuca, a vingativa Lucero, Amália, os primos e tio Ramón delineia-se uma galeria inesquecível, inequivocamente latina. Com o que a latinidade tem de melhor.

orelhas



Mexicano famoso em letras e filosofia e premiado diversas vezes por suas incursões no teatro e na literatura, inclusive com o Casa de Las Americas, JORGE IBARGÜENGOITIA morreu sem ver sua obra suficientemente difundida. É essa lacuna que a Rocco vem preencher com a publicação de *Dois Crimes*, um romance picaresco, na melhor tradição hispânica, de trama extremamente bem urdida, na melhor tradição do

romance policial. Aliando o mais fino humor com a aguda observação social, Ibarguengoitia transforma o farsante em herói e traça um retrato colorido e vigoroso do seu país.

Em cena, está Marcos, o mulato charmoso, namorador, que ao dar uma festa para celebrar as suas não-bodas com Chamuca se vê numa enrascada: um dos convidados, Paco, é ativista político perseguido. A polícia, por extensão, passa a perseguir o casal, que só vê uma saída para a situação: a fuga. Chamuca vai para a casa de uns parentes. Marcos vai procurar o rico Don Ramón, seu tio, para obter um empréstimo. Só que o tio não é homem de se deixar enganar facilmente. Para inventar subterfúgios convincentes, Marcos concebe um plano que o coloca como oponente de seus primos e prima, todos dotados de péssimo caráter e grande ambição. O resultado soma dois assassinatos, um testamento, algumas escapadas eróticas e um sorriso permanente nos lábios. Ibarguengoitia não poderia ter melhor cartão de visitas.



A história que vou contar começa numa noite em que a polícia violou a Constituição. Foi também na noite em que a Chamuca e eu fizemos uma festa para celebrar nosso quinto aniversário, não de casamento, porque não estamos casados, mas da tarde de um treze de abril em que ela "se entregou" em uma das pranchetas da seção de desenho do Departamento de Planejamento. Havia uma violenta poeira que nem deixava ver o Monumento da Revolução que está a duas quadras, eu era desenhista, a Chamuca havia estudado sociologia, mas tinha emprego de datilógrafa, os dois trabalhávamos horas extras, não havia ninguém no escritório. Para a festa de aniversário havíamos convidado seis de nossos melhores amigos, cinco dos quais chegaram às oito carregados de presentes: o Manotas, com o livro de Lukács, os Pereira com o poncho de Santa Marta, Lídia Reynoso com uns pratos de Tzinzunzan e Manuel Rodriguez com duas garrafas de vodca da melhor que havia conseguido através de um amigo seu que trabalhava na Embaixada Soviética.

Nunca estive em reunião mais cordial que no começo daquela festa, falamos, bebemos, rimos e cantamos como se fôssemos irmãos. O Manotas havia voltado de férias da beira do mar. Descreveu um lugar afastado, sem turistas, com praia de areia fina, uma enseada de água cristalina e amêijoas recém-tiradas do mar. Quis saber as indicações e ele escreveu em meu caderno de notas: "do porto de Ticomán tomar a lancha que vai à Praia da Meia Lua (hotel Aurora)". Não imaginei o significado que ia ter para mim esta anotação.

As onze a Chamuca serviu o *tamal de cazuela*.¹ Estávamos comendo quando chegou Ifigênia Trejo, a sexta convidada, com um desconhecido. Quando este cruzou a soleira da porta, a festa esfriou como se houvesse

caído um temporal: Ifigênia apresentou-o como "Pancho" e a nós como "uns amigos".

Desde o momento em que o vi, Pancho me deu um calafrio: tinha um dente de ouro, papada, terno, gravata e camisa. A primeira coisa que fez depois de dar-nos a mão foi pedir licença para ir ao banheiro. Mal saiu da sala, perguntei a Ifigênia, que estava sentando-se em uma das cadeiras de vime:

— Quem é ele?

— Trabalha na Procuradoria.

— Por que você o trouxe?

— Porque ele queria conhecê-los.

Como não havia pratos em número suficiente, a Chamuca teve de usar dois dos de Tzinzunzan para servir o *tamal de cazuela* aos que acabavam de chegar. Quando Pancho saiu do banheiro, tirou o casaco, sentou-se perto de Ifigênia e em vez de comer pôs o prato em uma estante; em troca, aceitou o cuba libre que lhe ofereci. Tomou de um trago, logo outro e se serviu sozinho do terceiro, sem pedir licença. Aproveitou o momento em que Lídia Reynoso se levantou para servir-se de doce — havia cocada —, para levantar-se da cadeira de vime em que estava sentado e deixar-se cair pesadamente no almofadão lilás, que Lídia havia ocupado e que era o assento mais cômodo que havia na casa. Uma vez ali, com as pernas dobradas, começou a dizer bobagens: que os socialistas têm dogma, que o marxismo é uma doutrina política inválida porque não leva em conta a ambição do poder que é uma força inata que se encontra em todo ser humano, etc.

— Se o senhor vai falar agora de Stalin e dos campos de concentração na União Soviética — disse Olga Pereira —, desperte-me quando terminar.

Para mostrar claramente o desprezo que sentia por Pancho, Olga deitou-se de barriga para cima no divã. Lídia Reynoso, que não podia acreditar no que estava ouvindo, disse-me com raiva:

— Mas este homem é antimarxista!

Pancho indagou por que, se o socialismo é um sistema perfeito, há pessoas que emigram dos países socialistas, por que, perguntou, ninguém quer ir viver na União Soviética. A Chamuca respondeu-lhe com as mãos crispadas debaixo da camisa.²

— Engana-se, senhor. Há muita gente de todas as partes que emigra para a União Soviética, só que o fazem com menos publicidade do que os

que renegam o socialismo.

Dito isto, levantou-se do assento e saiu do quarto. O Manotas moveu o banquinho em que estava sentado até ficar diante de Pancho e começou a explicar-lhe, com infinita paciência, como era difícil erradicar do homem o instinto pequeno-burguês.

Ifigênia havia soltado a cabeleira e começava a fazer tranças. É costume seu. Se chega a uma festa de rabo-de-cavalo, faz tranças, se chega de tranças, solta-as, escova os cabelos e sai de rabo-de-cavalo, mas deixa em qualquer dos dois casos quatro ou cinco fios grossos, longos e muito negros, inconfundíveis, como lembrança de sua presença. Ao vê-la com os braços para cima e a boca cheia de grampos compreendi que estava um pouco desgostosa pelas idiotices que seu companheiro dizia, mas não o bastante pesarosa. Arrependi-me de havê-la convidado.

Pancho tinha a camisa branca e um copo verde na mão; o Manotas, que puxava os bigodes de zapatista,³ parecia uma montanha cor de café escuro posta em um banquinho com três pés; no divã rosa-forte havia três figuras, Olga Pereira, longa e esbelta, de jeans, estava reclinada grudada na parede, com o olhar no teto; perto dos pés descalços de Olga havia ido sentar Lídia Reynoso, a mais idosa da reunião, de cabelo cinza e blusão⁴ alaranjado, que ouvia o que dizia Pancho com incredulidade; no outro extremo do divã, junto à cabeça de Olga, estava abaixado Manuel Rodriguez, que procurava ler, à luz avermelhada da lâmpada, a Crítica do Estado Capitalista de Poliakov, que havia tirado da estante. Carlos Pereira, que acredita ser idêntico ao Che Guevara — cujo retrato estava na parede — balançava-se numa cadeira de madeira e fumava charuto; Ifigênia continuava a arrumar o cabelo sentada em suas famosas nádegas embrulhadas em calças verde-escuras que transbordavam do assento.

A Chamuca apareceu na porta do quarto com o violão na mão e olhou-me um momento. Compreendi que havia decidido cantar para acabar com a discussão incômoda e as tolices que Pancho dizia. Aplaudi e os demais, menos Pancho, aplaudiram também. A Chamuca passou entre os convidados, movendo suas pernas longas com cuidado para não pisá-los e foi sentar-se na beira do divã. Havia tirado o blusão e ficado com a camisa de algodão bordado, que eu lhe havia pedido que não usasse em público, porque deixava transparecer seus mamilos, que são muito escuros. Afinou o violão, e sem prestar atenção ao que alguns lhe pediam que cantasse, deu

um acorde sonoro e começou a cantar sua canção predileta: *Retrato do guerrilheiro Carlos Macias*.

Me dá trabalho explicar o que sinto quando a Chamuca canta. Em primeiro lugar tenho orgulho de que uma mulher tão bela seja minha: é morena, tem os olhos muito grandes, os lábios carnudos, os dentes magníficos, de suas orelhas pendem brincos, seu corpo poderia ser o monumento à raça. Mas também é um pouco ridícula. Quando canta e abre a boca, entreabre os olhos, e solta gritos de paixão fictícia. Sinto-me incomodado mas me controlo, porque considero que cada um tem o direito de expressar-se como pode. É minha filosofia.

Quando me lembro da cena, ela cantando, eu olhando-a e os demais ouvindo, fico admirado de como estava longe de imaginar que aquela noite seria a última que íamos passar na casa, e que a imagem daquela festa frustrada ia ficar em minha mente como a mais vívida e dolorosa de nosso apartamento querido das ruas de Miguel Schultz, ou que o divã escuro, os posteres do Festival de Havana e as estantes de madeira que a Chamuca e eu havíamos feito iam aparecer, ao serem evocados, não como objetos cotidianos de uma existência feliz, mas como elementos cênicos daquela reunião desastrosa.

A Chamuca cantou várias canções e conseguiu seu objetivo: Pancho não só deixou de falar, mas adormeceu. Estava na metade de *Patrulha guajira*⁵ quando bateram à porta.

Pensei que eram os vizinhos que chegavam para protestar, porque já passara de uma. Ao abrir a porta estranhei que não houvesse ninguém diante de mim. Fui ao corredor e vi, a uns metros, a figura de um homem rechonchudo, com as mãos nos bolsos. Como a luz é muito má neste corredor — a dona põe lâmpadas de 20 watts — custei um pouco a distinguir o rosto solene de Evódio Alcocer.

Não achei graça nenhuma que chegasse a essas horas mais alguém que não havia sido convidado, e com mais razão tratando-se de Evódio, a quem respeito, porque sei que é um ativista de coração, mas cujas opiniões não compartilho, não é de meu grupo e nem tenho muito em comum com ele. Apesar disso, disse-lhe:

— Evódio, que prazer em vê-lo. Entre.

Não se moveu. Continuou de pé no corredor, como se fosse a estátua de Benito Juárez, e finalmente levantou a mão e me fez sinal para que me aproximasse. Fechei a porta do apartamento para que os vizinhos não

ouvissem *Patrulha guajira* e fui até ele. Tinha os olhos irritados e a boca franzida.

— Há uma festa? — perguntou como se achasse ruim que houvesse.

No corredor ecoava o canto de Chamuca. — Está muito animada — disse-lhe. — Por que você não entra?

— Quem são os convidados?

Não entendo por que não me pareceu um insulto esta pergunta, mas não me pareceu porque citei com bons modos quem estava na reunião, inclusive Pancho, que descrevi como "um amigo de Ifigênia Trejo". Ele ouviu-me olhando o piso de mosaico verde jaspeado e quando terminei a lista encolheu os ombros e disse:

— Penso que está bem.

— O que é que está bem?

Em vez de responder à minha pergunta, o que teria evitado muitos desgostos, me respondeu:

— Vou pedir-lhe um favor muito grande: que você me deixe passar a noite em sua casa.



Quando alguém me pede um favor de maneira tão direta, raramente me atrevo a negar, mas também não gosto de dizer que sim de repente. Eu teria gostado de saber a razão pela qual Evódio queria passar a noite em minha casa, mas não tinha intimidade suficiente para perguntar-lhe o que o impedia de ir dormir na sua. Supus que tivesse algum conflito familiar — sua esposa é uma argentina neurótica que Evódio conheceu em Moscou — e lhe disse:

— Muito bem, Evódio, passe a noite aqui.

Entramos juntos com naturalidade, como se Evódio houvesse sido convidado para a festa e se houvesse atrasado. Esta mentira não pegou, porque todos os presentes, menos Pancho, conheciam Evódio tão bem ou tão mal como eu, mas o bastante para saber que não era de nosso grupo, que nunca ia a nossas festas e que devia ter um problema para aparecer de visita tão tarde. A Chamuca deixou o violão e deu um abraço em Evódio

com exclamações que não deixavam dúvidas de que não o esperava. Pancho acordou.

— Está com fome, Evódio? — perguntou a Chamuca.

— Sim — respondeu Evódio.

A Chamuca foi até a cozinha para esquentar o *tamal de cazuela*.

— Sente-se aqui, Evódio — disse Lídia Reynoso, indicando o lugar que a Chamuca acabava de desocupar.

Evódio sentou-se, servi-lhe um cuba libre. Pancho, que havia estado a olhar Evódio, comentou:

— Não nos apresentaram.

— O senhor é Evódio Alcocer — disse Lídia Reynoso.

Foi a única indiscrição. Pancho disse seu sobrenome, que ninguém levou em conta, e apertou a mão de Evódio.

Quando a Chamuca entregou o prato a Evódio e este começou a comer com voracidade, os demais convidados começaram a pôr-se de pé, a estirar-se e a procurar debaixo dos móveis o que haviam perdido — Olga Pereira, um sapato; Ifigênia Trejo, uma fita de cetim vermelho; Lídia Reynoso, uma bolsa bordada de linha.

Houve uma pequena tragédia. Pancho, ao pegar seu casaco, atirou ao chão o prato de Tzinzunzan que estava na estante e que se quebrou. Pediu desculpas à Chamuca, mas deixou que eu juntasse os pedaços e os levasse à cozinha. Quando voltei para a sala, Lídia Reynoso estava quase chorando.

— Já não se fazem pratos como esse — disse.

— Estou certo de que vamos poder colá-lo —, quis consolá-la, mas já havia jogado os pedaços na lata de lixo.

Tive de acompanhar os convidados à porta do edifício, porque Estefânia, a porteira, costuma fechar com cadeado duplo durante a noite. Quando voltei ao apartamento encontrei a Chamuca recolhendo os copos sujos.

— Onde está Evódio? — perguntei.

Me fez um sinal de que havia entrado no banheiro. — Vai passar a noite aqui — falou. — Ele me disse.

— Não tive outro remédio senão convidá-lo. Espero que não se aborreça.

— Não muito — respondeu ela, e saiu da sala com uma bandeja cheia de copos sujos.

Não apenas Evódio ia dormir em casa, mas a Chamuca se havia posto de mau humor. Para acalmá-la ajudeia-a a recolher tudo e amontoar na pia. Chamuca tirou do *closet* o necessário e fez a cama no divã. Quando Evódio saiu do banheiro, disse:

— Tenho dor de cabeça.

Chamuca foi procurar uma aspirina no dormitório e eu um copo de água na cozinha. Assim que Evódio tomou a aspirina, dissemos-lhe onde estava o interruptor da luz e demos boa-noite. Quando entrei no banheiro senti o cheiro do cocô de Evódio, abri a janela e olhei para a rua. Estava deserta, havia papéis jogados no chão, à luz do lampião conseguia-se ler o letreiro da loja em frente: "Casa Dominguez. Carimbos" — dizia.

Quando entrei no quarto encontrei a Chamuca nua, inclinada sobre a cama, tirando a colcha. Lembro-me que isso me excitou muito e que comecei a acariciar-lhe as nádegas, mas ela me repeliu.

— Não — disse. — Evódio pode nos ouvir.

Eu não me teria importado, mas Evódio, com efeito, teria podido nos ouvir, porque a cabeceira do divã era muito perto da parede. Deitamos e apaguei a luz. Soaram as três em San Cosme. Adormeci imediatamente.



Acordei acreditando-me sóbrio, mas não me lembrei de Evódio até que entrei na sala e o encontrei adormecido no divã. Estava de camiseta, boca para cima, com uma mosca no lábio. O quarto cheirava mal. Abri a janela que dava para o poço de luz e entrei no banheiro. A barba, que havia deixado crescer há três anos e a que estava acostumado, me sobressaltou. Depois de tomar banho, fui à janela. Um gari vestido de cor alaranjada passou empurrando um carrinho, o dono da Casa Dominguez estava levantando a porta de aço, senti-me deprimido. Tomara que Evódio vá embora logo, pensei.

Quando voltei para o quarto, despertei a Chamuca porque estava na hora de ir para o trabalho. Levantou-se sonolenta e quase saiu do quarto nua.

— Lembre-se de que Evódio dormiu na sala — disse. Isso acabou de despertá-la. Lançou-me um olhar cheio de rancor e pôs o robe.

— Evódio é mais seu amigo do que meu — disse-lhe. — Mas eu não o convidei para ficar — retrucou e saiu do quarto.

Era impossível tomar café em casa, porque a cozinha estava cheia de pratos sujos e Evódio dormia na sala. Quase o acordei para dizer-lhe que urgia que se fosse, mas decidi que era mais elegante despedir-me com uma carta.

Quando acabei de pôr as botas argentinas, peguei uma folha de papel e escrevi:

*"Querido Evódio: São oito e meia e vamos correndo para o trabalho. Na geladeira você encontrará alguma coisa para o café, coma o que quiser. Não se preocupe em lavar os pratos ou fazer a cama. Despedem-se de você com um abraço,
Marcos e Chamuca".*

Com isto acreditei que ia me desfazer de Evódio. Enquanto a Chamuca abria a porta do apartamento, pus o recado na mesinha que estava junto do divã, de modo que Evódio o visse logo que abrisse os olhos; depois juntei-me a Chamuca e fechamos a porta, procurando não fazer barulho.

Tomamos café numa lanchonete no Ejido, em frente ao Departamento de Planejamento. Enquanto a garçonete me servia o café com leite, consegui ler a manchete do jornal que um homem na mesa vizinha estava lendo — creio que era La Prensa. — "Preso um dos incendiários de O Globo dizia. O Globo era uma loja muito grande de roupas que havia queimado três ou quatro meses antes. Um caso muito falado que não havia sido resolvido. Depois de pensar no assunto um instante, esqueci-o por completo.

Ao sair à rua bateu-me o sol e senti calor. Nesse momento percebi que havia posto o poncho de Santa Marta que os Pereira nos haviam dado de presente na noite anterior. A Chamuca, percebendo o motivo da minha estranheza, disse:

— Você está bêbado.

Ela estava com olheiras, mas eu não comentei nada. Atravessamos a rua de Ejido no meio do trânsito e entramos correndo no edifício onde estavam os escritórios do Departamento de Planejamento. Quando

chegamos no canto onde estava o relógio de ponto eram nove horas cravadas. A Chamuca desceu do elevador no quarto andar, quase sem se despedir. Continuava aborrecida. Eu segui até o sexto, pendurei o poncho no cabide na entrada do escritório de desenho, sentei-me diante da prancheta e acendi um cigarro. Tinha pouco o que fazer e menos vontade ainda de fazê-lo. Fiquei olhando pela janela o Monumento da Revolução das nove às onze. Aí um de meus colegas me disse que alguém me chamava ao telefone. Quando peguei o fone demorei um pouco em reconhecer a voz de Estefanita, a porteira do edifício onde vivíamos. Parecia agitada:

— A novidade, senhor Marcos, é que vieram quatro do Governo para buscá-lo. Perguntaram pelo senhor e pela senhora e quiseram que lhes abrisse a porta do apartamento. Eu lhes abri, acreditando que estaria vazio, e eles levaram o senhor que estava na sala, dormindo de camiseta. Perguntaram-me onde trabalhavam o senhor e a senhora, e eu lhe juro, dom Marcos, que lhes disse que não sabia, mas desconfio que não vão demorar em chegar para buscá-lo. Aviso-lhe, para que esteja prevenido.

— Muito obrigado, Estefanita — disse-lhe, e desliguei.



Assim encerrou-se esta parte de minha vida. Nem por um momento me passou pela cabeça, nem sequer pela de Chamuca, a ideia de que se alguém é inocente nada tem a temer. Nós nos *sentimos* inocentes, mas a Chamuca tem muito desembaraço por haver estado em comícios, eu sou negligente, isto é, nunca me apresentei para fazer o Serviço Militar, e os dois estivemos em contato com grupos socialistas sérios. Além disso, estamos convencidos de que a polícia é capaz, quando lhe convém, de atribuir qualquer delito a quem quer que seja. Antes que eu acabasse de explicar à Chamuca o que havia se passado, ela começou a abrir gavetas, a tirar coisas de que gostava — um chaveiro com uma moeda, um peso de papéis com uma florzinha dentro etc. — e a jogá-las na bolsa.

O mais próximo de ser presos que estivemos naquele dia foi quando quisemos pegar o Volkswagen. Nós o havíamos deixado onde o deixávamos sempre, em um estacionamento que fica a uma quadra do

Departamento de Planejamento. Já havíamos entrado no estacionamento e estávamos procurando o guardador quando o vimos entre os carros. Estava falando com dois caras e os três estavam olhando nosso Volkswagen. Foi o bastante. Saímos do estacionamento sem dizer nada e tomamos um táxi que ia passando.

— Aonde vamos? — perguntou-me a Chamuca.

— Ao Terminal do Norte — disse ao chofer.

Nesse momento compreendi que já sabia o que tínhamos a fazer.

A Chamuca me olhava sem entender.

— Você vai passar uns dias com sua prima em Jerez — anunciei.

— E você?

— Vou a Muérdago, para ver meu tio Ramón e pedir-lhe dinheiro.

Ninguém no México sabia que a Chamuca tinha uma prima em Jerez e ninguém sabia que eu tinha um tio rico em Muérdago.

— Quando conseguir dinheiro — disse à Chamuca, que me olhava com preocupação — vou buscá-la e vamos viver juntos em algum lugar até que passe esta situação.

Ela me deu o endereço e o telefone de sua prima, que eu não conhecia; depois juntamos o dinheiro que tínhamos. Eram quatrocentos e cinquenta e três pesos, que deram para pagar o táxi, a passagem para Jerez de primeira, a passagem para Muérdago de segunda, o pimentão recheado que a Chamuca pediu no café do terminal e não conseguiu comer e repartimos o resto: ficaram sessenta e um pesos para cada um.

Sentamos numas poltronas para esperar a hora de entrar no ônibus em que ia a Chamuca.

— Que é que você vai dizer a sua prima? — perguntei.

— Que briguei com você. Quando você chamar pelo telefone será para pedir-me perdão, quando você vier me buscar será porque nos reconciliamos.

Eu sabia que a Chamuca era muito sagaz, mas às vezes esquecia.

— E você — perguntou ela —, o que é que vai dizer a seu tio?

— Não tenho a menor ideia.

O momento mais triste do dia chegou quando vi o rosto da Chamuca através da janela enquanto o ônibus dava ré para pegar a saída. Ela baixou o vidro e percebi que estava chorando, depois o ônibus virou e a perdi de vista. Fiquei parado um instante na plataforma vazia, e percebi que levava na mão o poncho de Santa Marta.

¹ *Tamal de cazuela*: massa de milho com manteiga envolta em folha de bananeira ou de milho, recheado de carne, com molhos diversos.

² Refere-se ao *huipil* — camisa de algodão, decotada, finamente bordada, sem mangas, longa até os quadris e larga.

³ Zapatista — refere-se a Emiliano Zapata, líder revolucionário que desejou realizar a reforma agrária e foi assassinado em 1910.

⁴ Refere-se a *quesquémetl*: pano quadrado bordado, sem manga, com um buraco para passar a cabeça.

⁵ *Guajira* — canto popular cubano.



Não esquecerei minha chegada a Muérdago. Fiquei parado na esquina dos portais olhando as pessoas que davam voltas na Praça de Armas ouvindo a serenata. Com prazer teria trocado de lugar com qualquer um deles. Senti-me cansado, perseguido e desorientado. O dia havia sido difícil e com sobressaltos, mas naquele momento me parecia pouco comparado com a perspectiva de enfrentar naquela noite um tio velho que quase não me conhecia nem me esperava nem me queria nem me havia visto em dez anos, e contar-lhe a história que havia inventado no caminho.

No relógio da paróquia faltavam 10 para as oito. Estive tentado a atravessar a rua, entrar no Hotel Universal, alugar um quarto, dormir e não voltar a lembrar-me da entrevista até o dia seguinte. Detiveram-me os sessenta e um pesos que levava no bolso e o fato de que por não levar bagagem era possível que me pedissem que pagasse adiantado. Além disso, não queria chamar atenção e a minha barba e a roupa eram francamente suspeitos. Fazendo um esforço percorri os portais, dei a volta na rua da Sonaja e caminhei até reconhecer o portão largo e os três balcões da casa de meu tio Ramón Tarragona. Quando bati na porta as mãos estavam suando.

Uma mulher loura abriu. Ficamos olhando-nos em silêncio. Então percebi aquela boca pintada de vermelho e aquele sinal bem grosso no queixo que eu já havia visto em algum lugar. Era quem menos eu esperava encontrar e quem menos tinha vontade de ver: Amália Tarragona de Henry, sobrinha de meu tio Ramón e minha prima por afinidade.

— Que deseja? — perguntou sem me reconhecer.

— Sou Marcos — disse-lhe.

Ela olhou meus pertences, o poncho de Santa Marta e minhas botas argentinas.

— Que Marcos?

Nunca me quis, como não quis nada do que tinha a ver com minha falecida tia Leonor, mas poderia ter me reconhecido apesar da barba, como eu a reconheci apesar dos cabelos louros.

— Sou Marcos, o Negro, seu primo.

— Marcos, Marcos González, que milagre, quantos anos sem ver você, como você mudou! Que é que você anda fazendo por aqui?

Enquanto dizia estas palavras, que pareciam de boas-vindas, eu a vi colocar a perna atrás da porta para evitar que eu a abrisse dando-lhe um empurrão.

— Quero ver meu tio Ramón — disse-lhe.

— Veja, que azar: você chega no momento em que está comendo e o doutor deu ordens para que ninguém interrompa sua alimentação, porque pode fazer-lhe mal.

— Posso voltar daqui a pouco.

— Imagine que daqui a pouco vai ser pior, porque vai estar dormindo.

— Poderei vê-lo amanhã?

— Olhe, francamente não, porque com a emoção de vê-lo quem sabe como ficará. Esteve com a saúde muito delicada, sabe?

Eu estava confuso e não sabia o que responder.

Ela disse:

— Você não sabe que pena eu tenho de não poder deixá-lo entrar!

Adeusinho — e fechou a porta.

Fiquei ali de pé um momento, completamente desconcertado. Comecei a andar pela rua escura, afastando-me da praça. Já que estava em Muérdago tinha que ver meu tio mesmo que fosse para pedir-lhe dinheiro e prosseguir viagem. Decidi ficar no hotel e fazer outra tentativa de vê-lo no dia seguinte, mas não quis voltar à Praça pela mesma rua, com medo... sim, com medo de encontrar-me outra vez com Amália. Preferi dar a volta toda no quarteirão.

Foi uma felicidade fazê-lo, porque ao dobrar a segunda esquina vi um homem de chapéu que estava fechando a porta de uma farmácia.

Reconheci Don Pepe Lara, o amigo de meu tio.

— Don Pepe — saudei-o.

Olhou-me um momento e deteve-me com um gesto quando viu que eu ia dizer-lhe meu nome.

— Não me diga quem você é.

Agarrou-me pelo braço e me fez girar até que a luz do lampião bateu no meu rosto. Ele é um velho pequenino de cabelos brancos com óculos de aro redondo e nariz bicudo. Parece uma coruja. Olhou-me nos olhos um instante antes de falar.

— Você é o sobrinho de Leonor. Você se chama... Marcos.

Rimos os dois, ele me deu um abraço e me disse: — Bem-vindo a Muérdago.

Depois afastou-se um passo para ver-me de corpo inteiro e disse: — Rapaz, você parece o Martin Fierro.

Senti como nunca a urgência de tirar a barba e trocar de roupa.

— Mas por que Ramón não me disse que você estava em Muérdago?

— Porque não vi meu tio.

Disse-lhe que havia estado na casa de meu tio e que Amália não me havia deixado entrar. Não se surpreendeu.

— Amália — disse — é uma mulher cheia de ideias tortas a quem mais vale não contrariar, mas vou propor-lhe uma coisa: fique para dormir em minha casa esta noite e amanhã esperamos Amália ir para a sua loja e vamos os dois ver Ramón; você verá como ele terá muito prazer em vê-lo e quando Amália voltar já não se atreverá a mandá-lo embora. Que acha?

Achei muito bom. Don Pepe me perguntou se havia jantado, se tinha bagagem, se queria que fôssemos ao Cassino para tomar uns tragos ou se preferia que os tomássemos em sua casa — preferi o segundo —, ele empurrou a porta entreaberta que estava junto à farmácia, fez-me entrar em um vestibulo cheio de plantas, abriu outra porta, acendeu a luz da sala e deu um grito:

— Jacinta!

Era uma sala antiga, de província, com piano vertical, tapete de lã, retratos de antepassados, bandeja de Puruándiro e duas vitrines, uma com figuras de porcelana e de barro, a outra com garrafas de licor e taças. Don Pepe tirou o chapéu e pendurou-o no cabide. Compreendi que o colocava para ir de casa à farmácia, que fica a apenas dois metros. Tirou uma chavezinha do bolso e abriu a segunda vitrine.

— O que é que você prefere, Fundador ou Martell?

Preferi Martell. Quando Don Pepe servia as taças entrou na sala uma mulher reumática, que havia posto um avental sobre o vestido negro e parou na porta ao ver-me e exclamou:

— Ai, Jesus, mil vezes!

— Mas que é que há? — perguntou Don Pepe —, você não o reconhece? É Marcos, sobrinho de Leonor e Ramón.

— É que agora tem barba — disse dona Jacinta...

E botas argentinas e poncho de Santa Marta, pensei eu.

— Com tudo isso e a barba — disse Don Pepe —, eu o reconheci imediatamente, porque olhei nos olhos, que são idênticos aos de sua tia Leonor.

Dona Jacinta aproximou-se de mim sorrindo timidamente e me deu a mão, dizendo:

— Desculpe-me por não havê-lo reconhecido, mas é que agora as pessoas se vestem de maneira tão esquisita que parecem que vieram da montanha.

Seu marido interveio: — Marcos não parece um caipira, parece um homem moderno — e dando por terminada a discussão, continuou: — Traga azeitonas e queijo, ao que tiver para jantar acrescente um filé com batatas fritas e depois prepare a cama do quarto de hóspedes, porque Marcos vai ficar para dormir aqui.

Quando dona Jacinta saiu da sala, Don Pepe e eu sentamos num sofá que rangia e ele me contou o que havia acontecido com meu tio nos três anos decorridos desde a morte da esposa. No primeiro ano de sua viuvez, disse-me, meu tio Ramón se vestia de negro, ia com frequência ao cemitério com flores e deixou de jogar bilhar em sinal de luto. No segundo, em troca, deu de tomar até duas garrafas de mescal¹ sentado na poltrona giratória de seu escritório. Uma tarde, Zenaide, a antiga criada de meu tio Ramón, chegou à farmácia e disse a Don Pepe: "O patrão está no chão e não quer levantar". Don Pepe encontrou meu tio no chão do escritório, de bruços, chorando sobre o tapete. "Que é que há, Ramón?", perguntou. Meu tio deixou de chorar e respondeu: "É que já me convenci de que a vida sem Leonor não tem graça nenhuma". Nos dias que se seguiram, Don Pepe, preocupado com esta revelação, perguntou ao doutor Canalejas se considerava o meu tio capaz de chegar ao suicídio, e o doutor Canalejas respondeu que em sua opinião, meu tio era capaz de qualquer coisa.

Mas meu tio Ramón não se suicidou. Teve uma embolia. Esteve à beira do sepulcro, mas salvou-se. Saiu do hospital paralisado de um braço e uma perna, numa cadeira de rodas. O doutor Canalejas garantiu que com cuidado e disciplina meu tio viveria um ano mais.

— Então — disse Pepe —, entraram em cena os filhos do malandro.

Os filhos do malandro são os Tarragona, meus primos, os filhos do irmão de meu tio, eu sou filho de uma irmã de Leonor, sua esposa. Meu tio Ramón e minha tia Leonor nunca tiveram filhos. Don Pepe continuou:

— Não é que eu insinue que o que seus primos fizeram foi pelo interesse da herança, mas a verdade é que eles são, além de você, os herdeiros visíveis, Ramón é o homem mais rico deste povoado, e eles nunca lhe haviam dado atenção até que souberam que só lhe restava um ano de vida. Desde que saiu do hospital eles se dedicaram a cuidar até de seu pensamento: Amália está, com a filha, morando na casa de Ramón, para poder atendê-lo. Afonso cuida dos negócios, Fernando administra a fazenda e Geraldo, que não sabe fazer nada, vai todas as tardes perguntar a ele como se sente.

O ano que o doutor Canalejas havia dado de vida a meu tio havia passado e ele continuava vivo.

— E agora — disse Don Pepe, dando o assunto por encerrado — quero saber de você. Casou-se?

— Não.

Havia decidido não mencionar a Chamuca.

— Quantos anos você têm?

— Trinta e dois.

— Fez muito bem em não se casar. Não deve se precipitar. Eu me casei aos quarenta. A última notícia de você é que estava estudando engenharia de minas em Cuévano, você está exercendo a profissão?

— Sou consultor de minas — com esta frase apaguei de meu passado os cinco anos de monotonia no Departamento de Planejamento.

— E em que consiste isso?

— Tenho um escritório particular e quando alguma companhia de minérios necessita alguma perícia, exploração ou amostragem, contrata-me. Vivo disso.

— Que interessante! Deve estar indo bem.

Estava olhando minhas botas argentinas. Decidi não exagerar.

— Estou apenas começando.

— E que milagre o traz aqui depois de tanto tempo de ausência?

— Vim propor um negócio ao meu tio, mas não sei se será prudente fazê-lo agora que está tão doente.

— Diga-me qual é o negócio e eu lhe direi se é prudente ou não propô-lo.

— O senhor sabe o que é a creolita?

— Não tenho a menor ideia.

— O mineral de que se obtém berílio, um metal muito usado na indústria. As ligas de berílio têm uma resistência muito alta às deformações produzidas pelas mudanças de temperatura e por isso são muito apreciadas. Ultimamente o berílio subiu de preço, porque há escassez mundial.

— Barbaridade! E que mais?

— Eu sei onde há uma jazida de creolita.

— E você quer vendê-la a Ramón.

— Não precisamente. Quero propor uma sociedade: eu lhe digo onde está a mina, ele põe o dinheiro, eu administro e dirijo a exploração, meu tio recupera sua inversão e repartimos os lucros.

— Parece-me justo. Como se faz o trabalho?

— É relativamente simples. Faz-se a escavação, aluga-se a maquinaria, tira-se o mineral e põe-se em caminhões para levá-lo para beneficiar em Cuévano. É uma jazida pequena que se esgotará em uns seis meses de produção. Por isso não proponho esse negócio a uma das grandes companhias; não lhes interessa.

— Onde está a mina?

— Não posso dar-lhe este dado, porque é a única coisa que vendo.

— Quanto dinheiro se necessita investir?

— Um milhão de pesos.

Don Pepe levantou-se do assento e disse-me, olhando-me com muita formalidade:

— Tudo parece indicar, rapaz, que o que você vem propor é justamente o que faz falta. O que Ramón tem não é tanto estar muito doente, mas morrer de tédio. Um negócio como o que você vai propor, diferente, novo para ele, interessante e ao mesmo tempo não demasiadamente arriscado, pode fazer-lhe muito bem. Se perde um milhão de pesos ou ganha dois, não importa, importa é que se distraia e deixe de pensar em sua doença.

Repassei mentalmente o relato que acabava de fazer e enchi-me de admiração. Com umas quantas mentiras havia justificado minha viagem a Muérdago e o calote que pensava dar em meu tio; além disso, a barba, o poncho de Santa Marta e as botas argentinas haviam adquirido de repente

um aspecto respeitável, por serem os atributos de quem percorreu as serras em busca de minerais.

Don Pepe lançou a cabeça para trás e olhou-me por baixo dos aros dos óculos.

— Previno-o que, se a mina interessar a Ramón, os filhos do malandrão vão detestá-lo.

Parecia divertido.



A cama que dona Jacinta preparou para mim era larga e fofa, os lençóis e as fronhas estavam imaculados. Uma vez deitado abri um livro que Don Pepe me havia recomendado: *O jardim medicinal* de dom Eustáquio Pantoja. O autor era um médico cuevanense de começos do século — explicou-me Don Pepe — que havia dedicado sua vida a compilar, pôr em ordem e escrever em uma linguagem relativamente clara, as receitas dos curandeiros indígenas da região. Li os usos da beladona, para que serve a arruda e no meio da descrição da língua de gato adormeci. Sonhei que estava em um aeroporto muito grande em uma cidade desconhecida procurando a Chamuca, sem poder encontrá-la. Acordou-me o estrondo dos sinos da paróquia chamando para a missa. Um raiozinho de sol entrava pelos caixilhos. O quarto era branco. Depois de um momento agradável lembrei de minha situação.

Don Pepe e dona Jacinta estavam no pátio, no meio de uma discussão. Ele, que estava de casaco velho e sem gravata, insistia que o animalzinho que ela estava quase matando, esmagando com o cabo da vassoura, era inofensivo, ela dizia que era uma centopeia, cuja picada é mortal. Quando Don Pepe começou a demonstrar que aquele animal não podia ser o que ela acreditava, dona Jacinta empunhou a vassoura e acabou com o animal e com a demonstração. Don Pepe se pôs vermelho, mas nesse momento deu-se conta de que eu estava no corredor e perguntou-me como havia passado a noite.

— Gostaria de me barbear — disse —, pode me emprestar uma navalha?

Os dois se olharam de modo tão aprovador que compreendi que haviam discutido minha barba e chegado à conclusão de que era supérflua. Don Pepe disse que tinha uma navalha inglesa, de barbeiro, com que se barbeava em ocasiões solenes, como o dia do aniversário e a véspera do Natal.

— Vá buscá-la — disse à esposa —, está em meu guarda-roupa. Traga também um frasco de água-de-colônia.

Enquanto dona Jacinta obedecia, comentei como tinha achado interessante o livro do doutor Pantoja.

— Fique com ele — disse Don Pepe. Mostrou-me algumas plantas que tinha nos canteiros. — Esta é dormideira — falou, mostrando uma planta de folhinhas diminutas que dava flores azuis. — É muito versátil. Em infusão é sonífero, macerada e colocada nas fossas nasais cura os sintomas do catarro, misturada com abrótno macho e tomada em infusão como água, provoca o aborto.

Tinha grande fé nas plantas medicinais e lamentava que muitas houvessem caído em desuso.

— Os médicos modernos não sabem usá-las — disse. — Receitam remédios de marca, que são mais caros que as ervas e muitas vezes são menos eficazes.

Acrescentou que o doutor Canalejas havia posto meu tio em tratamento à base de um remédio caseiro que se provara estupendo.



Ao ver meu antigo rosto no espelho do banheiro fiquei mais tranquilo, mais jovem e mais inocente. Quando entrei na sala de jantar de barba feita, meus anfitriões aplaudiram.



Não muito longe ouvia-se uma disputa de pardais. O céu azul cobalto da Quaresma pendia sobre Muérdago. À nossa esquerda ficavam as torres

cor-de-rosa da paróquia, as casas de dois andares e os lauréis da Praça de Armas. No resto do campo visual estendia-se a cidade plana, de telhados, amenizada em alguns trechos por uma torre, uma cúpula ou um freixo isolado. Ao longe estavam os campos semeados e ao fundo a serra.

Don Pepe e eu estávamos encolhidos atrás dos canteiros de gerânios. Havíamos subido até o terraço de sua casa para observar a de meu tio, que era contígua. A nossos pés estavam os galinheiros, mais atrás o pátio de serviço e ao fundo conseguíamos ver um pedaço do pátio principal e do corredor. Queríamos estar seguros de que Amália tivesse saído da casa de meu tio quando chegássemos para visitá-lo. Don Pepe tinha informações de que ela ia todas as manhãs à sua loja de roupas de mulher, a Casa Amália.

— Parece — disse Don Pepe — que vai apenas perguntar pelas novidades e buscar o dinheiro que entrou no dia anterior, mas isso nos basta.

As galinhas começaram a cacarejar, a portinha do galinheiro abriu-se e entrou uma moça seguida de um cachorro.

— É Lucero — disse Don Pepe.

A filha de Amália e do gringo, seu marido, que dez anos atrás havia sido a menina pálida, havia-se convertido em uma mulher muito bonita. Oculto atrás dos gerânios, observei-a: tinha o cabelo castanho-claro, os braços dourados, apoiada nos quadris levava uma cesta cheia de milho. Meteu a mão na cesta e começou a jogar milho para as galinhas, que se alvoroçaram. De vez em quando o cachorro dava um pega numa galinha que fugia espantada. Os movimentos de Lucero eram pacíficos.

Quando o milho acabou, Lucero sacudiu a cesta dando-lhe um golpe de quadril e saiu do galinheiro seguida do cachorro, fechando a portinha. Don Pepe e eu nos levantamos.

— Como é bonita! — exclamei.

— Sim, é bonita — disse Don Pepe, procurando cigarros no bolso do casaco.

Sentamos no banco de pedra que havia no terraço e fumamos.

Um minuto depois ouvimos o barulho de saltos. Postamo-nos outra vez atrás dos gerânios. No corredor da casa de meu tio vimos Amália passar muito penteada, vestida de roxo, com uma sombrinha cor-de-rosa nas mãos, seguida de sua filha alguns passos atrás.

— Sua prima — disse Don Pepe — é a única mulher em todo o Estado del Plan de Abajo que usa guarda-chuva em tempo de seca.

Quando ouvimos que o portão se fechava começamos a descer a escada.



Meu tio Ramón Tarragona estava no corredor de sua casa, sentado em uma cadeira de rodas, lendo o *Excelsior*. Don Pepe e eu estávamos no meio do pátio, entre as begônias e as dalias — Zenaide, a antiga empregada, nos havia aberto o portão, me havia reconhecido imediatamente e se havia alegrado ao ver-me. "Oito terroristas presos", li na primeira página do jornal que meu tio tinha nas mãos. Ele, ao ouvir nossos passos, inclinou-o e seu rosto ficou descoberto. A metade direita de meu tio era a de um homem velho mas vivaz e cheio de inteligência, a metade esquerda, em compensação, parecia uma cópia da anterior, malfeita e desprovida de expressão. Apenas o olho desse lado, que me espiava acima dos óculos, parecia ter vida.

— Adivinha quem é — disse Don Pepe.

Fiquei parado, com o poncho de Santa Marta e o livro do doutor Pantoja na mão. Não sabia o que fazer: queria ler o que dizia o jornal, queria ver o rosto de meu tio, e ao mesmo tempo queria que meu tio encontrasse em mim os traços inequívocos do homem honrado — os olhos francos que olham de frente sem pestanejar. Meu tio terminou por absorver minha atenção quando a metade direita de seus lábios se separou deixando entrever gengivas vermelhas e dentes amarelados. Demorei um instante para perceber que era um sorriso.

— É Marcos — disse. Sua voz era a de sempre. Deixou cair o jornal quando levantou o braço direito.

— Quer dar-lhe um abraço — disse Don Pepe em voz muito baixa.

Subi pesadamente os quatro degraus que separavam o pátio do corredor e dei a meu tio Ramón o abraço incômodo que permitiam o jornal, que estava entre as pernas de meu tio e o chão, a cadeira de rodas, o poncho que eu levava na mão e o livro do doutor Pantoja. Eu cheirava a

roupa suada, meu tio a sabonete importado. Ele estava vestido com gravata, paletó e calça de casimira.

— Como está? — tive a ideia de perguntar.

— Como você pode ver, fodido — respondeu.

Don Pepe apanhou o jornal e o pôs sobre uma mesinha.

— Quando você chegou? — perguntou meu tio.

— Acaba de descer do ônibus — disse Don Pepe.

Havíamos decidido não mencionar o acontecido na noite anterior.

— Aproximem as cadeiras — ordenou meu tio.

Obedecemos e nos sentamos. Meu tio continuou ordenando, dirigindo-se a mim:

— E agora, diga-me. Que aconteceu com você?

Repeti as histórias que havia contado a Don Pepe na noite anterior. Meu tio, enquanto isto, tirou do casaco uma piteira, pôs na boca, um Delicado e o colocou na piteira, um isqueiro e acendeu o cigarro, usando apenas a mão direita. Fumou enquanto eu falava. Don Pepe, que havia tirado o chapéu, sentou-se na beira de uma cadeira de balanço, apoiou as mãos nos joelhos e ficou a olhar-me atento como se não houvesse escutado o que eu estava dizendo e esperasse que minha narrativa fosse interessantíssima.

Voltei a não mencionar nem a Chamuca, nem o Departamento de Planejamento, em troca, enriqueci a minha profissão inventada com novos detalhes: disse que meu escritório estava nas ruas de Palma e dei os nomes de três empresas que haviam contratado meus serviços. O interesse com que meu tio me escutou e a benevolência que eu parecia inspirar-lhe me encheram de confiança. Meu tio interrompeu meu relato.

— Diga-me o motivo de sua vinda.

— Propor-lhe um negócio.

— Ah, sim? É bom que valha a pena — disse meu tio e acendeu outro cigarro na brasa do anterior. Em que consiste?

— Sabe o que é a creolita?

— Não.

— É um mineral que...

— Não me diga o que é, diga-me o que tem a ver com o negócio.

— Que eu sei onde há creolita.

— Quanto custa tirá-la?

— Um milhão de pesos.

— E assim que a extraímos por quanto a vendemos?

— Entre quatro e cinco milhões.

— Quanto tempo levamos para extraí-la?

— Não mais de seis meses.

— Está bem. Interessa-me o negócio.

Don Pepe interveio: — Não lhe responda assim — disse a meu tio. — Deixe que nos explique — e perguntou dirigindo-se a mim: — Como se extrai a creolita?

— Neste caso é muito simples, porque há uma galeria que chega à jazida. É uma mina abandonada.

— Está no Estado do Planalto de Baixo? — quis saber meu tio.

— Sim.

— Melhor, porque se tivermos problemas de licença o Governador nos dará uma mãozinha, pois é meu amigo. Aceito o negócio.

Eu, assim como Don Pepe, senti que estávamos chegando a um acordo depressa demais.

— Previno-o, tio — disse —, que antes de fazer a inversão total convém fazer o que se chama um estudo de custos e lucros, o que inclui um levantamento topográfico e umas amostragens para se ter uma ideia aproximada do volume do mineral explorável, porque as cifras que lhe estou dando no momento são por alto.

— Parece-me muito sensata essa atitude — disse Don Pepe.

Meu tio fez um gesto de resignação. — Pois que se faça o estudo de custos e lucros.

Este era o momento que eu havia esperado. — Custa cinquenta mil pesos — disse.

— Se posso pagar um milhão, posso pagar cinquenta mil pesos.

— Mas vai ter de pagá-los ainda que os resultados do estudo indiquem que não convém fazer o investimento — adverti.

Meu tio vacilou um momento antes de dizer: — De acordo, mas se indicam o contrário vamos dividir pela metade. Que acha?

Concordei.

Meu tio disse: — Empurre-me até o escritório e vamos fazer o contrato agora mesmo.

Empurrei a cadeira de rodas, Don Pepe guiou-me e abriu a porta do escritório, que era um quarto amplo e um pouco escuro cujos elementos fundamentais eram a escrivaninha inglesa e a caixa-forte antiga, de ferro

negro. Havia também uma estante com quatro livros de agricultura e uma Constituição do Estado do Plano de Baixo, vários arquivos de madeira, um sofá e duas poltronas de couro. Escrevemos o convênio a mão, Don Pepe um tanto e eu o outro. Eu me comprometia a entregar a meu tio amostras de creolita, de lei superior a 08, num prazo de cinco dias a partir da data, meu tio se comprometia e entregar-me dez mil pesos, como adiantamento por conta de honorários a receber junto com os resultados da análise e das provas de que a jazida que íamos explorar não tinha inscrição vigente no Registro Mineiro. Nos dez dias seguintes eu lhe entregaria o estudo dos custos e lucros e ele me pagaria quarenta mil pesos, qualquer que fosse a decisão posterior. Se a mina fosse explorada eu seria o administrador, meu tio recuperaria sua inversão e dividiríamos os lucros. Meu tio e eu assinamos e Don Pepe e Zenaide — que não sabia nem ler nem escrever mas apenas assinar e que não quis ouvir o que o convênio dizia — assinaram como testemunhas.

Quando Zenaide se retirou, meu tio fez girar os discos da caixa-forte e a abriu, mas em vez de guardar nela seu exemplar do contrato, que era o que acreditei que ia fazer, tirou da caixa uma garrafa de mescal e três taças. Minha surpresa fez meu tio rir. Don Pepe me explicou:

— O doutor Canalejas acredita que uma taça de vez em quando é proveitosa para Ramón; Amélia, em troca, considera o álcool mortal para ele.

— Também não me deixa fumar — disse meu tio. Serviu as taças com a mão sadia e perguntou: — Como se chama essa mina?

— Covadonga — disse.

— A Covadonga, então — disse meu tio, levantando a taça.

Bebemos os três. Nesse momento ouvimos ranger o portão ao se abrir. Em um instante a situação mudou. Meu tio e Don Pepe esvaziaram as taças até o fim, meu tio pôs a piteira entre os lábios, arrancou o cigarro e antes que eu tivesse tempo de perguntar "o que há", o pôs entre meus dedos, piscou o olho sadio, guardou a piteira no bolso do casaco e, com um movimento rápido, jogou seu exemplar do contrato no interior da caixa-forte.

— Guarde isso — disse-me apontando minha cópia do contrato.

Eu a dobrei e meti no bolso da camisa. Don Pepe, enquanto isto, havia guardado a garrafa e as taças na caixa-forte, fechado a porta e apagado a combinação.

— Finjam que conversam — disse meu tio.

Não pudemos. Ficamos os três ouvindo os saltos de Amália que se aproximavam pelo corredor. Ela se deteve na soleira e ficou nos olhando assombrada.

— Boas tardes. Quem está aqui?

Na mão levava a sombrinha cor-de-rosa, que evidentemente não havia aberto. O vestido roxo ressaltava suas formas espetaculares de elegante dos tempos do presidente Lopez Mateos: nádegas em forma de pera, cinturinha e os peitos levantados milagrosamente. Sua pele morena era mais escura que o cabelo tingido de louro, depilava as sobrancelhas, em compensação tinha pelos negros nas pernas e olhos esplêndidos mas míopes; apenas conseguiu distinguir três figuras; deu um sorriso vagamente cordial, que deixava ver dentes fortíssimos.

— É Marcos — disse meu tio Ramón.

O sorriso desapareceu. — Ah, olá. Tem cheiro de cigarro.

— Marcos e eu fumamos muito — mentiu Don Pepe.

Meu tio pôs fim à interrupção: — Marcos vai passar uns dias conosco. Encarregue-se de que lhe arrumem o quarto das gêmeas.

O olhar que Amália me lançou estava carregado de má vontade, mas sorriu para meu tio, disse "como você quiser", deu meia-volta e os três a vimos se afastar, uma figura roxa, apoiada em pernas que por alguma razão me pareceram provocadoras.



Quando Don Pepe se despediu e meu tio quis ir para seu quarto, fiquei sozinho. A primeira coisa que fiz foi ir até a mesinha do corredor e abrir o *Excelsior*. Na página doze apareciam as fotos de todos os que haviam estado na minha casa na antevéspera — menos Pancho. Alguns pareciam criminosos, especialmente Manotas. Lídia Reynoso parecia heroína de guerra espanhola. Ifigênia Trejo parecia arrependida. O texto falava da festa: havíamos nos reunido na minha casa "para planejar novos golpes". Os sete haviam confessado ser do "Grupo de Libertação Gualtério Gómez" e responsáveis pelo incêndio dos armazéns O Globo. Dois membros do bando haviam conseguido escapar, dizia a informação, mas esperava-se

que de um momento para outro caíssem em mãos dos agentes da Direção de Investigações. Não aparecia meu nome nem o de Chamuca nem, pelo visto, a polícia entregara aos jornais as nossas fotos que certamente tinham encontrado no apartamento. Os agentes haviam descoberto o automóvel dos fugitivos, abandonado em um estacionamento das ruas de Edison.

Deixei o jornal na mesinha e fui até o quarto das gêmeas que já conhecia e era o último do corredor. Ao passar pela porta aberta que dá para o quarto de dormir de Amália, ouvi a voz desta que dizia:

— ... Parece que veio propor um negócio...

Estava falando ao telefone, sacudindo vigorosamente com a mão algo que havia caído no vestido, sobre os seios. Deixou a frase pela metade quando me viu. Ficamos nos olhando um instante em silêncio, depois ela empurrou com o pé a porta até fechá-la e eu continuei andando. Ouvi que dizia:

— O Negro acaba de passar e me ouviu.

¹ Aguardente bem barata, de fermentação primitiva.



O quarto das gêmeas pertenceu inicialmente a duas irmãs de meu tio Ramón que nasceram gêmeas e morreram juvenzinhas, de gripe espanhola, em uma mesma semana de 1920. Conservou-se intacto e servia para receber visitantes ocasionais — eu o conhecia por haver passado nele duas temporadas quando visitei, garoto ainda, a casa de meu tio. Era um quarto "feminino": o papel que o forrava era cor-de-rosa, as colchas da cama eram azul pálido, os tapetes eram azul forte e na parede havia uma aquarela que representava um Pierrô. Tudo estava desbotado. Uma mulher havia tirado uma das colchas e estava inclinada desdobrando um lençol. Eu podia ver seu cabelo castanho-claro, seus braços rijos, ligeiramente bronzeados: era Lucero.

Nem tinha ouvido meus passos nem se dera conta de que eu estava no umbral. Logo se endireitou e com um movimento rápido abriu os braços e fez voar o lençol aberto. Os dois nos sobressaltamos, ela ao dar-se conta de que não estava só e eu ao compreender que estava diante de uma mulher completamente desenvolvida. Quando o lençol caiu sobre o colchão ela se acalmou, antes de mim, e me disse:

— Você é Marcos.

— Você é Lucero.

— Você me ensinou um jogo de cartas que se chama canastra de duas mãos.

— Você era uma menina magra que ficava no corredor chorando de tédio.

Olhou-me de cima a baixo. — Não o teria reconhecido — disse.

Fez-me sentir embaraçado. Pus numa cadeira o poncho de Santa Marta e o livro do doutor Pantoja.

— Nem eu a você.

— Você era muito bonito — disse ela.

— Você era horrível.

Ela riu e começou a colocar as pontas do lençol sob o colchão. Fui à janela e olhei as ruínas do que haviam sido as cavalariças.

— Quando foi isso? — perguntou Lucero.

— Há dez anos.

— E agora, pareço-lhe horrível?

Olhei-a um momento e depois disse: — Não.

Ela voltou a rir e disse, sem deixar de arrumar a cama: — Ainda lembro do jogo que você me ensinou. Às vezes eu jogo.

— Eu esqueci. E agora, o que faz?

— Arrumo a cama.

— Além disso, quero dizer, você estuda?

— Jogo xadrez com meu tio.

— Por quê? Digo, por que você não estuda?

— Porque terminei o segundo grau que é o máximo que se pode estudar em Muérdago. Ia a Pedrones fazer medicina, mas então meu tio ficou doente e minha mãe e eu tivemos que vir a esta casa cuidar dele.

— Que azar.

— Não me pesa. Faço outra coisa: desenho.

— Você desenha o quê?

— Rostos. Faço retratos de pessoas.

— E quando você termina, o que faz com eles?

— Atiro na lata de lixo.

Não usava sutiã. Ajudei-a a estender a colcha. — Você se dá bem com meu tio?

— Melhor que com ninguém e ele gosta de mim como de ninguém.

Olhei-a com respeito. A cama estava pronta. Nesse momento entrou Amália.

— O que faz aqui?

— Vim arrumar a cama.

— Zenaide é que devia fazer isso.

— Ela estava pondo a mesa.

Enquanto eu analisava como eram diferentes mãe e filha, Amália virou-se para mim:

— Onde está sua bagagem?

— Nessa cadeira — disse, mostrando o poncho de Santa Marta e o livro do doutor Pantoja.

Amália olhou-os incrédula um instante, mas não fez nenhum comentário. Preferiu dizer:

— Meu tio nos espera na mesa.

Saiu do quarto, Lucero me deu uma piscadela antes de segui-la e fechei a marcha.



Na mesa dos Tarragona sempre couberam dez comensais com largueza. Dizem que quando meu tio a herdou com a morte de seus pais, opôs-se a que lhe tirassem o comprimento para fazê-la menor. Durante muitos anos, na maioria das vezes, sentavam-se dois à mesa: meu tio Ramón na cabeceira e minha tia Leonor a seu lado. Naquele meio-dia a mesa continuava enorme e estava coberta com uma toalha branca muito limpa. Meu tio parecia o Deus Pai, sentado à cabeceira, de costas para a cristaleira amarela, com um guardanapo branco, seguro por duas pinças, que lhe cobria o peito. A sua direita havia dois talheres e à sua esquerda três, diante do segundo destes estava sentado o gringo. O gringo é Jim Henry, marido de Amália e pai de Lucero. É um homem muito alto, penteado de lado, sempre com um topete levantado. Não havia envelhecido um minuto nos dez anos que eu havia deixado de vê-lo. Vestia a mesma camisa de lenhador. Quando me viu entrar não se admirou nem pareceu alegrar-se, nem sequer me estendeu a mão. Continuou tirando o guardanapo do aro e o pôs entre as pernas.

— Olá — disse.

— Olá — respondi.

— Para quem é o sexto talher? — perguntou meu tio.

— Para Afonso, meu irmão — respondeu Amália —, ele disse que viria almoçar.

— Que quererá?

— Creio que ver como você está e saudá-lo.

— É necessário dizer a Afonso que quando quiser ver como estou e saudar-me deve perguntar-me antes se quero vê-lo, em vez de avisá-la que

vem almoçar.

Amália mordeu o lábio e ordenou-me com certa ferocidade:

— Sente-se aqui.

Eu estava quase me sentando perto de Lucero, à direita de meu tio. Amália fez com que eu me sentasse junto ao gringo, no lugar mais afastado da cabeceira. Amália sentou-se entre o gringo e meu tio. No mesmo instante em que Amália, que foi a última a sentar, pôs as nádegas sobre a cadeira, Zenaide entrou pela porta com a sopeira de porcelana branca, e foi colocá-la na mesa, ao lado de Amália, que serviu os pratos e os repartiu na seguinte ordem: a meu tio, ao gringo, a Lucero e a mim por último. Pouco faltou para que ela se servisse antes de me passar o prato. O gringo, que parece que tem um pescoço soldado e não pode girar a cabeça sem fazer girar todo o tronco, tratou de entabular conversa comigo:

— E que novidades há em Cuévano?

— Não sei. Há oito anos que não moro lá. Moro no México.

— Compreendo. E que novidades há no México? — etc. Lucero pôs manteiga numa *tortilla*¹, enrolou-a fazendo um *taquito*² e a deu a meu tio, fez outro e deu ao gringo, fez um terceiro e comeu ela própria. Não me deu nada. A sopa era de macarrão e foi servida segundo o que eu lembrava haver sido o costume de minha tia Leonor: cada comensal acrescentava a seu gosto pedacinhos de queijo branco e pimenta malagueta frita. Eu estava na terceira colherada quando entrou na sala de jantar um homem de sobranceiras muito grossas e bigodes finíssimos, vestido com um terno cor de abacate e uma camisa amarelo-palha. Levantou as mãos para pedir-nos que não nos movêssemos e viram-se reflexos de correntinhas, relógio de pulseira muito grossa e vários anéis, todos de ouro; ao mesmo tempo, dizia:

— Não se levantem, não se incomodem, não me façam caso, continuem tranquilos comendo.

Era meu primo Afonso Tarragona, o banqueiro, aliás o Dourado. Foi à cabeceira e tentou beijar a mão sadia de meu tio, mas este a negou e Afonso teve de se conformar em recolher a mão inerte, que estava sobre a toalha e a pôs nos lábios, depois beijou a face de Lucero, que tinha a boca cheia, saudou Amália e o gringo movendo a mãozinha, e só então pareceu perceber que eu estava ali sentado; reconheceu-me imediatamente e fingiu um estremecimento de prazer ao ver-me. Foi até mim com os braços abertos, deu a volta na mesa e disse:

— Primo, que prazer em vê-lo, que surpresa tão agradável!

Enquanto limpava a boca com o guardanapo e me punha de pé, decidi que Afonso era a pessoa que Amália havia avisado pelo telefone que "o Negro" estava em Muérdago. Saudamo-nos como generais, com abraço, palmada e aperto de mãos. Ele foi sentar-se junto a Lucero e eu continuei tomando a sopa. Afonso perguntou a meu tio:

— Como passou, como se sentiu, você não teve nenhuma nova indisposição?

— Não me senti nem melhor nem pior que outras vezes — disse meu tio.

— Como fico feliz! — comentou Afonso, e acrescentou, dirigindo-se aos demais. — Estes velhos de outrora têm uma constituição de ferro. Que inveja me dão! — e acrescentou, dirigindo-se a mim: — E você, Marcos, que ventos afortunados o trazem por estas bandas?

— É uma viagem de negócios — disse.

— Ah, entendo, e você aproveitou para vir saudar meu tio Ramón que não havia visto em... quanto?

— Dez anos.

— Dez anos! Barbaridade! Como passa o tempo! Então você não esteve em Muérdago quando morreu a minha tia Leonor?

Já a haviam promovido. Antes havia sido "a senhora de meu tio".

— Não — admiti.

— Nem sequer quando meu tio esteve enfermo, não é?

— É.

— Pois você vai encontrar isto muito mudado. De qualquer maneira, alegro-me que você tenha vindo agora, porque nos dá a oportunidade de tornar a vê-lo.

Tomou uma colherada de sopa, limpou os bigodes no guardanapo e continuou interrogando:

— Onde você guardou o carro?

— Não vim de carro, cheguei a Muérdago de ônibus.

— Puxa, sinto muito, nossa, como deve ser incômodo!

O gringo tomou a palavra: — Por que você não veio de carro, você não têm?

A colher cheia de sopa que Afonso ia pôr na boca ficou a meio caminho, Lucero deixou de untar de manteiga uma *tortilla* que ia dar a

meu tio, Amália e o gringo me observaram com atenção, só meu tio continuou comendo tranquilamente.

— Meu carro está no México — disse —, numa oficina de conserto, porque tive um acidente.

— Ah, caramba, que azar! — disse Afonso. — Que marca é? — perguntou o gringo.

— Uma picape International — menti, porque não podia dizer que meu Volkswagen estava na Procuradoria.

— E por que uma picape? — quis saber Afonso — Você tem uma criação de porcos ou o quê?

— Sou consultor de minas — disse.

A menção de minha profissão inventada produziu um silêncio respeitoso que durou quinze segundos.

— Você não tem outro carro? — perguntou o gringo.

Decidi que não estava em condições de inventar outro carro e outra razão para não usá-lo.

— Não — respondi.

— Também não tem bagagem — falou Amália.

Olharam-me em silêncio um momento, depois Afonso disse:

— Você teve de sair da cidade do México a toda pressa?

Enquanto eu pensava o que poderia responder, meu tio falou dirigindo-se a mim:

— Seus primos — disse — têm muito interesse em saber para que você veio a Muérdago, Marcos. Não se mortifique inventando pretextos. Diga-lhes a verdade. Diga-lhes que você veio porque eu mandei chamá-lo.

A atenção de todos, que havia estado fixada em mim, mudou para o meu tio, que, com muita calma, colocou na boca um punhado de macarrão que acabou sendo muito e que teve que puxar ruidosamente. Compreendi que o tormento havia passado quando vi que o *taquito* seguinte que Lucero fez foi para mim.

— Se você precisa de uma camisa — disse o gringo — eu posso emprestar-lhe.

— Obrigado, mas não me faz falta — disse, embora a que usava estivesse empapada.

— Se você quiser ir a algum lugar — disse Afonso —, seja a negócios ou para visitar os arredores por prazer, não vá de ônibus. Vá ao Banco de la Lonja, que fica aqui na esquina, pergunte pelo diretor-geral, que sou eu,

e diga-me sem cerimônia "Afonso, quero o carro" e eu lhe empresto logo o meu Galaxie.

Quando Zenaide trouxe o ensopado, Amália trocou a ordem da distribuição e me passou o prato que serviu depois do que deu ao meu tio. Mais tarde, ao levantarmos da mesa, enquanto o gringo acendia um charuto e Afonso e Lucero empurravam a cadeira de meu tio para o corredor, Amália pegou-me o braço e me disse com um sorriso que pretendia ser provocante:

— Suponho que você não disse ao meu tio que chegou a Muérdago ontem à noite, que veio até a casa e que eu não o deixei entrar.

— Não disse e não tinha a intenção de dizer.

— Fez bem. Meu tio teria um desgosto que poderia fazer-lhe mal, e além disso ele é culpado do que passou, por não avisar-me que o havia mandado chamar e que você estava para chegar, porque deve saber que ele deu ordens estritas para que não deixemos entrar nesta casa ninguém além da família e seus amigos mais íntimos.

Ao chegar a este ponto de seu discurso, Amélia compreendeu que havia cometido vários erros e começou a emendá-los:

— Claro que você também é da família, mas...

— Não se preocupe. Entendo sua situação.

Ao cruzar a soleira de braços dados tivemos que nos apertar um pouco e senti na minha coxa a pressão de sua nádega. Não sei se foi acidente. A parte de minha camisa que esteve em contato com ela ficou cheirando a heliotrópio.

Afonso despediu-se — disse que tinha um encontro às quatro com um enviado especial do Governador do estado —, voltou a oferecer-me o Galaxie e retirou-se. Os demais fomos para os nossos quartos "tirar uma pestana". Meu tio, empurrado por Zenaide e Lucero, entrou em seus aposentos, que eram os principais, os primeiros depois do escritório e os únicos que tinham banheiro individual, Amélia e o gringo entraram na porta seguinte do corredor, a terceira porta era a do quarto azul, que Lucero ocupava, a quarta era a das gêmeas. Não entrei nela, mas na que estava em frente, que era a do banheiro.

Era um banheiro enorme, com lambris de ladrilhos brancos. A privada estava sobre um estrado, o lavabo tinha um metro e vinte de largura, na banheira podia banhar-se uma família. De uma das torneiras de água do bidê estava pendurada uma calcinha negra, de renda. Pelo tamanho supus

que seria de Amélia. A porta podia ser fechada mas não trancada por dentro porque o ferrolho estava estragado.

No quarto, tirei o que tinha no bolso da camisa — os sessenta e um pesos e a cópia do contrato que havia feito com o meu tio — e pus sobre a cômoda, tirei as botas argentinas, vi que em uma das minhas cuecas havia um buraco e estendi-me sobre a cama que Lucero havia arrumado. Lembrei-me de Chamuca em duas imagens: primeiro seu rosto choroso, na janela, quando o ônibus partia, depois seu corpo nu, quando tirou a colcha e não quis fazer amor com medo de que Evódio nos ouvisse. O pintassilgo engaiolado que havia no corredor cantou, soaram as quatro na paróquia, uma vespa entrou pela janela aberta e depois de um reconhecimento tornou a sair, ouvi os saltos de Amélia no corredor e depois a porta do banheiro que se abria e fechava. Passou-se um segundo.



Não sei se foi um ruído insignificante que me fez olhar a porta, mas consegui ver a maçaneta que girava lentamente, a porta que se abria e, depois, pela abertura, aparecerem, primeiro os cabelos louros e logo as sobrancelhas negras de Amália. Fechei os olhos. Compreendi que havia entrado no quarto, porque ouvi seus pés descalços caminharem sobre o mosaico. Depois não ouvi nada. Entreabri os olhos. Na fresta que ficou entre minhas pestanas consegui ver Amália examinando o livro do doutor Pantoja, não encontrou o que procurava, deixou-o sobre o poncho, olhou em volta e deu um passo em direção à cômoda. Então me movi, tratando de imitar um dormente prestes a despertar. Amália parou, deu meia-volta e saiu do quarto. Depois a ouvi afastar-se fazendo ruído com os saltos. Quando tentava compreender o significado daquela visita estranha, adormeci.

Despertei depois das cinco, saí ao corredor e no pátio vi Amália com dois homens. Reconheci meus outros primos: Geraldo, o juiz, e Fernando, o agricultor. Amália falava com voz que não consegui ouvir, Geraldo escutava com os braços cruzados e as sobrancelhas grossas franzidas, Fernando acariciava os bigodes, pensativo. A atitude de ambos me fez suspeitar que Amália estivesse descrevendo os incidentes de minha

chegada e o que meu tio havia dito à mesa. Quando Fernando me viu, deu uma cotovelada em Amália, levantou a mão para saudar-me e sorriu forçado; Geraldo, mais comunicativo, abriu os braços e disse:

— Dê-me um abraço, primo.

Os dois vieram ao meu encontro enquanto sua irmã ficou atrás endireitando os elásticos do sutiã. Geraldo é gordo, de cabelos brancos e rosado, Fernando é magro e desajeitado; Geraldo estava de terno de casimira, Fernando de jaqueta e calça de linho; Geraldo me deu um abraço apertado, Fernando apenas as pontas dos dedos.

— Amália nos diz que vai passar uns dias em Muérdago, o que me dá muito prazer e a Fernando também, não é, Fernando?

— Sim, dá-me muito prazer.

— Você já sabe que neste povoado não há muito a fazer nem grande coisa para ver, mas de todo modo, se você quiser ir a algum lugar, conte comigo e com Fernando também, não é, Fernando?

— Sim, conte comigo, se é que eu lhe posso ser útil.

— Se em algum momento não tiver o que fazer e estiver amolado, venha ao juizado e podemos conversar ou jogar dominó. Fernando pode levá-lo à fazenda, não é verdade, Fernando?

— Sim, se você quiser ir, eu o levo.

— Agora é tempo de melões — disse Amália, que se havia reunido a nós.

Ouviu-se uma bolada e dois meninos entraram no pátio, jogando futebol e maltratando as plantas.

— São meus filhos — disse Geraldo, orgulhoso. — Trago-os com frequência para que cumprimentem meu tio Ramón, porque ele os adora, não é verdade, Fernando?

— Sim, parece que foi com a cara deles.

Nesse momento meu tio apareceu na porta de seus aposentos, na cadeira de rodas, empurrada por Lucero e Zenaide. Viu o jogo de futebol e disse:

— Geraldo, faça esses meninos irem jogar em outro lugar.

— Cumprimentem seu tio Ramón, crianças, para que possam ir para casa.

Os meninos foram beijar a mão sadia de meu tio e depois se retiraram sem despedir-se de ninguém. Quando iam pelo saguão, meu tio disse a Lucero:

— Traga um pano com álcool para limpar-me as mãos.

Geraldo aproximou-se de mim e explicou em voz baixa: — Parece-me muito importante que os jovens estejam em contato com a velhice e se familiarizem com ela. Não lhe parece, primo?

Respondi que concordava.

— Sabem do que tenho vontade, meninos? — perguntou meu tio quando Lucero lhe limpava o dorso da mão. — Ir ver o entardecer na ponta da colina dos Coelhos.

Houve um momento de silêncio. Era evidente que meus primos não queriam ver o entardecer em nenhum lugar, mas logo se repuseram.

— Claro, é muito boa ideia — disse Geraldo —, não é, Fernando?

— Se meu tio quer, vamos.

— Sim, quero, e quero que você venha também, Marcos — disse meu tio.

Os três carregamos a cadeira de rodas para descer os quatro degraus que há entre o corredor e o saguão; o carro de Geraldo estava na porta; Lucero e Zenaide passaram meu tio da cadeira de rodas para o assento dianteiro do carro no que pareceu ser uma operação muito simples, mas uma vez na colina, para passar meu tio do assento para a cadeira, os três homens que o acompanhavam tiveram de fazer força até ficar suados.

— Empurre-me para lá — disse meu tio a Fernando, assinalando a beira do penhasco.

Meu tio dava ordens curtas a meus primos, sem nunca acrescentar um "por favor" e havia-se comportado diante deles como se Amália estivesse presente, isto é, de maneira diferente da usada com Don Pepe e comigo: não havia tentado fumar nem dito palavras grosseiras. Enquanto Fernando e meu tio se afastavam, Geraldo se entreteve com o pretexto de tirar o lenço do pescoço para secar o suor, mas na realidade para poder falar a sós comigo.

— Diz Amália que meu tio lhe pediu que viesse, que meio de comunicação usou?

Compreendi que tinha de seguir dizendo mentiras.

— Uma carta — disse, e fiquei duvidando se meu tio, meio paralítico, estaria em condições de escrever uma carta inteira.

Geraldo me demonstrou que sim, estava, com a pergunta seguinte:

— O que dizia na carta?

— Que queria ver-me.

— Com que objetivo?

— Não dizia.

— Bem, creio que tem de haver algum motivo para que meu tio queira vê-lo agora, depois de tantos anos sem vê-lo. Qual será?

— Essa pergunta, Geraldo, você deve fazer a meu tio, ele é quem sabe a resposta.

— Ele sabe, mas me responderia que estou me metendo no que não é da minha conta.

— Eu penso a mesma coisa.

Os dois estávamos sorrindo. Foi uma confrontação bem-humorada.

— Você é injusto, primo — disse Geraldo —, porque me importa. Diga-me com sinceridade: você não crê que esta chamada que lhe fez meu tio está relacionada com a herança?

— Qual herança?

— A que meu tio vai deixar a nós, seus sobrinhos.

— A mim não me falou nada sobre deixar-me herança — disse, a primeira verdade do dia inteiro. — Falou alguma coisa a você?

— Não explicitamente — olhou-me com seus olhinhos verdes, brancos e coloridos antes de decidir falar com franqueza. — Mas se subentende. Vou colocar-lhe o caso de Afonso, meu irmão, como exemplo: quando meu tio adoeceu, disse a Afonso: "Ocupe-se da carteira". A carteira são as ações que meu tio tem, que são muitas. Afonso se encarrega de vigiar o investido, cobrar dividendos, entregar a meu tio o que necessita para seus gastos e reinvestir o que sobra. Nem Afonso pretendeu cobrar comissões por este trabalho, nem meu tio oferece pagar-lhe um centavo. Que é que você entende? Que quando meu tio, infelizmente, morrer, Afonso vai herdar a carteira e que meu tio deixou-o agir desde agora para que vá se adestrando. O mesmo acontece com Fernando: vive na fazenda, trabalha de sol a sol, faz as contas, é responsável pela maquinaria. Meu tio paga-lhe o mesmo que ao capataz, quatro mil pesos por mês. Que significa isto? Que vai herdar a Mancuerna. O caso de minha irmã Amália: meu tio lhe disse: "Venha viver em minha casa, com sua filha". Você crê que isso não é incômodo para ela? O gringo dorme só em sua casa. É lógico que, com a morte de meu tio, Amália herde a casa da Sonaja. E de mim, o que dizer? Eu administro as casas do bairro de Santo Antônio. Vivem ali malfeitores, não tem ideia do trabalho que me custa cobrar o aluguel, e olhe que lhes meto medo porque sou juiz. No dia em que meu tio morrer, derrubo as

casas e vendo o terreno para uma fábrica ou bares, porque está junto da estrada. Você entende agora qual é a situação?

— Sim, está muito claro.

— Então você não compreendeu. Não está claro. Nos cálculos que fizemos, meus irmãos e eu, você não entrava. Por isso, peço-lhe, em nome de meus irmãos e no meu próprio, que logo que você saiba o que é que você vai herdar de meu tio, nos comunique, para que saibamos que é que não vamos ganhar e possamos fazer nossas contas. Você acha bom atuar como bons primos?

— Estou de acordo — disse e apertamos as mãos, sorridentes, para fechar o trato.



Fernando havia colocado a cadeira de rodas sobre uma plataforma de rocha de onde meu tio podia contemplar com toda comodidade o panorama. A seus pés estendiam-se as terras férteis da Mancuerna, limitadas de um lado por morros desmatados e do outro por terrenos raquíticos.

— ... quando levantar aquelas lentilhas — estava dizendo meu tio a Fernando — semeie milho nesse lugar, quando acabar o meloal, emparelhe a terra e semeie alfafa...

— Se você acha que é isso o que convém, vou fazê-lo — respondeu o outro.

Meu tio voltou-se para mim. Era evidente que a vista de suas terras o rejuvenescia.

— Que é que você acha, Marcos? Não é como uma esmeralda num esterco?

Olhei o trigo, que começava a ter reflexos prateados, os campos de milho avermelhado e bem disciplinado, os pomares de morango, etc. Até nós chegava o ruído de vários tratores.

— Está muito bem — disse.

— Este que você vê aqui — disse meu tio apontando para Fernando — é quem administra essas terras e não o faz mal. As colheitas não estão

melhores do que quando eu me encarregava, mas também não estão piores, o que já é muito.

— Não tive nenhum mérito — disse Fernando —, é questão apenas de semear, regar e depois colher.

Geraldo interveio para explicar-me: — Diz Fernando que quando chegou a Mancuerna tudo estava em tão boas mãos e numa ordem tão perfeita que teria sido impossível cometer um erro.

— Nunca é impossível cometer um erro — disse meu tio.

Durante um instante olhamos as terras em silêncio, depois meu tio mostrou a distância e recordou:

— Aqueles eucaliptos que se veem além, eu os plantei há trinta anos.

Olhamos os eucaliptos até que meu tio apontou em outra direção:

— E aqueles freixos eu plantei há quarenta.

Olhamos os freixos até que meu tio apontou para o alto:

— Olhem aquele urubu.

Olhamos o urubu até que meu tio disse: — Tenho a impressão, Marcos, que para a viagem que você tem de fazer amanhã, o Galaxie de Afonso não é o carro adequado. Creio que é melhor que Fernando lhe empreste seu Safari, porque o caminho que você tem de percorrer é bem ruim.

Eu não tinha nenhuma ideia de qual era o caminho "bem ruim" que eu tinha de percorrer no dia seguinte, porque não havia combinado com meu tio de ir a nenhum lugar. Ele me olhava muito sério, sem pestanejar. Meus primos trocaram um olhar.

— A que caminho você se refere? — perguntou Geraldo.

Meu tio respondeu imediatamente: — É o que vai a um lugar onde Marcos e eu vamos iniciar um negócio.

Geraldo voltou-se para mim, esperando que esclarecesse o ponto; Fernando, em troca, se deu por vencido. Disse a meu tio:

— O Safari é seu e você faz com ele o que quiser. Se você pensa que Marcos precisa dele para ir a algum lugar, amanhã eu o deixarei na porta de sua casa às oito da manhã.

— Você acha bom às oito? — perguntou-me meu tio.

— A hora que for conveniente para Fernando é boa — respondi.

— Muito bem, às oito — disse meu tio, e com isso colocou ponto final à conversa. — Vamos ao Cassino jogar pôquer.

— Se você quer ir ao Cassino, vamos — disse Fernando e começou a empurrar a cadeira de rodas para voltar para o carro.

Geraldo e eu voltamos a ficar atrás.

— Que negócio é o que você tem com meu tio? — perguntou.

— Não me pergunte porque não posso responder, dei a minha palavra de honra a meu tio de não falar nesse assunto, pergunte a ele.

— Vai dizer que não tenho nada a ver com isso.

— Provavelmente tem razão.

— Por que você é assim comigo, primo?



Paco, o do Cassino, um espanhol rechonchudinho que é o administrador, saiu ao vestíbulo para receber meu tio e tratou-o como se fosse dono da instituição. Fez com que os criados abrissem o salãozinho da sobreloja de que meu tio gostava, foi tirar as fichas de osso que guardava na caixa-forte e durante a partida entrou várias vezes para perguntar se desejávamos alguma coisa. Meu tio bebeu água mineral, não fumou, não disse palavrões e ganhou todas as partidas menos uma. Passei maus momentos porque as apostas iniciais eram de duzentos pesos e eu tinha apenas sessenta e um no bolso.

Meu tio fez uma brincadeira. Disse que a situação em que estava lhe recordava a seguinte história:

— Pepito vai à escola e a professora de zoologia explica os hábitos da hiena: "A hiena, diz a professora, é um animal que habita regiões áridas, alimenta-se de carne putrefata, tem relações uma vez ao ano, e ri, está claro? Há alguma pergunta?" Pepito levanta a mão e diz: "Não entendi, professora, e se a hiena é um animal que habita em regiões áridas, alimenta-se de carne putrefata e tem relações uma vez ao ano, de que ri?"

Todos rimos especialmente Geraldo, que quase se engasgou.

— Assim estou eu — disse meu tio —, de que rio?

Fernando embaralhou e repartiu.

— Seguida mata trinca? — perguntei.

Os três me disseram que sim, mas poucos instantes depois eu tive seguida e meu tio trinca, e trinca matou a seguida e meu tio recolheu as apostas.

— Trinca mata a seguida — explicou Geraldo, que me via descontente — quando é pôquer aberto de sete cartas, como o que jogamos nesta partida.

Mais tarde eu tive trinca e meu tio trinca em pôquer aberto de sete cartas e seguida matou a trinca e meu tio voltou a recolher as apostas. Fiquei olhando Geraldo, esperando outra explicação, mas ele estava muito ocupado embaralhando para poder responder.

— Isto não serve — disse Fernando —, vou embora.

Lançou as cartas sobre a mesa com tanta força que se viraram. Estou certo de que consegui ver dois pares. Essa partida meu tio ganhou com um par de oitos.

Mais adiante, Geraldo, que tinha um par de damas e dois quatros, não quis continuar apostando e foi deixando duas cartas sem abrir. Meu tio ganhou com trinca.

Restavam-me muito poucas fichas quando chegou às minhas mãos um *flush*. Me contive. Apostei tudo o que tinha em fichas e cinquenta pesos que tirei do bolso, meus primos se retiraram do jogo depois de vacilar um instante e meu tio pagou para ver. Pôs-se vermelho quando viu as cinco cartas de copas que abri.

— Muito bom jogo — comentou, e pôs sobre a mesa dois pares.

Nem Fernando nem Geraldo se atreveram a dizer que dois pares matam o *flush*. Recolhi as apostas. Meu tio disse nesse momento:

— Já me cansei. Vamos embora.

Retirei meus cinquenta pesos e mal consegui pagar o lote que havia recebido no princípio. Ninguém percebeu que havia jogado sem fundos, coisa que, suponho, teria no mínimo escandalizado meus primos. Meu tio ganhou quatrocentos e cinquenta pesos, que guardou no paletó. Geraldo perdeu a aposta que fizemos para decidir quem pagava o que havíamos bebido, pagou e nos levantamos da mesa.

Meu tio e eu lanchamos na sala de jantar, café com leite e biscoitos, atendidos por Amália — Lucero havia saído à rua, Zenaide estava lavando o chão da cozinha. Ao terminar, meu tio limpou a boca com o guardanapo, e disse a Amália:

— Quero falar a sós com Marcos em meu escritório. Leve-lhe uma garrafa de conhaque e uma taça, para mim uma garrafa de Tehuacán e um copo.

Empurrei meu tio para o escritório e sentei-me diante dele, em uma das poltronas de couro. Ele disse:

— Você não deve se sentir obrigado a ir amanhã a nenhum lugar. Pedi o Safari a Fernando apenas para amolar seus primos. Estou certo de que não vão poder dormir pensando em qual será o negócio que possamos ter você e eu — riu de prazer ao pensar na insônia que ia provocar sua brincadeira.

— Já que você conseguiu o carro — disse-lhe —, vou usá-lo. Amanhã lhe trago as amostras.

Amália entrou com uma bandeja em que havia uma garrafa de Martell e uma taça, outra de água de Tehuacán e um copo, e a pôs na mesinha.

— Você deve saber, Marcos — me disse Amália com muita formalidade —, que meu tio está proibido de fumar e beber.

— Feche a porta ao sair — disse meu tio.

Quando Amália se foi, meu tio abriu a caixa-forte, tirou uma das taças que havíamos usado ao meio-dia para tomar mescal, pôs sobre a mesinha, com um gesto me ordenou que a enchesse, e bebeu de um trago, sem dar tempo sequer para dizer "saúde", respirou satisfeito e me fez o mesmo gesto. Tornei a encher a taça.

— Vou lhe pedir um favor — disse meu tio —, enquanto você estiver nesta casa, quero que todas as noites você tome conhaque Martell, que é do que eu gosto de beber depois do jantar, e que você fume cigarros Delicados, que são os que costumo fumar. Desta maneira as mulheres acreditarão que você é o único que fuma e bebe, você está ouvindo? Quero que você me sirva de biombo.

— Eu o farei com muito prazer, tio — disse.

Mais tarde, quando Amália entrou para recolher as coisas usadas, vi-a ficar olhando a garrafa de conhaque pelo meio e os oito cigarros que havia no cinzeiro. Não fez nenhum comentário.

¹ *Tortilla* — panqueca de ovos e milho, usada como base de alimentação entre as classes média e popular, principalmente no México e nas Antilhas.

² *Taco* — *tortilla*



Dormi mal. Fazia calor e me despi, tirei as cobertas e conservei o lençol, abri a janela e entraram mosquitos; Amália, a quem imaginei de roupão vermelho e chinelos de pluma com salto alto, despertou-me as quatro vezes que foi ao banheiro, o relógio da paróquia tocou a cada quarto de hora, acordado me perguntava que destino havia tido Chamuca, adormecido sonhava que ela estava sendo atropelada por um caminhão de mudança, o pintassilgo começou a cantar às cinco da manhã, às seis chamaram para a primeira missa e a essa hora começaram a brigar os pardais. Hoje, decidi, tenho de falar com a Chamuca. As sete levantei-me, pus a calça, peguei a toalha que Lucero havia posto sobre uma cadeira e fui ao banheiro. As calcinhas de Amália continuavam na torneira da pia: pendurei-as num cabide e tomei banho. Mais tarde, quando abri a porta de meu quarto, vi Lucero no centro da peça.

Parei na soleira, surpreso. Ela tinha um roupão de algodão, muito modesto, como de uma senhorita inglesa antiga e me olhava perturbada, tinha uma mão no encosto da cadeira onde eu havia posto minha camisa. Logo, sorriu.

— Feche a porta — me disse. Fechei a porta. — Vim dar-lhe um beijo — disse. Foi até onde eu estava — eu levava a toalha molhada na mão — e tomando-me em seus braços me deu o beijo tecnicamente mais perfeito que me deram na minha vida. Soltei a toalha e tratei de tirar-lhe o roupão. Tinha um corpo muito agradável ao tato, mas defendeu-se com decisão e energia inesperadas, separou-se de mim com um empurrão e me disse:

— Nada disso. Saiu do quarto.

E, sem entender bem ainda o que havia acontecido, fui imediatamente diante da penteadeira das gêmeas e olhei-me no espelho: vi um homem com a boca aberta, o torso nu e calça deformada pelo volume da ereção.

Pouco depois, ao pôr a camisa, me dei conta de que os sessenta e um pesos e a cópia do contrato que eu havia deixado no bolso haviam mudado de posição.

Ao entrar na sala de jantar encontrei meu tio embebendo um biscoito na xícara de chocolate. Piscou-me o olho em resposta quando lhe dei bom-dia. Amália estava a seu lado, de pé, contando as gotas do remédio que pingava num copo de água. O roupão que usava, que eu havia imaginado vermelho era amarelo e tornava mais evidente a cor morena de sua pele — mais ridículo o cabelo, louro. Pôs o conta-gotas no frasco e sorriu-me amavelmente:

— Como passou a noite?

— Muito bem — respondi.

— Aposto que você não dormiu — disse meu tio, mordeu o biscoito e acrescentou com a boca cheia: — Ninguém dorme bem nesta casa na primeira noite.

Bebeu o último trago de chocolate, limpou a boca no guardanapo, tomou o copo do remédio que Amália havia preparado e bebeu até o fim, pôs sobre a mesa e arrotou.

— Este remédio — explicou — era um raio quando comecei a tomá-lo, mas agora já me acostumei e não tem gosto de nada.

— O que é? — perguntei.

— *Água negra* — disse Amália. — Fez-lhe muito bem. Que é que você quer tomar? — me perguntou.

Disse o que queria e ela saiu da sala de jantar levando na mão uma garrafinha de vidro azul violáceo que tinha uma etiqueta em que consegui ler "Farmácia da Fé", que é a de Don Pepe Lara.

— O Safari está na porta, como combinamos — disse meu tio, tirou uma chave do bolso do casaco, pôs sobre a toalha e com um piparote vigoroso a fez chegar, com bastante destreza, ao lugar onde eu estava. — O tanque está cheio.

Alegrei-me de saber que não teria que gastar meus sessenta e um pesos em gasolina e guardei a chave. Meu tio disse:

— Um dos tratoristas da fazenda trouxe o Safari, deixou-o na porta, comeu um taco que lhe deu Zenaide e voltou a pé a Mancuerna.

Eu sabia que eram duas horas de caminho. — Agradeço o incômodo ao tratorista e a Fernando — disse.

— O Safari é meu e eu pago o tratorista — disse meu tio.

— Então agradeço a você.

— Não seja moleque. Você precisa de alguma coisa?

Pensei um momento antes de dizer: — Uma lanterna furta-fogo, um martelo e um cinzel.

— Peça a Zenaide.

Meteu a mão no outro bolso do paletó, tirou uma nota que dobrou em quatro, pôs sobre a toalha e com outro piparote a fez chegar até onde eu estava. Eram mil pesos.

— É por conta de honorários — me disse. — Eu lhe dou para que você não passe necessidades.

— Por que haveria de passá-las?

— Lucero esteve remexendo na sua roupa e diz que você tem apenas sessenta e um pesos.

Sabendo como é difícil às vezes conseguir troco para mil pesos, decidi ir ao Banco da Lonja para trocar a nota. O Banco é um edifício antigo que fica na esquina da Sonaja e da Praça de Armas, a meia quadra da casa de meu tio. Entrei numa fila de três pessoas, diante de uma das caixas, e esperei minha vez. Não havia passado um minuto quando alguém, que tinha uma mão de torquês, me agarrou pelo braço. Era Afonso.

— Mas o que você está fazendo na fila, se você tem pistolão neste banco? Venha por aqui.

Cruzamos o mostrador por uma portinha, passamos aos escritórios gerais e entramos no escritório particular de Afonso. Da parede estavam pendurados dois retratos a cores, muito retocados, do mesmo tamanho, um do Governador do Estado, o outro do Presidente da República.

— Quando o senhor Presidente vier a esta humilde casa — me disse, ao ver que eu estava olhando os retratos —, vou colocar o maior retrato que tenho dele; enquanto isso, deixo-os assim, porque o senhor Governador vem sempre.

Fez com que eu me sentasse em uma poltrona estreita e ele se sentou em outra mais larga, que estava atrás de uma mesa com patas de tigre.

— Que é que você deseja, Marcos?

— Queria apenas trocar uma nota.

Dei-a. Ele a desdobrou, estudou cuidadosamente, abriu uma gaveta, comparou a nota com uma lista que tirou, deu-se por satisfeito, guardou a lista e gritou:

— Eleninha!

Entrou uma mulher morena, com os lábios pintados de vermelho, o cabelo ondulado com permanente e um vestido escandaloso.

— Eleninha, este é meu primo Marcos González — a senhorita Eleninha Céspedes, minha secretária particular.

— Muito prazer — nos dissemos Eleninha e eu ao mesmo tempo.

— Meu primo quer trocar esta nota de mil pesos, Eleninha. — Deu-lhe a nota e me perguntou: — Como você quer o troco, primo?

— Oitocentos em notas de cem e o resto em dez — disse, olhando Eleninha.

— Oitocentos em notas de cem e o resto em dez — disse Afonso a Eleninha, como se ela não houvesse escutado.

— Muito bem, doutor — disse Eleninha a Afonso, e saiu.

— Gosto de estar rodeado de coisas belas — disse Afonso.

Demorei um instante para entender que se referia a Eleninha. Ele prosseguiu:

— Vi que o carro de Fernando está parado na porta da casa de meu tio, o que me faz pensar que você desprezou o oferecimento que lhe fiz ontem de emprestar meu Galaxie.

— É que vou pegar caminho muito ruim e meu tio e eu pensamos que ia maltratar seu carro.

— Não lhe estou pedindo satisfações, apenas quero avisá-lo de duas coisas, uma que o oferecimento continua de pé, e a segunda que penso que você escolheu mal, porque não pode comparar a lata de sardinhas que tem Fernando com um Galaxie, que quase se dirige sozinho.

Eleninha entrou, entregou as notas a Afonso e voltou a sair. Afonso me deu o dinheiro e disse:

— A nota de mil pesos foi dada por meu tio, não é?

— Sim.

— Eu sei pelo número da série — fez uma pausa, eu me senti incomodado no assento, ele continuou: — Não se sinta obrigado a contar por que lhe deu, apenas faço esta observação para que saiba que estou a par de seus assuntos.

Despedimo-nos com cordialidade fingida e eu saí do banco arrependido de haver entrado, fui até o Safari, subi nele, depois de várias tentativas eu o pus para andar e fiquei alguns instantes dando voltas pelas ruas de Muérdago até que encontrei a saída para a estrada de Cuévano.

A estrada desce entre as acácias em uma curva pronunciada, estreita-se e se transforma em ponte e sobe a colina seguinte. Esse lugar se chama, ou se chamava, "Los García", não sei por quê. Em cima da segunda encosta está um entroncamento.

HOTEL E BALNEÁRIO
EL CALDERON
QUARTOS DE LUXO
COZINHA INTERNACIONAL
ÁGUAS TERMAIS!
DESFRITE!
(10 km)

Dizia o cartaz, que era novo. A fenda era a de sempre, arranca do asfalto quase em ângulo reto e sobe a encosta dando pulos entre os cactos. Nem os donos do hotel nem os que viviam no rancho lhe haviam posto a mão em dez anos e, pensando bem, nem em vinte. As vezes o carro estremecia ao ser golpeado pelas pedras que ele mesmo se lançava, às vezes afundava em valas disfarçadas pelo pó finíssimo. Quando eu havia avançado uns trezentos metros pelo desvio, vi, refletido no espelho trêmulo, que um carrinho branco havia parado no entroncamento. Segui adiante.

Ao chegar ao alto detive o carro para contemplar um momento, com a saudade que sinto cada vez que volto, o panorama que se estendia diante de mim: os quatro morros idênticos, como dois pares de tetas que se unem, deixando no centro um vale em forma de caçarola que é o que se chama o Caldeirão. Ali, ao pé de um dos quatro morros, está o manancial famoso, que dá origem aos banhos e ao plantio da cana, únicas riquezas da região.

Que lugar tão belo para haver nascido!, pensei, como cada vez que regresso. Nasci em um rancho perdido, meu pai foi agricultor, me chamam de Negro, estou fodido.

Pus a primeira e o carro começou a avançar. Então vi, no espelho, que o carrinho branco havia saído da estrada, tomado a depressão, avançado por ela, e havia parado, como eu. Uns metros mais adiante, a curvatura do monte impediu-me de continuar vendo.

"Só tem acácias e cactos por aqui", dizia minha mãe, e segundo meu pai dizia, "só pedras". Por isso um dia disse que ia comprar alguns tubos para a bomba em Pedrones e não tornamos a vê-lo. Abandonou minha mãe, uma mulher que o quis com sensatez, e a mim, um menino de sete anos.

Cheguei até a ribanceira, um lugar onde o cano arrebenta e forma um lamaçal que é eterno, como os ninhos de mosquitos. Rodeei o lamaçal com cuidado, mas sem me preocupar em deixar ou não marcas, e em vez de seguir adiante, pelo caminho que leva às casas brancas do hotel e às pardas do rancho, tomei a quebrada que sai à esquerda, que está, se é possível, mais abandonada que a primeira, dá a volta a dois dos montes e vai terminar em um pequeno vale que se forma ao se juntarem por fora os outros dois. Ao chegar a esse ponto parei o carro, desliguei o motor e desci.

Tudo parecia igual. A casa "do espanhol" estava em ruínas como antes, os quatro eucaliptos continuavam de pé, da entrada da lapa emergiam os trilhos enferrujados, o vagonete virado ainda parecia ter a mesma posição em que eu o havia visto da última vez — dez anos antes — em que havia visitado aquele lugar. "A velha mina", dizíamos, garotos que íamos brincar nela, mas eu depois soube que se chamava a Covadonga.

Peguei a lanterna furta-fogo que me havia emprestado Zenaide, mas deixei o martelo e o cinzel no estojo, atravessei o pequeno vale até chegar à lapa e parei na soleira. Era um buraco negro e áspero, de dois metros de largura por dois de altura, que me tirava a vontade de entrar. Quando ouvi o ruído do motor que se aproximava, dominei a repulsa que sentia, acendi a lanterna e comecei a caminhar pelo túnel. O cheiro de urina de morcego era idêntico ao que havia quando, garoto, entrava na mina. Ao ver-me, os morcegos gritaram e começaram a esvoaçar. A galeria parecia estar em boas condições, a madeira dos marcos estava incólume, as paredes e o teto estavam quase secos. Cinquenta e dois passos, contei, até chegar ao ponto em que a galeria se fazia menor, de maneira que para continuar avançando teria sido necessário fazê-lo abaixado ou de gatinhas. Dei-me por satisfeito, fiz meia-volta e empreendi o regresso à boca da mina. Fora se ouvia o ruído de um motor desesperado. Era evidente que havia um carro manobrando furiosamente, depois parou. Continuei caminhando grudado à parede até chegar à entrada e olhei para fora por uma fresta do último suporte. O carrinho branco havia girado em círculo e estava junto ao

Safari, pronto para sair correndo. Nesse momento abriu-se a portinha e alguém desceu: era o gringo com sua camisa de lenhador vermelha e verde. Passeou o olhar lentamente pela casa em ruínas, os eucaliptos, uns fardos de restos de mineral, a vagoneta, os trilhos e se deteve na lapa. Ficamos nos olhando nos olhos sem que ele se desse conta. Depois entrou no carro, pôs em marcha e se foi, deixando uma nuvem de pó.

Decidi fazer hora. Quando o carro se perdeu de vista, saí da mina, atravessei o pequeno vale e fui sentar-me no banco que há no pórtico da casa do espanhol, à sombra de umas pranchas. Observei que entre as matas de pasto amarelo não havia papéis nem latas vazias nem nenhum outro sinal de ocupação recente. Havia, isso sim, marcas de passagem frequente de rebanhos de cabras. Olhei o morro que estava em frente, coberto de acácias verdes porque estavam brotando, e cactos cinza, e me lembrei que se chama o Morro sem Nome. Que nome tão idiota para um morro! pensei. O sol estava forte, não se movia uma folha, o céu estava azul, uma pomba torcaz cantou. Decidi que esse canto triste era o sinal para pôr-me em marcha.

No povoado tudo estava como antes. Uma matilha de cães magros, furiosos, perseguiu o carro, tratando de morder as rodas, alguns garotos barrigudos jogaram-me pedras, as casas estavam ocultas atrás do figueiral. Reconheci a casa do Colorado pelo limoeiro e o portãozinho. Um homem estava debulhando milho sentado numa cadeirinha. Cinco cachorros receberam-me na entrada. Ao ver que descia, o homem deixou a espiga e a mó, levantou-se da cadeira e atravessou o patiozinho para ir dar um pontapé num cachorro branco, que era o mais bravo de todos. Percebi que não me havia reconhecido.

— Sou o Negro — disse-lhe. O sorriso quase parte seu rosto.

Depois de me olhar olhou o Safari e por último nos apertamos as mãos.

— Olhe só, Negro, como você mudou, não percebi que era você.

Eu também não me havia dado conta, pensei, de que o Colorado, além de ser ruivo, era bexiguento.

— Vamos dar uma volta — disse-lhe —, porque quero conversar com você.

Ele fechou a portinha de sua casa com um trinco e nos pusemos a caminhar, ele adiante e eu atrás.



Não me perguntou aonde queria ir, porque já sabia; fizemos o mesmo passeio que damos sempre que regresso ao rancho: tomamos a velha estrada que descreve uma curva para evitar o balneário, sobe uma encosta em declive, passa pelo porto que há entre dois morros, cruza a caçarola do Caldeirão pelo meio, onde as acácias são mais densas, e desemboca no manancial. A este chamam a borbulha. É um buraco de dez metros de diâmetro cujo fundo ninguém viu porque o vapor que sai de dentro queima o rosto de quem se aproxima. O ruído que faz a borbulha é inesquecível: é como o arroteio de um gigante que se repetisse imperdoavelmente a cada três segundos. É igualmente fétido. O manancial deságua por uma canhada estreita que serpenteia, deixando um rasto de vapor, até chegar a um ponto em que o terreno baixa e a água chega à superfície, de onde é conduzida primeiro ao açude, para que esfrie, depois ao balneário e por último aos canaviais. Paramos à beira do buraco, em terreno escorregadio, onde não incomodava o vapor, e o Colorado me fez a pergunta ritual:

— Você se lembra de Nate, que era bêbado e se pôs aqui de quatro e caiu de cabeça no buraco? Nunca tornamos a vê-lo. A borbulha só deixou escapar o chapéu.

— Sim, lembro — disse-lhe. — Ainda vêm aqui mulheres que quando querem ferver um frango jogam na borbulha limpo, amarrado a uma corda?

— Ainda — disse o Colorado. Depois desta conversa caminhamos outra vez, ele adiante e eu atrás. Seguimos a trilha até chegar ao açude, paramos na lama calcária e o Ruivo me fez outra pergunta ritual:

— Você se lembra de que nos banhávamos aqui quando éramos pequenos e um dia fizemos tanto barulho que a dona mandou o dono para nos expulsar e fomos nós que o botamos para correr, jogando pedras?

— Lembro — disse.

Tornamos a caminhar, entramos no hotel pelos fundos, atravessamos os corredores e o pátio deserto até chegar à varanda, onde dizia *Ladies bar* e sentamos a uma mesa. Era evidente que os novos donos haviam querido fazer do Caldeirão um paraíso turístico e haviam fracassado. Não só não

havia clientes, como não havia ninguém atrás do balcão. Logo se ouviram umas chinelas que se aproximavam pelo corredor e não demorou a aparecer uma mulher gorda e velha, sem sutiã, que havia lavado os cabelos e os havia estendido sobre uma toalha que trazia nos ombros.

— É dona Petra, a encarregada — explicou-me o Ruivo.

— O que desejam? — perguntou dona Petra.

— Umas cervejas — disse.

— Façam-me apenas o favor de tirá-las da geladeira — disse ela —, porque lavei a cabeça com água quente e pode fazer mal pôr as mãos em algo frio.

Quando o Ruivo trouxe as cervejas e tomamos um gole, disse:

— Estou tratando de trabalhar na mina velha.

— Está bem — concordou ele.

— Mas há alguém que quer pôr a mão e deitar tudo a perder.

— Isso é mau.

— Necessito de alguém que, nas próximas semanas, esteja ali presente, noite e dia, e que se encarregue de que ninguém entre na mina e menos ainda tire mineral. Você conhece alguém de confiança que possa se encarregar desse trabalho?

— Eu mesmo. Tenho duas semanas livres. Já debilhei e não tenho nada para fazer até que cheguem as chuvas.

— Você ainda tem a carabina? — perguntei.

— Ainda.

— Quanto você quer?

— O que você me der.

— Cem pesos diários?

— Está bem.

Dei-lhe duas notas de cem.

— É um adiantamento.

— Está bem — disse ele e guardou as notas.

Tivemos de ir à administração para pagar a dona Petra as cervejas. Ao lado do balcão havia uma cabine com os dizeres "Interurbano". Estive a ponto de pedir ligação para a Chamuca, mas mudei de ideia no último momento, porque havia decidido fazê-lo dando um nome falso — Angel Valdés — e o Ruivo, que sabia meu nome, estava a meu lado. Paguei a conta e saímos.

Em Cuévano estacionei o Safari no Jardim da Constituição, diante dos escritórios do Registro Mineiro, comprei os cinco jornais que acabavam de chegar da Cidade do México e, com eles debaixo do braço, entrei na Flor de Cuévano.

Pedi um café e fiquei revendo os jornais com muito cuidado. A notícia dos "terroristas" apreendidos, que havia aparecido na primeira página do dia anterior, havia ido parar na página dezoito do *Excelsior* desse dia e não tinha continuação em nenhum dos outros jornais. A informação do *Excelsior* era um requentado do dia anterior exceto por uma coisa: dava os nomes dos fugitivos, ou melhor, seus apelidos: *Negro* e *Chamaca (sic)*. Não havia fotos nossas. A situação, decidi, era, dentro do possível, a melhor.

Mais tranquilo, tirei minha agenda para procurar o número de telefone da prima da Chamuca, e a primeira coisa que encontrei foi a anotação, com letra do Manotas, que dizia: "Ir a Ticomán, tomar a lancha que vai à Praia da Meia Lua, Hotel Aurora". Tomei este achado como um sinal de boa sorte e decidi que precisamente ali, na Praia da Meia Lua, íamos nos esconder, Chamuca e eu, assim que tivéssemos dinheiro. Fui à caixa e dei o número de Jerez. Ela começou a encher o formulário.

— Com quem quer falar?

— Com Carmem Medina — é o nome da Chamuca.

— Quem chama?

— Angel Valdés.

Quando a caixa me fez sinal e entrei na cabine, ouvi a voz desconfiada da Chamuca que dizia:

— Sim?

— É Marcos.

Ouvi uma mistura de riso, soluço e palavras incoerentes.

— Como vai você? — perguntei.

— Quero vê-lo.

— Mas você está bem.

— Sim, mas quero vê-lo.

— Ouça isto: amanhã ou depois, meu tio me entregará nove mil pesos.

— O que você lhe contou?

— Deixe-me terminar: se você acredita que está em perigo ou amolada em Jerez, diga-me agora e vou buscá-la logo que tenha o dinheiro.

— Venha buscar-me.

— Deixe-me terminar: se você não está em perigo nem está amolada e pode esperar dez dias, melhor, porque meu tio tem que me entregar então quarenta mil pesos, vou buscá-la e poderemos ir passar uma temporada na Praia da Meia Lua, que é onde estava o Manotas, você se lembra do que ele nos contou?

— Está bem, espero dez dias e você vem me buscar e vamos à Praia da Meia Lua.

— Perfeito. Ligo toda vez que puder.

— Diga-me o que você fez para conseguir que seu tio lhe dê tanto dinheiro.

— Vou fazer um trabalho sobre uma aplicação, que ele vai decidir que não lhe convém fazer, mas que de qualquer jeito terá que me pagar.

Ela riu, despedi-me e desliguei. Ao sair da Flor de Cuévano, atravessei o Jardim da Constituição e joguei todos os jornais que havia comprado momentos antes em uma lata de lixo, depois fui pela rua do Triunfo de Bustos até encontrar uma porta com um letreiro que diz *A Cova de Ali Babá*; entrei nela. É uma casa de antiguidades. No quarto mal iluminado, vi, amontoados em desordem, livros velhos, ex-votos, móveis com cupins, fechaduras antigas, espelhos embaçados, etc. Havia um homem dando uma mão de óleo numa cadeira; ergueu-se ao me ver e perguntou:

— O que deseja?

— Creolita — disse.

Conduziu-me a um pátio interior onde havia ferros velhos e montes de pedras de várias classes, todas decorativas, das que a gente usa para completar coleções de minerais, como adorno ou simplesmente para segurar as portas. Eu, que sabia o que procurava, fui a um dos montes e escolhi seis exemplares que me pareceram excelentes. A creolita é uma pedra pesada, branca, com veias avermelhadas.

— Custa vinte pesos cada uma.

Paguei e ele me deu um saco velho de cimento para pô-las. Levei-as ao Safari e as coloquei na mala, depois entrei nos escritórios do Registro Mineiro, comprei um mapa aéreo, escala 1:50.000, em que aparecia o Caldeirão e preenchi um requerimento de "certificado de não inscrição" de uma mina chamada A Covadonga, no município de Las Tuzas. Feito isto, fui à loja que se chama O Cavalheiro Elegante e comprei duas camisas e quatro pares de meias. Ao sair do Cavalheiro Elegante, ia atravessar outra vez o Jardim da Constituição para chegar ao carro, quando tomei uma

decisão muito estranha: entrei na farmácia do doutor Ballesteros e comprei seis preservativos.

Na rua da Sonaja, fora da casa do meu tio, estava o carrinho branco. Dei-lhe uma batida não completamente intencional ao estacionar o Safari. Passava das quatro. Zenaide abriu o portão e me ajudou a tirar o que havia no carro.

— Antes de ir dormir a sesta — disse Zenaide — o patrão me encarregou de dar-lhe o que quisesse, tanto de beber quanto de comer; então, dê as suas ordens, jovem.

Disse-lhe o que queria e entramos juntos na casa. Separamo-nos no saguão, ela foi até a área de serviço com as ferramentas que me havia emprestado de manhã e eu até o corredor com o saco de cimento cheio de pedras e o pacote de O Cavaleiro Elegante. Caminhei procurando não fazer ruído porque as portas dos quartos estavam abertas; fazia muito calor. Meu tio Ramón dormia a sesta quase sentado, reclinado em almofadas, na cama matrimonial de ferro. Amália e o gringo estavam em camas gêmeas, barriga para cima, os braços grudados ao corpo, as pernas esticadas e os pés, sem sapatos, formando um ângulo reto. Parecia que haviam morrido em "sentido", a posição fundamental do soldado. Lucero estava recostada em sua cama, lendo um livro. Usava óculos. *A Casa Verde*, consegui ver o título. Detive-me diante de sua porta. Ela me olhou por cima dos óculos e sorriu.

— Olá — disse.

— Quero outro beijo.

— Agora, não — respondeu e continuou lendo.

Continuei caminhando até o quarto das gêmeas, pus o saco com as pedras no chão, o pacote de O Cavaleiro Elegante na cama, tirei o mapa aéreo do bolso da calça e ia colocá-lo na cômoda, mas mudei de ideia, tornei a guardar no bolso, peguei a toalha e fui ao banheiro. Demorei muito. Quando voltei ao meu quarto encontrei o que esperava encontrar: o saco com as pedras havia sido mudado ligeiramente de lugar. Ao examinar o interior vi que das seis pedras que comprei, havia cinco. Tirei o mapa aéreo que levava no bolso da calça, pus em uma das gavetas da cômoda, que estavam vazias, e o cobri com as camisas novas e as meias que acabava de comprar. Saí para o corredor.

Lucero continuava lendo em seu quarto. O gringo havia se levantado da cama e estava acendendo um charuto, sentado numa das cadeirinhas do

corredor.

— Olá! — disse ao me ver. — Sentimos sua falta na hora do almoço. Onde estava?

Olhamo-nos sorridentes, cheios de amabilidades, como dois imbecis. É necessário ser um covarde, pensei, para fazer estas perguntas.

— Fui a Cuévano — disse.

— Ah, sim? E que novidades você me traz de Cuévano?

Sequer lhe respondi. Fui direto à sala de jantar.



Quando saí de meu quarto, às cinco, vi Geraldo e Fernando no corredor, exatamente na mesma postura que estavam na tarde anterior quando os vi no pátio: o primeiro com os braços cruzados e as sobrancelhas franzidas, o segundo pensativo, acariciando os bigodes. As más notícias eram dadas desta vez pelo gringo, que falava baixo e com os braços dependurados. Amália fazia comentários ocasionais, movendo as mãos, como para dar vida à narrativa. Como na véspera, Fernando foi o primeiro a me ver, mas a cotovelada desta vez foi para o gringo. Os quatro se viraram para mim e sorriram, eu por minha vez sorri e pensei para mim mesmo: "Os quatro já sabem que fui a uma mina e que trouxe amostras de mineral". Saudamo-nos, os filhos de Geraldo entraram no pátio brincando, desta vez não com uma bola de futebol, mas com uma bolinha, uma troca que não serviu de nada, porque quando meu tio Ramón saiu de seus aposentos, empurrado por Lucero e Zenaide, a primeira coisa que disse foi:

— Geraldo, faça com que esses meninos desapareçam.

Como na tarde anterior, os filhos de Geraldo beijaram a mão de meu tio e como na tarde anterior, também, Lucero teve de esfregá-la com um pano molhado em álcool.

— Fernando quer saber se o Safari lhe deu trabalho — me disse Geraldo e acrescentou, dirigindo-se a seu irmão: — Não é, Fernando?

— Sim, com efeito, gostaria de saber se o carro lhe deu trabalho — confirmou Fernando —, mas principalmente se já posso levá-lo.

Meu tio não me deu tempo de responder. — Marcos vai precisar do carro amanhã e depois — disse.

— O carro é seu, tio, faça o que quiser — falou Fernando. — Para mim, tê-lo ou não tê-lo dá no mesmo, é preciso tirar o cavalo e montá-lo, o

que é um exercício muito bom.

Meu tio não deu importância ao que disse Fernando e falou dirigindo-se a mim:

— Você trouxe o que lhe pedi?

Piscou o olho, compreendi que se referia às amostras e respondi que sim.

— Então leve ao escritório agora mesmo, porque quero vê-lo.

Era evidentemente outro ardil para pôr seus sobrinhos Tarragona nervosos.

— Adeus, rapazes — disse-lhes, quando Lucero o empurrou para o escritório.

Quando passei entre eles, com o saco velho de cimento com as pedras dentro, Amália estava entretida na varanda olhando uma nuvenzinha, o gringo estava acendendo outra vez o charuto, Geraldo e Fernando haviam se sentado nos extremos do sofá de vime e cruzado a perna.

Meu tio estava diante da mesa, fez-me sinal de que fechasse a porta à chave e, quando obedeci, que pusesse as pedras sobre a pasta de couro que estava na mesa do escritório.

— Vai estragar a pasta — disse.

— Não faz mal.

Pus as pedras sobre a pasta, meu tio acendeu a lâmpada de trabalho, abriu uma das gavetinhas do móvel e pôs-se a investigar o interior. Entre os objetos deslocados vi a garrafinha azul violácea com o conta-gotas e a etiqueta que dizia Farmácia A Fé, um relógio velho e umas fotos escuras, as quais não consegui distinguir, a não ser que uma delas tinha as pontas dobradas e estava dedicada "a Estela", com uma caligrafia primitiva. Meu tio encontrou o que buscava e fechou a gavetinha: era uma lente de ourives que colocou sobre o olho direito, o único cujo cenho podia franzir para sustentá-la. Pegou uma pedra e pôs-se a estudá-la.

Eu estava junto à mesa. Decidi fumar. Tirei um cigarro e estava prestes a acendê-lo quando ele me ordenou, sem levantar o olhar:

— Não fume, porque me distrai.

Tornei a colocar o cigarro — um Delicado — no maço. Ao ver meu tio inclinado sobre um pedaço de creolita, estudando-o através da lente de ourives — objeto que nunca teria acreditado que ele tivesse —, proibindo-me de fumar de maneira despótica, compreendi que, apesar de ser o que Chamuca chamaria um membro da classe opressora, gostava dele.

— O que é que contém berílio — perguntou —, o vermelho ou o branco?

— Ambos: o vermelho é sulfato de berílio e o branco são os carbonatos.

Expliquei-lhe em grandes linhas como se haviam formado essas rochas na era terciária. Interrompeu-me:

— Que interessante! — soltou a pedra, tirou a lente, jogou-a na gavetinha e a fechou, consegui ver outra vez a foto com a dedicatória "a Estela", ele se inclinou para trás na cadeira e perguntou: — Qual será o passo seguinte?

— Você tem de mandar examinar as pedras para comprovar que são creolita e que têm a lei de .08 que lhe prometi.

— Essa é a minha tarefa. Qual é a sua?

— No momento, esperar.

— O quê?

— Que você tenha os resultados e me dê os nove mil restantes. O estudo de custos e rendimentos requer um levantamento topográfico, planos e cálculos. Isto é, necessito de dinheiro para alugar os aparelhos topográficos, uma oficina de desenho e um carro para ir e vir da mina.

Meu tio me olhou cheio de condescendência e disse: — Você se engana. Você não terá de alugar nem os aparelhos de topografia nem a oficina de desenho nem o carro. Eu lhe darei uma carta para o diretor de Obras Públicas do Estado, em Cuévano, que lhe emprestará os aparelhos que você necessitar sem que lhe custe um centavo; o carro para você usar para ir e vir da mina será, como deve imaginar, o Safari; quanto à oficina de desenho, peça a Lucero que lhe mostre o quarto dos baús. Se ela pode desenhar ali, não vejo por que você não possa fazê-lo. Por último, para que não fique nenhum pretexto para suspender seu trabalho, concordo que estas pedras são creolita e que têm a lei que você prometeu, pago-lhe os nove mil pesos agora e você toca adiante.

Era o que esperava que me dissesse, mas mesmo assim perguntei:

— Por que faz isso?

— Em parte porque tenho vontade, e em parte porque estou velho e não tenho tempo a perder.

Abriu outra das gavetas da mesa e foi tirando nove notas de mil, contando-as uma a uma em voz alta, e pondo-as sobre a tampa, perto de

onde tinha a mão. As notas que ficaram na gaveta deviam ser, no mínimo, tantas como as que havia tirado.

— Por que — perguntei-lhe — se você tem cofre, guarda o dinheiro em uma gaveta que não tem chave?

— Porque tenho negócios de dinheiro com todos os seus primos e se abrisse o cofre diante deles, veriam a garrafa de mescal e ficaria condenado a beber para sempre água destilada. Entende?

Depois fez com que eu lhe fizesse um recibo, em que dizia: "De acordo com o contrato que temos assinado", etc.



— Venha — disse-me Lucero — e começou a caminhar. Fui atrás dela, ia com a cabeça erguida, quase sem mover o braço. Havia prendido o cabelo em um coque e deixado a nuca a descoberto, o decote do vestido deixava-me ver o começo do pelo muito tênue e dourado que tinha nas costas. Chegava até mim o perfume agradável que usava.

Deixamos o corredor e o saguão e entramos na parte de serviço, passamos junto à cozinha, que era enorme, com fogão de tijolos e teto negro de sujeira. Zenaide havia ficado adormecida, sentada em um banquinho, com a cabeça encostada na parede, entre duas caçarolas. No chão da despensa havia dois sacos grandes de feijão e uma caixa de melões, no quarto de Zenaide, um abajur aceso, passamos por duas portas fechadas e chegamos ao extremo do pátio, onde havia outra porta de lâmina galvanizada. Quando Lucero parou para abri-la, dei um passo, meti os braços debaixo dos seus, pus as mãos sobre seu ventre e apertei-a contra mim. Foi uma sensação muito agradável. Ela nada fez para afastar-se e riu. Beijei-a na nuca e ela riu mais ainda. Então aconteceu algo que eu não esperava: com as mãos que eu havia deixado livres, Lucero abriu a porta e deixou sair o cão, que eu não vi até que me deu uma mordida. Era o cão negro que a acompanhava quando ia ao galinheiro. Entre a dor, a surpresa e o susto, soltei-a e ela separou-se de mim e continuou rindo. Dei um chute e o cão me soltou, mas não se queixou. Ia tornar a me atacar, mas Lucero ordenou:

— Quietos, Veneno.

O cão e eu nos olhamos furiosos, ele pronto para me morder outra vez e eu para lhe dar outro pontapé. Lucero disse:

— Por aqui.

Caminhamos os três em paz, como se não houvesse acontecido nem o aperto nem o beijo ou a mordida, nem o chute, atravessamos o patiozinho empedrado e entramos no quarto dos baús. Lucero acendeu a luz. Era um quarto alongado, caiado, com duas janelas, pelas quais se via, à luz do entardecer, o galinheiro de meu tio e as macegas com gerânios que havia no sótão da casa de Don Pepe Lara. Os baús estavam num canto e não atrapalhavam, junto a uma das janelas havia um cavalete, um banco e uma mesinha. Quis ver o quadro que estava no cavalete e encontrei um retrato do gringo que me pareceu horrível. Fui até a mesinha para admirar uma natureza-morta sem nenhuma graça.

— Está muito bom — comentei.

Lucero tomou a natureza-morta e a pôs de cabeça para baixo. Olhei o quarto, estudando a possibilidade de convertê-lo em oficina de desenho — qualquer quarto, onde apenas se coloque uma mesa e uma lâmpada, se converte em oficina de desenho — e tornei a dizer:

— Está muito bem.

Percebi que enquanto olhava o quarto, Lucero tinha ficado me olhando.

— Gosto de você — disse.

Eu ia dar um passo em sua direção, mas Veneno arreganhou os dentes e isso me deteve. Lucero esperou que Veneno e eu saíssemos do quarto para apagar a luz. Enquanto ela fechava o cadeado, perguntei-lhe:

— A que horas você pinta?

Não porque me interessasse a resposta, mas para dar naturalidade à cena.

— Não tenho hora certa. Incomoda você se pinto enquanto você trabalha?

— Ao contrário, gosto de estar acompanhado.

Enquanto Lucero jogava o cadeado na porta seguinte — o Veneno havia ficado preso — quase lhe dei outro aperto, mas a voz de Amália me interrompeu:

— Então, gostou do quarto dos baús, acha que pode trabalhar lá?

Sua figura azul-escura, em forma de um oito esbelto, avançava em nossa direção cheia de atenções.



Nessa noite, depois de jantar, seguindo o costume implantado desde a noite anterior, meu tio e eu fomos ao seu escritório. Duas coisas dignas de nota aconteceram. Uma, que foi Lucero e não Amália quem levou a bandeja com o conhaque e a água mineral. Em vez de deixá-la sobre a mesinha que tínhamos ao nosso alcance, como havia feito sua mãe na véspera, Lucero levou a bandeja até a mesa e ela própria serviu a taça de conhaque e o copo de água mineral e foi colocá-los diante de nós. Isso exigiu que fosse de um lado ao outro do quarto e que se inclinasse duas vezes. Quando ela saiu, meu tio disse:

— Tenho a impressão de que esta moça anda se assanhando para o teu lado.

Bebeu três taças de conhaque, como na noite anterior, e fumou como uma chaminé. A outra coisa interessante que disse foi:

— Eu finjo que me entusiasmo pela mina, mas a única coisa que estou esperando é a morte.

Nesse momento eu o vi, realmente, muito velho e enfermo.



Por que me disse "gosto de você?", pensava eu mais tarde na cama. Por que, se é verdade que gosta de mim, abriu a porta do pátio para que o cão me mordesse? E por que depois me disse "gosto de você"? Outra pergunta: por que me beijou esta manhã, tinha vontade de fazê-lo ou foi a única coisa que lhe ocorreu quando quase a descubro remexendo na minha camisa? Por outra parte, deve-se admitir — pensava eu na cama — que se esta manhã Lucero esteve em uma situação tão forçada que não teve outra saída a não ser beijar-me, esta tarde, em troca, não havia nada que a obrigasse a dizer se gosta ou não de mim. Do anterior deduz-se que gosta de mim e que esta manhã, embora tenha tido outros motivos, queria dar-me um beijo. Embora, claro, contra esta teoria esteja a circunstância de

que quando lhe dei o aperto no pátio, abriu a porta e deixou sair o cão. É uma mulher cheia de contradições.

Eu estava no quarto às escuras, deitado de barriga para cima, na cama de uma das gêmeas, coberto por um lençol, no qual conseguia ver, na penumbra, a pirâmide branca formada por minha ereção. Que diria a Chamuca se me visse como estou, por culpa de uma mulher sem ideologia? Para apagar a imagem reprovadora da Chamuca, evoquei o beijo que me deu Lucero e o aperto que lhe dei.

O relógio da paróquia deu uma e um quarto, ouvi as chinelas de plumas, a porta do banheiro que se abria e fechava, a descarga da privada, a porta do banheiro outra vez e os chinelos que se afastavam. Não sei por que estes ruídos me fizeram conceber um plano muito arriscado: quanto tempo levará Amália para tornar a adormecer profundamente? — pensei. Era demasiado tarde para entabular conversas que esclarecessem este ponto, como por exemplo, dizer-lhe: "Sofro de insônia, você como dorme?" Recordei-me outra vez de Lucero quando pôs a taça na mesinha e o comentário que fez meu tio. Um quarto para as duas me levantei da cama.

Não sei como me atrevi, em uma casa tão respeitável como a de meu tio Ramón Tarragona, sair ao corredor nu. Não só nu mas com ereção. Afortunadamente nem o pintassilgo me viu, porque durante a noite Zenaide cobria a gaiola com uma toalha velha. Havia lua. Cheguei à porta do quarto de Lucero e fiz girar a maçaneta. Nunca ouvi a maçaneta — e depois a porta — girar tão silenciosamente. O ruído de minha circulação, nas minhas têmporas, em compensação, era estrondoso. Fechei a porta com muito cuidado. Demorei um instante para distinguir Lucero, que dormia de bruços, escarranchada, com os braços abertos e as mãos ao lado do travesseiro, o rosto em direção ao outro extremo do quarto, ocupando quase toda a cama, que era larga. Quando bati numa cadeira, mudou o ritmo da respiração, quando levantei as cobertas moveu uma perna, quando entrei na cama, despertou.

— Não se assuste — disse-lhe, muito baixo —, sou eu, Marcos.

Era o momento mais perigoso. Se ela gritasse, me metia numa embrulhada; mas não gritou. Não se moveu. Pus-lhe uma mão sobre o ombro, ela não afastou e comecei a tocá-la. Lucero, dei-me conta, dormia de camiseta de algodão e calcinha. Sem mudar de posição, sem virar e olhar-me, deixou que eu metesse as mãos debaixo da camiseta e lhe

acariciasse os seios, que a apertasse contra meu corpo para sentir a ereção. Tive a certeza de que um momento depois Lucero ia ser minha, e ao mesmo tempo me dei conta de que havia esquecido os preservativos na gaveta da cômoda das gêmeas, mas eu estava tão excitado e o corpo dela parecia tão receptivo, que decidi ir adiante. Meti as mãos debaixo da calcinha e toquei os pelos do púbis, pus a outra mão no elástico da calcinha e empurrei para tirá-la. Então, Lucero trocou de posição e juntou as pernas.

Não tornou a separá-las. Primeiro percorri seu corpo com beijos, até chegar aos dedos do pé, depois fingi haver perdido o interesse nela e dei-lhe as costas, por último me finquei na cama, pus as mãos em seus joelhos e tratei de separá-los à força. Os dois fizemos o que pudemos e ela ganhou. Quando terminou a luta, as cobertas estavam amontoadas no chão, eu ofegante e Lucero em posição fetal, com os olhos fechados, a camiseta e a calcinha postas. Desci da cama, tornei a bater na cadeira, abri a porta e então ouvi-a falar pela primeira vez.

— Boa noite — disse.

Estive a ponto de bater a porta, mas a fechei com cuidado. Fui ao banheiro e fiz pipi. Compreendi que voltar ao meu quarto naquelas condições seria intolerável. Então ocorreu-me outro plano ainda mais arriscado que o anterior. Na realidade não foi plano, porque antes de concebê-lo já o estava executando. Foi mais um impulso irresistível. Quando menos pensei já estava dentro do quarto de Amália. Que recepção diferente! Quando Amália ouviu que alguém andava tropeçando nos móveis, acendeu a luz. Tinha uma camisola decotada que deixava ver o nascimento de suas tetas enormes e dormia com um pano amarrado na cabeça para não desmanchar o penteado, os chinelos — eram realmente chinelos de pluma — estavam junto da cama. Falou muito, mas em voz baixa. Se bem recorde, disse:

— O que há,...? Marcos, o que você tem?... O que quer...? Ai, Virgem Santíssima...! Olhe como você está...! Você está louco! Pense em minha reputação...! Ai, que maravilha...!

Depois, afortunadamente, calou-se.

Voltei ao meu quarto quando ainda estava escuro, antes que Zenaide se levantasse e descobrisse o pintassilgo, meti-me na cama e adormeci profundamente até que me despertaram os sinos da missa das oito. Quando abri os olhos senti uma tremenda opressão. Que enorme estupidez

cometera, pensei. Minha infidelidade à Chamuca era de importância secundária, porque ela ignorava o ocorrido e se alguém lhe dissesse se negaria a acreditar. Muito mais séria era a possibilidade de que meu tio ou Lucero se houvessem dado conta do que havia ocorrido no quarto contíguo. Com um calafrio imaginei a cena que poderia ocorrer dentro de instantes na sala de jantar: eu entrando, meu tio sério, porque eu havia manchado sua casa, Amália com o conta-gotas na mão, preparando o remédio, vermelha de vergonha, Lucero chorosa. Que me restava? Ir embora. A brincadeira me custaria quarenta mil pesos.

Mas havia que considerar também a outra possibilidade: de que nem meu tio nem Lucero se houvessem dado conta de nada. A casa de meu tio é velha e as paredes são muito espessas: tijolo, duas camadas de pedra e cal, cimento e por último o papel de parede. Quase um metro de espessura. Não me lembrava de haver escutado, do quarto das gêmeas, mais ruído do que o dos saltos de Amália caminhando pelo corredor.

Repassei os acontecimentos da noite anterior tratando de analisá-los com um critério acústico. A cama rangia, os dois havíamos feito amor furiosamente, eu havia bufado, Amália havia falado alto, e ao final, aquele lamento prolongado, tão estranho, parecendo um mugido de vaca. Não esclareci nenhuma dúvida, mas cheguei à conclusão de que havia passado uma noite muito satisfatória. O pior que pode ocorrer, pensei, é que tenha que ir embora daqui; que jeito: tomo os quase dez mil pesos que meu tio me deu, vou a Jerez, passo para buscar Chamuca, vamos juntos à Praia da Meia Lua, hotel Aurora, e ficamos ali até que acabe o dinheiro. Depois veremos.

Ao sair do quarto encontrei Lucero, que saía do seu. Olhou-me de uma maneira que apagou minhas preocupações: era evidente que não tinha rancor pelo que havia se passado em seu quarto, nem ideia do que havia se passado no de Amália.

— Como passou a noite? — perguntou sorrindo.

E sem esperar minha resposta afastou-se caminhando de um modo que me recordou o que havia dito meu tio na noite anterior: "Anda se assanhando para cima de você".

Quando entrei na sala de jantar, meu tio, que havia terminado de tomar café e estava palitando os dentes, deixou de fazê-lo e sem dizer uma palavra mostrou um envelope fechado que estava junto ao meu lugar, na mesa. Tive um sobressalto. Pensei: teria se dado conta do que se passou

ontem à noite e escreveu-me uma carta pedindo que me vá e não volte a pôr o pé em sua casa? Estive a ponto de abrir o envelope, mas meu tio disse:

— Não é para você, não seja moleque, é para o diretor de Obras Públicas, em Cuévano. Digo-lhe que você é meu sobrinho e que lhe agradecerei se lhe emprestar os aparelhos de topografia que você necessita.

— Obrigado, tio — disse, aliviado, deixando a carta na mesa. — Hoje mesmo vou apanhá-los.

Nesse momento entrou Amália. Como ficam diferentes as mulheres quando se fez amor com elas! Não me pareceu tão ridícula. Havia pintado de azul as pálpebras e havia posto rímel nas pestanas. Usava um vestido branco leve. Fez-me a mesma pergunta que sua filha:

— Como passou a noite? — quando lhe disse que muito bem, riu com uma risada rouca. — Que é que você quer para o café? — Ela própria, me disse depois, fez os ovos à mexicana, fritou os feijões, esquentou as *tortillas* e levou o café até a mesa.

— Nunca a vi tão ativa — comentou meu tio num momento em que Amália saiu para buscar o pão doce.

Amália voltou, sentou-se à mesa para me ver comer e falou de uns passarinhos que há no campo — "são pequeninhos e têm a cabecinha e as asas quase negras e o peitinho café".

— Chamam-se andorinhas — disse meu tio, que havia escutado a descrição com incredulidade.

Com efeito, eram andorinhas o que Amália queria descrever: faziam ninho entre as vigas dos portais e ao voar moviam as asas por instantes e em outros deixavam-se levar por seu impulso. Amália ficou admirada por haver passado tantos anos sem saber que eram andorinhas, tendo-as visto tantas vezes. Sua reação, e a gargalhada que deu — consegui ver-lhe o palato — foram simpáticos. Notei que meu tio a observava em silêncio. Pus feijões fritos e ovo em uma *tortilla* e ao mordê-la, pensei: "Amália é muito bruta mas muito humana", e, logo depois: "Ninguém me tira desta casa até que meu tio me entregue os quarenta mil pesos que faltam".

Meu tio pediu-me que, já que ia a Cuévano, levasse Don Pepe Lara, que tinha de ir à cidade para resolver vários assuntos, entre outros, levar as amostras de creolita ao laboratório de ensaio.



Quando passei com o Safari pela casa de Don Pepe, encontrei-o na porta pronto para sair. Para ir à capital do estado havia posto um terno cinza-escuro e um chapéu mais novo do que o que usava diariamente. Havia colocado as amostras de creolita em uma bolsa de cânhamo, mais elegante e mais limpa que o saco velho de cimento em que haviam estado guardadas no dia anterior. Dona Jacinta saiu para se despedir como se fôssemos para uma longa viagem e não a uma cidade que está a quarenta quilômetros.

— Que Deus os proteja! — disse dona Jacinta quando o carro arrancou.

Esperei chegar a uma reta na estrada para fazer a Don Pepe a pergunta que havia ensaiado:

— Quem é ou quem era Estela?

Virou a cabeça para me olhar. Nunca se pareceu tanto com uma coruja. Era evidente que não gostara da pergunta e que não encontrava o meio de dar a resposta.

— Onde viu esse nome? — perguntou.

Disse-lhe que na tarde anterior meu tio havia aberto uma das gavetinhas de sua mesa e que eu havia conseguido ver uma foto que estava dedicada "a Estela". Como ante algo irremediável, Don Pepe disse:

— Estela era sua tia Leonor.

— Como, minha tia Leonor?

— Assim a chamavam no lugar onde trabalhava.

— Onde trabalhava minha tia?

— Pensei que você soubesse.

Não sabia, mas sempre me havia parecido estranho que minha tia Leonor, uma mulher humilde, do campo, se houvesse casado com meu tio Ramón, que desde jovem fora um fazendeiro com dinheiro. Minha mãe havia sido sempre imprecisa ao tratar deste ponto. "Sua tia Leonor", dizia minha mãe, "foi trabalhar em Cuévano e ali conheceu Don Ramón". Embora ninguém me tenha dito qual era o trabalho de minha tia Leonor, eu a imaginava empregada de uma mercearia.

— Minha tia trabalhava em um bordel?

Don Pepe levantou os ombros o mais alto que pôde, como para tapar os ouvidos e não ouvir a frase.

— Não a chame assim. Era mais como uma casa de hóspedes.

— Onde viviam senhoritas...

— Exatamente.

— E iam senhores para visitá-las.

— Olhe, Marcos, sua tia Leonor é uma das mulheres que eu mais apreciei e respeitei em minha vida.

— Eu também tenho uma recordação magnífica dela e por isso lhe peço que me diga onde trabalhava.

Don Pepe se encolheu no assento como se tivesse frio, e me disse, olhando com persistência para frente:

— Sua tia chegou a trabalhar em uma casa que estava no beco das Malaquitas, que era propriedade de uma senhora Aurélia. Ali Ramón a conheceu e se apaixonou por ela e se casaram e viveram felizes até que ela, desgraçadamente, morreu, o que foi a maior catástrofe que aconteceu a Ramón. A foto que você via na escrivania de Ramón dedicada "a Estela", deve ser uma das que lhe deram suas companheiras no dia em que ela se afastou do trabalho, para ir viver em Muérdago, na casa que Ramón comprou para ela, no bairro de San José.

A revelação que fez Don Pepe, mais do que escandalizar-me, tornou mais interessante, e muito mais compreensível, a figura de minha tia Leonor. Embora, claro, isso não tenha impedido que a partir desse dia, quando algo sai mal e me dá melancolia, diga para meus botões:

— Nasci em um povoado perdido, meu pai foi agricultor, me chamam de o Negro, a única parenta que conseguiu ser rica começou puta: estou fodido.



Deixamos o carro outra vez do lado de fora do Registro Mineiro e subimos por Campomanes a pé. Ao chegar à esquina, Don Pepe parou e me disse, estendendo a mão:

— Obrigado pela carona, Marquitos.

Ofereci-me para buscá-lo duas horas mais tarde em alguma parte, para regressarmos juntos a Muérdago, mas ele disse que preferia fazer a viagem de ônibus, porque tinha vários assuntos a tratar e não sabia a que horas ia ficar livre. Esta decisão me convinha, porque apesar de simpatizar com o velho, indo com ele não teria liberdade de me desviar da mina, embora por alguma razão me conviesse fazê-lo. Despedimo-nos e ele se foi pela rua do Turco, como quem vai à universidade, que é onde está o laboratório de ensaio de minerais. Cruzei a Praça da Liberdade e entrei no Palácio do Governo.

A influência que meu tio tinha em Cuévano me deixou assombrado. Bastou que eu mostrasse à recepcionista a carta que meu tio havia dado, para que dois minutos depois o Diretor de Obras Públicas me recebesse em pessoa na porta do escritório, em vez de ficar sentado atrás de sua escrivaninha. É o engenheiro Requena, um velho prognata que foi meu professor na escola de minas e que, quando assinalei esta circunstância, pretendeu lembrar-se de mim.

— Você era um dos alunos eminentes.

O que é falso, nunca o fui. Sentamo-nos, ele quis saber como estava meu tio, disse-lhe que melhorzinho, "considerando a gravidade de sua situação", dei-me ares de factótum, ele leu a carta com atenção respeitosa e, ao terminá-la, me disse:

— A Don Ramón não posso negar nada e, por conseguinte, tampouco ao senhor. Que material necessita?

Entreguei-lhe uma lista. Era o necessário para fazer um levantamento topográfico preciso, mas sem nada do outro mundo. Era evidente que tinha curiosidade em saber para que meu tio queria um levantamento. Dei-lhe a entender que se tratava de demarcar algumas propriedades. Não mencionei nem a mina nem a jazida de creolita, porque ele sabe perfeitamente que para uma avaliação correta desta última, faz-se necessária uma sondagem, o que seria quase impossível fingir. Minhas respostas — mentiras puras — pareceram satisfatórias ao engenheiro Requena, e ao final da entrevista redigiu uma ordem para o depósito e assinou-a.

Estava ainda felicitando-me por ter mentido tão bem ao engenheiro Requena, quando cheguei ao depósito para recolher os aparelhos e descobri que o encarregado era nada menos que um tal Malvídio, que trabalhara comigo no Departamento de Planejamento. A princípio não me reconheceu porque nunca me havia visto sem barba, mas ao ver meu nome na ordem, fez a imediata ligação.

— Negro, que prazer em vê-lo! — me disse.

Fingi que me alegrava ao vê-lo e demo-nos um abraço. Este filho da puta, pensei com meus botões, é o único que, no dia em que apareçam meus inquisidores nos jornais, o que não há de tardar, saberá que Marcos González, aliás o Negro, que trabalhava no Departamento de Planejamento e anda foragido, é o mesmo que anda fazendo levantamentos topográficos no Estado, do Plano de Baixo, com aparelhos emprestados pela Direção de Obras Públicas. Malvídio, que é ruivo e de quem nunca gostei, convidou-me a comer em sua casa e eu recusei com firmeza próxima da descortesia. Se vai me delatar, pensei, vai me delatar vá ou não vá à sua casa, prefiro então deixá-lo ressentido e evitar sua companhia.

Malvídio ficou ressentido, mas mesmo assim fez com que os empregados carregassem o trânsito, as balizas, as estádias e os tripés até o Safari. Ao despedi-los dei-lhes vinte pesos e ficaram muito agradecidos, pus o trânsito na mala e fechei-o à chave, depois comprei os jornais do México, e fui lê-los na Flor de Cuévano onde, entre parênteses, o café continuava tão ruim como quando eu era estudante. Vi com alívio que nem a Chamuca nem eu aparecíamos nos jornais, nem o incêndio do Globo. Levantei-me e fui pedir uma ligação interurbana para Jerez. Outra vez Angel Valdés falou com a senhorita Medina.

— Como está você? — perguntei à Chamuca.

— Continuo com saudade.

— Tenha calma. Tudo vai muito bem. É coisa de oito dias. Meu tio me entregará então o dinheiro, eu passarei para buscá-la e vamos juntos à Praia da Meia Lua.

Compreendi de repente que havia deixado a Chamuca quatro dias antes com sessenta e um pesos e que devia estar na lona.

— Hoje mesmo lhe mando dinheiro — disse-lhe. — Mil pesos.

Ela me agradeceu. Parecia contente. Ao ouvir sua voz, tão direta, tão desprovida de afetação e comparando-a com a de Amália ou com a de Lucero, senti mais carinho por ela do que nunca e disse a ela:

— Eu te amo. Diga que me ama.

— Eu te amo — disse ela.

Despedimo-nos. Havia pendurado o fone e estava quase saindo da cabine, quando um homem que ia passando pela rua me chamou a atenção.

— Será Pancho? — pensei.

Um calafrio percorreu minha espinha. Enquanto a caixa averiguava o que deveria cobrar, fui à porta do café e tornei a ver o homem que estava atravessando a rua. Parecia-se com Pancho, com efeito, apenas Pancho era mais gordo, segundo eu lembrava. Paguei a chamada e a conta, regressei à mesa, recolhi os jornais e sai com eles para o Jardim da Constituição e voltei a jogá-los na lata de lixo, cheguei ao Safari, engatei a marcha e sai de Cuévano. Quando já estava na estrada compreendi que o susto que me tinha dado o falso Pancho me havia feito esquecer os mil pesos que ia mandar a Chamuca — pensara ir a um banco comprar uma ordem de pagamento em nome dela, para a sucursal de Jerez. Compreendi que teria que deixar para o dia seguinte, porque senão ia chegar a Muérdago depois de uma e meia.

Ao chegar à mina, tive a impressão de que o lugar estava deserto, mas quando desci do carro e comecei a caminhar até a gruta, ouvi a voz do Ruivo às minhas costas.

— Eh! — gritou.

Assustou-me. Dei a volta e vi que o Ruivo se havia entrincheirado na casa do espanhol. Com algumas pedras havia arrumado o parapeito em uma janela e ali estava a carabina. Ele se encontrava na porta, havia se levantado da cadeirinha e acabava de cuspir um bagaço de cana que tinha na mão. Fui até ele e demos as mãos.

— Ajude-me a tirar umas coisas — disse-lhe.

Baixamos os aparelhos inúteis e os pusemos na casa do espanhol, em um quarto que conservava um pedaço de teto. Não deixei no carro mais do que o trânsito em seu estojo, com o qual pensava entrar e sair da casa de meu tio, para convencer a todos os que me vissem que estava fazendo um trabalho sério. Quando terminamos o carro o Ruivo ficou olhando o chão um momento antes de me dar a notícia:

— Apareceu um pilantra e dei-lhe com a carabina.

— Como se saiu?

— Regular. Eu estava apontando para uma perna e o atingi no braço.

Escorreu um filete mas conseguiu subir no carro e fugir a toda.

Mostrou-me as manchas de sangue seco, quase negro, no capim.

— Era um de camisa vermelha e verde, muito alto e com o pescoço muito comprido?

— Assim era o homem.

— E estava num carrinho branco?

— Assim era o carro.

Amália, pensei, apesar do que havia acontecido de noite e do café que me havia dado, havia dito ao gringo que eu tinha que levar Don Pepe a Cuévano e ele acreditara que não haveria ninguém na mina de manhã.

Dei ao Ruivo outros duzentos pesos.

Cheguei a Muérdago em boa hora para jantar. O carro do gringo estava diante do portão, o que significava problemas. Tirei o estojo do trânsito e bati com a aldrava.

— Estão no corredor — disse-me Zenaide ao abrir. Todos me olhavam, acreditei que me reprovando. O gringo havia tirado a camisa vermelha e verde e vestido uma verde e vermelha e tinha o braço numa tipoia.

Sentava-se na cadeira de balanço, com expressão de dor. Amália estava a seu lado, com a mão no ombro dele, pareceu-me que como tentativa de absorver parte de sua dor. Perguntei ao gringo:

— O que aconteceu no braço?

Ele apenas apertou o queixo. Amália me respondeu: — Imagine que estava atrás de um cachorro, tropeçou e caiu e teve uma luxação muito forte.

Compreendi que não haveria reclamação e ao me tranquilizar dei-me conta de que os outros três Tarragona estavam no corredor. Afonso estava de camisa, braços cruzados, apoiado no corrimão; Geraldo e Fernando se sentavam na poltrona de vime e fumavam. Apesar dos sinais de

cordialidade, como copos de tequila a meio e vários limões chupados, a cena era tensa. Pus o estojo do trânsito no chão — que todos olharam com espanto mas ninguém perguntou o que era — e quando me levantava, apareceu na porta da sala de jantar Lucero, com um copo de tequila na mão e um prato de queijo na outra. Deu-me a tequila e ofereceu-me queijo, sorrindo. Então compreendi que a característica mais notável da reunião era que meu tio não estava presente.

— Onde está meu tio? — perguntei.

Todos os olhares se afastaram de mim. Houve um silêncio até que Amália, depois de consultar com o olhar seus irmãos, me disse:

— Está em seu escritório.

— Está falando com o advogado Zorrilla — disse Afonso.

— Não sei quem é o advogado Zorrilla — falei.

— É o tabelião mais conhecido neste povoado — disse Geraldo.

Sentei-me numa cadeira de palha. Lucero repartiu o queijo. O gringo queixou-se ao mudar de posição na cadeira. Fernando começou a mover o pé nervosamente, mas como o sofá rangia teve de parar de fazê-lo. Afonso deu voltas pelo corredor sem dizer palavra. Amália resolveu levar as coisas sujas, bastava que alguém sacudisse um cigarro para que ela quisesse levar o cinzeiro. Lucero ia e vinha com pratos de queijo.

— Já estão trancados há duas horas — disse Geraldo consultando o relógio.

Parecia que o cachorro predileto da família havia saído à rua.

Levantei-me e fui à sala de jantar para servir-me de outra taça. Lucero entrou atrás de mim, e foi se colocar entre mim e o aparador.

— Eu o sirvo — disse, e tirou-me a garrafa. Pôs tequila no meu copo, pegou-o, provou, me devolveu e riu. Ficamos ali apertados, eu contra ela e ela contra a mesa, olhando-nos nos olhos, sem falar. Afortunadamente ninguém entrou nesse momento.

Quando voltamos ao corredor, meu tio saía do escritório em sua cadeira de rodas empurrada por três homens de cabelo branco, metidos em terno, gravata e colete. Os quatro riam da piada da hiena. Eu, que conhecia os costumes secretos de meu tio, supus que houvessem estado bebendo mescal. O comportamento jovial dos velhos contrastava com os sorrisos idênticos que havia nas caras de meus quatro primos. Ao me ver, meu tio quis me apresentar a seus amigos. Disse:

— Este é Marcos, meu outro sobrinho, de quem já estávamos falando.

Pareceu-me que algo de bom devia lhes dito, porque os outros me saudaram com afabilidade. Eram o advogado Zorrilla, que levava uma pasta de couro; o doutor Canalejas, que tinha bigodes de partidário de Obregón¹; o terceiro já conhecia: era Paco, o do Cassino. Amália ofereceu-lhes um aperitivo, eles recusaram e se despediram. O interessante foi que o advogado Zorrilla, antes de ir, disse a meu tio, dando uma palmada na pasta:

— Este documento será registrado hoje mesmo.

Todos ouvimos com interesse. O testamento, compreendemos, estava feito. Quando os velhos saíram, Afonso perguntou a meu tio, muito solícito:

— Como foi com o tabelião, você não teve dificuldades?

— Nenhuma — respondeu meu tio —, tudo saiu muito bem.

Quis saber o que havia no estojo, eu abri e tirei o trânsito.

— Tome nota, Fernando — disse meu tio. — Deve-se aproveitar que temos à mão um aparelho e um engenheiro, para fazer a demarcação da Mancuerna. Combine com Marcos para que vá um dia à fazenda e nos diga quanto nos cobra por esse trabalho.

— Se você acredita que uma demarcação sirva de alguma coisa, assim se fará.

Não se voltou a falar do testamento.

Depois de comer, em vez de ir dormir a sesta no quarto de Amália, como fazia todas as tardes, o gringo, que evidentemente continuava se sentindo mal, quis ir embora para a sua casa.

— Mas você não está em condições de dirigir — disse Amália.

Meus outros primos haviam ido embora, eu era o único homem sadio na casa.

— Que Marcos o leve — ordenou meu tio.

Assim foi como o gringo, que não queria que eu o levasse a sua casa, e eu, que não queria levá-lo, acabamos no carrinho branco. O gringo me disse as ruas pelas quais tinha de passar e logo me perguntou:

— Você sabe como cheguei a Muérdago?

— Não.

— Adivinhe. Dou-lhe três chances.

— Não tenho a menor ideia — declinei.

— Estava buscando o tesouro de Pancho Villa.

— Verdade?

É preciso ser estúpido, pensei, para buscar o tesouro de Pancho Villa em um lugar pelo qual nunca passou Pancho Villa.

— Sim. Tinha razões para supor que o tesouro estava enterrado em uma igrejinha que está nos Comales.

— E estava?

— Não. Mas você sabe o que foi que encontrei em Muérdago?

— Já lhe disse que não tenho a menor ideia.

— Encontrei Amália.

— Compreendo — disse.

Mas não compreendia nada. Não sabia como continuar aquela conversa. Quando chegamos a sua casa e descemos do carro, o gringo fez um gesto com a cabeça e me disse:

— Venha.

— Obrigado, mas tenho muito que fazer.

— Quero que você veja a minha coleção de armas.

Entrei na casa e vi a coleção de armas. O gringo tinha rifles e espingardas de todos os comprimentos e de todos os calibres. Explicou-me qual servia para matar um veado de perto, qual para matá-lo de longe, e qual era mais apropriado para matar uma pombinha.

— Você gosta da caça? — perguntou.

— Nem um pouco — respondi-lhe.

— Convido-o domingo que vem para atirar nas agachas às margens do rio Bagre.

Ia dizer-lhe que não gosto das agachas com molho e muito menos ter de ir ao rio Bagre para caçá-las, isto, sem contar com a companhia. Não me atrevi e disse algo que saiu muito chão:

— Creio que não vou poder ir.

Parecia que o gringo falava espanhol, mas entendia o que lhe dava na veneta, porque ao despedir-se falou:

— No domingo vou buscá-lo às sete — e acrescentou algo que não entendi mas me deu um calafrio: — Nunca esqueço de nada.



Nessa tarde arrumei o quarto dos baús e o converti em oficina de desenho, acrescentando uma mesa que encontrei na despensa e uma lâmpada de pé que havia estado na sala. Zenaide varreu, sacudiu e me ajudou a carregar. Quando ela se foi comecei a trabalhar.

O trabalho que pensava entregar a meu tio ia ter quatro fases: primeira, desenhar sobre o plano aéreo uma poligonal, questão de meia hora; segunda, medir os dados dessa poligonal e passá-los a um registro de campo, um dia de trabalho; terceira, com os dados do registro de campo, desenhar uma configuração da mina de Covadonga e pontos circundantes — esta configuração resultaria semelhante ao plano aéreo, mas ia ter centenas de detalhes que não apareciam neste nem, claro, na realidade —, três dias de trabalho; quarta e última, usando os dados do registro, preencher várias folhas de papel quadriculado de cálculos obtusos, como cubicações e relações de incidências, dos quais se depreenderia de que a mina, sendo boa, requeria um investimento maior que o calculado inicialmente, um dia de trabalho. A recomendação final que eu pensava fazer a meu tio era de não investir. Esperava que ele ficasse agradecido comigo por salvá-lo de um mau negócio e me entregasse os quarenta mil pesos que segundo o contrato me eram devidos; eu procuraria Chamuca e juntos iríamos à Praia da Meia Lua, hotel Aurora, para viver seis meses.

Havia terminado a poligonal e começava a trabalhar no registro, quando ouvi passos no pátio de pedra e alguém bateu na porta, que estava entreaberta.

— Entre — disse, com a esperança que fosse Lucero.

Era Afonso. Atrás dele, no pátio, estavam Geraldo e Fernando. Apesar de verem a mesa cheia de papéis, perguntou:

— Você está muito ocupado?

— Bastante.

— Não importa. Deixe o que está fazendo para outro dia, porque temos de falar algo muito importante. Acompanhe-nos ao Califórnia.



O bar Califórnia é um salão comprido, iluminado com uma luz esverdeada, que faz com que todos os fregueses pareçam cadáveres. A

decoração representa um deserto com cactos, as pessoas sentam em cadeira de vime e no chão há as escarradeiras mais pesadas que já vi. Há também um trio de cantores que toca sem parar.

Meus primos pediram rum com limonada. Geraldo me advertiu:

— Não caia naquela de pedir nada importado, porque lhe dão gato por lebre.

Pedi um cuba libre. Quando nos serviram, tomamos um gole e, finalmente, Afonso falou:

— Eu tinha esperança — disse, dirigindo-se a mim, para pôr-me a par — de que o testamento de meu tio fosse registrado, porque tenho uma pessoa de confiança que trabalha no cartório de Zorrilla, que me teria informado hoje mesmo do que diz o texto. Desgraçadamente não foi assim. Ao que parece, o que aconteceu esta manhã foi que meu tio escreveu com seu punho e letra um testamento, meteu-o num envelope e o lacrou, os outros três que estavam no escritório testemunharam que meu tio havia escrito um testamento por sua vontade e que estava em seu juízo perfeito quando o fez, mas também não sabem o que diz o texto. No registro só o que consta é que o testamento de meu tio está em um envelope lacrado na caixa-forte do advogado Zorrilla.

— Isto quer dizer — tomou a palavra Geraldo — que estamos como antes: sabemos que meu tio tomou uma determinação, mas não sabemos qual foi nem temos a quem perguntar.

— Podemos perguntar a meu tio — sugeriu Fernando.

Os três me olhavam esperando um comentário, procurei uma frase que não me comprometesse e como não a encontrei disse:

— Compreendo.

— Eu lhe havia pedido quando conversamos sobre este assunto — disse Geraldo —, que logo que você tivesse uma ideia do que fosse herdar de meu tio, nos dissesse, para podermos fazer nossas contas. Que notícias você tem?

— Nenhuma — respondi. — Meu tio não me disse nada.

Afonso interveio: — Não vamos nos preocupar com o que lhe diga meu tio. Quanto você considera que vale sua parte na herança? Diga-nos agora, porque meus irmãos e eu estamos dispostos a comprá-la neste momento. Diga um número.

Deveria ter dito cem, duzentos, trezentos mil pesos, isso teria significado um, dois, três anos na Praia da Meia Lua, hotel Aurora, com

Chamuca. Mas na minha mente atravessou-se uma dúvida muito séria: talvez devesse pedir um milhão, e logo outra pior: talvez o que mais convinha era não vender e esperar que meu tio morresse. Isto é, raciocinei como pequeno-burguês e isso me paralisou.

— Não sei — disse. — Teria de pensar.

— Pois pense esta noite — disse Afonso — e você nos diz amanhã mesmo. É uma operação muito simples de ser feita. Nós lhe entregamos o dinheiro e você assina um papel renunciando à herança.

— Sempre e quando — disse Geraldo — o preço que você nos der pareça razoável.

— E levando em conta — acrescentou Fernando — de que haja probabilidade de que meu tio não lhe deixe nada.

Até Fernando dizer esta frase compreendi que não havia nenhuma probabilidade de que meu tio não me deixasse nada. Se tivesse havido, pensei, estes três não estariam aqui sentados diante de mim tratando de comprar minha herança.

Quando regressei a casa meu tio estava no escritório, jogando xadrez com Lucero, que evidentemente estava ganhando. Ao me ver chegar meu tio me olhou aliviado e disse:

— Que bom que você voltou, porque queria falar com você. Lucero, outro dia terminaremos esta partida. Portanto, traga para Marcos uma garrafa de conhaque.

Lucero pôs o tabuleiro num canto e saiu do escritório.

— Você esteve com seus primos, bebendo — disse meu tio quando estávamos sós.

— Como sabe?

— Porque Lucero viu você sair com eles e porque agora você tem os olhos separados.

Lucero entrou com a bandeja, depositou na escrivaninha, pôs a água mineral de meu tio em um copo, o conhaque em uma taça e inclinou-se duas vezes para servir-nos e para pôr em evidência suas nádegas. Quando ela saiu meu tio bebeu minha taça de um trago.

— Estava com uma sede tremenda — disse e estendeu a taça para que eu tornasse a enchê-la.

— Por que você não guarda uma garrafa de conhaque na caixa-forte? — perguntei.

— De nada serviria, porque gosto de beber acompanhado.

Depois abriu a caixa-forte, tirou uma das taças sujas e eu bebi nela. Quando lhe perguntei o que era de tão urgente que queria contar, disse-me que não era nada, que apenas queria beber.

— Eu quero fazer-lhe uma pergunta, delicada — eu disse.

— Vamos ver se me dá vontade de responder.

— É a seguinte: meus primos me oferecem comprar minha parte da herança.

— Vamos aos poucos: qual parte de qual herança?

— Eles acreditam que você me deixou algo no testamento que fez esta manhã.

— Ah, sim?

Olhei-o atentamente mas não pude descobrir em seu rosto se a suposição de meus primos era correta ou falsa. Continuei:

— Eles oferecem me pagar agora uma quantia para que eu renuncie à herança e não atrapalhe.

— Não é má ideia. Creio que no lugar de seus primos eu faria o mesmo.

— A pergunta que quero fazer-lhe é dupla, primeiro, se me convém vender a herança e segundo, no caso de que me convenha, quanto devo pedir por ela.

Meu tio respondeu sem pestanejar: — Aconselho-o a vender. Peça um preço que lhe pareça muito alto e faça com que lhe paguem o mais possível, mas advirto-o que qualquer coisa que seus primos lhe deem será lucro.

Eu havia temido que aquela conversa fosse dolorosa para meu tio, mas resultou muito mais dolorosa para mim, porque o que acabava de dizer era que o valor da minha herança estava apenas na imaginação de meus primos, porque ele não havia me deixado nada.



Sonhei com colunas de números, com nomes das estações da poligonal e dos pontos visados, com distâncias, azimutes, rumos magnéticos, etc. Quando abri os olhos compreendi que estava no quarto das gêmeas. Sentia muito calor, sobretudo nas costas. Sentia como se houvesse posto um

casaco muito pesado. Outra coisa muito estranha era que entre minhas costelas e o colchão havia algo duro, como um braço, mas não era meu braço.

Umas mãos, que não eram as minhas, estavam-me acariciando o sexo, alguém começou a meter-me a língua pela orelha. Alguém montou sobre mim. Ia dizer "Lucero, meu amor", quando compreendi que a que estava em cima era muito pesada.

— Amália, meu amor — disse.

O beijo úmido que ela me deu fez-me compreender que havia acertado.

¹ Obregón — Partidário do constitucionalismo durante a Revolução mexicana de 1910; usava bigodes longos.



No dia seguinte, sexta-feira 18 de abril, às dez e meia da manhã, escrevi a anotação que segue e que incluo porque creio que reflete fielmente meu estado de ânimo naquele momento. Diz assim:

"Meu tio Ramón crê que ando pelos matagais destes montes carregando o trânsito, focalizando as lentes, tratando de ler com a lupa o que marca o nônio, escrevendo colunas de números no registro de campo, etc. Engana-se. Estou metido até a cintura na água morna do lago, escrevendo esta memória. O trânsito em seu estojo e minha roupa estão à sombra de uma acácia. Eu estou nu, sentado numa espécie de trono de lama, diante de uma pedra que emerge e me serve de escritório. Aqui poderia escrever o registro num instante, se houvesse trazido o mapa aéreo, que deixei no quarto dos baús. Nem falar. O lago está no centro do Caldeirão; a meu redor erguem-se os quatro montes idênticos que se chamam o Foque, o Borloque, a Teta do Norte e o Monte sem Nome. Eu nunca havia esquecido os nomes dos montes, mas o Ruivo teve que me dizer há um minuto a que monte correspondia cada nome, o que é muito útil para o trabalho que estou fazendo, porque lhe dá mais veracidade. Agora sei, além de que a mina está perfurada no sopé do Monte sem Nome, que o manancial brota ao pé da Teta do Norte e que o hotel e o povoado estão na depressão que se faz entre o Foque e o Borloque.

"A água do lago continua fedendo a enxofre, como quando eu era menino, e no fundo continuam crescendo as plantas

aquáticas que costumávamos pôr na cabeça, para parecermos monstros marinhos. A mata de acácias e o bambuzal cresceram porque antigamente a dona do hotel podia nos ver brincar da janela do segundo andar e agora não poderia ver nada, porque entre o hotel e o lago há um muro de vegetação.

"Vim hoje aqui não por obrigação, mas porque tenho que fazer hora, já que se supõe que saí de casa pela manhã para fazer o trabalho de campo. Mereço muito bem este descanso que estou desfrutando depois da noite que me fez passar Amália. Quem diria que ia trair a Chamuca, a quem sempre havia sido fiel, com uma mulher já idosa — Amália deve andar raspando os quarenta e cinco —, que sempre me pareceu ridícula! Agora que a conheço, já não me parece tanto. Francamente, o jeito com que me despertou ontem à noite me agradou muitíssimo".



Da mina fui a Cuévano e recolhi, no Registro Mineiro, o "certificado de não inscrição" da mina da Covadonga, do município de Las Tuzas, Estado do Plano de Baixo. O serviço relâmpago deveu-se aos duzentos pesos que entreguei ao chefe do arquivo, que a princípio pretendeu que eu esperasse dois meses para ele fazer a investigação. O "espanhol", dizia o documento, chamava-se José Isabel Tenazas Archundia, não era espanhol, porque havia nascido no Ouro, Estado do México, e explorou a mina para extrair minerais de manganês. *Oxalá, pensei, meu tio não mostre nunca este papel a um mineiro, porque qualquer um sabe que onde há berílio nunca há manganês.*

Comprei outra vez os jornais do México e fui lê-los outra vez em uma mesa da Flor de Cuévano e outra vez não saiu nada do incêndio do Globo. Já me havia levantado e ia pedir na caixa outra chamada para Chamuca, quando vi que, num canto do café — onde afortunadamente não era provável que me houvesse visto —, estava sentado o que se parecia com Pancho ou, vendo-o bem, provavelmente era Pancho. Tive de fazer um

esforço para não sair correndo. Só parei para deixar uma nota na mesa, atravessei o Jardim da Constituição, cheguei ao carro e quando comecei a me acalmar já estava na estrada. Dei-me conta, então, de que se a polícia havia examinado com cuidado meus antecedentes no Departamento de Planejamento, não lhes teria custado nenhum trabalho conectar-me à cidade de Cuévano, já que no expediente constava que havia feito meus estudos na escola de Minas desse lugar. Decidi que o mais prudente seria não voltar a pôr os pés em Cuévano. Muérdago, em compensação, parecia-me seguro, exceto se ocorresse a Pancho, se é que era Pancho, entrevistar meus antigos professores, chegasse ao velhinho Requeria e este lhe mostrasse a carta que me havia dado meu tio, o que era francamente remoto. Pareceu-me que a situação era delicada e que urgia conseguir dinheiro para ir embora com Chamuca para a Praia da Meia Lua, hotel Aurora. Neste ponto do raciocínio lembrei-me de que o segundo susto que Pancho me havia dado fizera com que me esquecesse outra vez de mandar o dinheiro que havia prometido a Chamuca, e isto acontecera numa sexta-feira à uma e dez.

Amália havia feito com que Zenaide trocasse meu lugar na mesa: em vez de me sentar junto ao gringo ficaria junto de Lucero, no lado oposto.

— É para vê-lo melhor — disse Amália quando estávamos a sós para explicar os motivos da troca. — Se você está do mesmo lado que eu, não posso vê-lo, porque a cabeça de meu marido me atrapalha.

A troca teve dessa vez um efeito que Amália não percebeu: Lucero, oculta pela toalha, tirou a sandália e me fez carinhos na perna com os dedos do pé. Me deu mais *taquitos* que de costume até que meu tio protestou:

— E por que você dá a Marcos dois tacos e a mim apenas um?

— Como está o braço? — perguntei ao gringo, que continuava com a tipoia.

— Melhor — disse. — Espero tê-lo pronto no domingo para atirar.

— Já havia esquecido que íamos caçar — confessei.

— Pois lembre-se, porque eu nunca esqueço de nada — avisou o gringo.

Tornei a sentir uma sensação desagradável quando o ouvi dizer esta frase pela segunda vez.



"Vou pedir um milhão", ia pensando quando empurrei a porta do Califórnia; "mas se me oferecem cem mil, eu pego".

Meus primos estavam num canto, rodeados de cantores que cantavam com muito sentimento *Deixe-me como estava*. Afonso me fez sinal para me aproximar e quando cheguei a seu lado me disse:

— Ouça que maravilha.

Aja com calma, disse a mim mesmo, *enquanto eles não lhe falarem do negócio, nem uma palavra. Faça como se houvesse esquecido para que veio. Afinal você tem toda a noite para pechinchar*. Compreendi que meus primos haviam chegado há pouco. Não estavam precisamente bêbados, mas muito emotivos. *Deixe-me como estava* é uma canção que trata de um homem que tem uma experiência amorosa muito triste, porque as mulheres não são como ele esperava. Quando a amante se despede, ele exige que o deixe como estava antes de conhecê-la, *sem amor nem dor nem nada*.

— Ai, mamãe — gritou Geraldo.

Quando os cantores foram cantar para os que estavam em outra mesa, Geraldo inclinou-se para nós e disse-nos em tom confidencial:

— Vou dizer-lhes uma coisa, a vocês dois por serem meus irmãos e a você por ser meu primo, por vir da capital e ter mais experiência.

Acreditei que ia falar da herança, mas em vez disso contou-nos o que aconteceu na Canada, que é um povoado perto de Muérdago, cujo juiz adoeceu e ele, por amizade, aceitou substituir temporariamente e julgar vários casos que eram urgentes. Quando chegou a Canada, foi ao juizado, sentou-se à mesa do juiz e entrou a secretária com os expedientes.

— Vocês querem saber da verdade? — perguntou-nos aos três: — Me senti muito safado ao vê-la. Mulheres como esta, pensei, quem as faz e onde as guardam, que eu não as conheci quando era solteiro? Chamava-se Angelita e tinha vinte e dois anos. Ao terceiro dia, Geraldo se lhe declarou com estas palavras:

— Não sei que compromisso você tem, Angelita, mas eu quero possuí-la.

Ela era solteira e vivia com a mãe, disse que não tinha compromissos. Foi possuída nessa noite pelo meu primo Geraldo em um dos motéis que estão no caminho de Pedrones.

— Vou-lhes ser franco, Angelita não é uma mulher muito culta, mas as horas que passei com ela nessa noite e nas seguintes, foram para mim como o princípio de uma nova vida.

Foram felizes, disse Geraldo, até a noite em que, depois de haver estado no motel, chegou a sua casa, entrou no quarto de dormir e ao acender a lamparina para despir-se viu sua esposa que estava adormecida na cama de casados.

— Ao vê-la tão tranquila — disse Geraldo —, confiada na mentira que eu lhe havia inventado: que chegava tarde a casa porque estava fazendo umas acareações que haviam resultado muito pesadas, disse a mim mesmo: "Você é um malvado, porque esta mulher que está diante de você, adormecida tranquilamente, deu-lhe seis filhos e vinte anos de paz, cuidou de você com paciência quando lhe deu o *delirium tremens*, é sua verdadeira companheira!" Sabem qual foi a decisão que tomei, rapazes? Acabar minha relação com Angelita no dia seguinte.

— Você fez muito bem, irmão — disse Fernando —, os adultérios só produzem contrariedades.

Por essa época, depreendeu-se da narrativa, já o trabalho de Geraldo em Canada havia terminado e um dos fatores que intervieram na decisão foram os trinta minutos que tinha de viajar para chegar de Muérdago a Canada.

No dia seguinte — prosseguiu o relato — fiz com que Angelita entrasse no arquivo, segui-a e fechei a porta. Disse-lhe: "O que houve entre nós dois acabou-se, Angelita, você é jovem e não quero ser um obstáculo em seu futuro". Ofereci-lhe mil pesos para aparar arestas. Que pensam que me respondeu? Que lhe devia cinco mil, porque era virgem quando me conheceu.

— Ai, que filha da puta! — disse Afonso, realmente indignado.

— Dei-lhe — continuou Geraldo.

— Você fez mal — disse Fernando. — Uma mulher que coloca preço nas coisas do amor não merece um centavo.

— Compreendo que não os merecia, mas não quis que um dia se apresentasse na minha casa e contasse a minha esposa o que se passou no motel que está no caminho de Pedrones.

— O que você devia ter feito — aconselhou Afonso — era apresentar-se diante do Agente do Ministério Público e fazer uma ata: "Sou juiz e a senhorita Fulana de Tal está tratando de extorquir-me", você lhe teria dado um susto tal que não tornaria a atrapalhá-lo.

— Ainda não lhes contei o pior — disse Geraldo, e continuou: — Agora Angelita tem um noivo e vêm juntos com frequência a Muérdago, e às vezes os vejo passear pela área do juizado.

— Eu não toleraria isso — disse Fernando. — Sairia do juizado e mataria os dois a tiros.

— Ao vê-la pelo braço do outro compreendo que ainda a quero e sinto profundo mal-estar, como se me estivessem enterrando um punhal.

— Você fez mal, irmão — disse Afonso. — Principalmente sabendo que é uma mulher que não vale nada.

— Quem diria — concluiu Geraldo — que aos quarenta e sete anos iria ser escravo das paixões!

— Que venham os cantores! — pediu Afonso. — Que me toquem *A que se foi* — pediu Geraldo.

Os cantores se aproximaram da mesa e cantaram não só *A que se foi*, mas muitas canções. Levantei-me. A história de Geraldo me havia perturbado, em parte porque havia tomado vários copos de rum, mas principalmente porque certos elementos me tocavam de perto devido a minhas circunstâncias particulares. Fui ao balcão e pedi ao encarregado da cantina que me fizesse uma ligação interurbana com um número de Jerez. Como o empregado conhecia meus primos, não me atrevi a dar um nome falso e dei o meu próprio.

— Não lhe mandei o dinheiro que lhe prometi — disse a Chamuca quando respondeu, mas amanhã mesmo mandarei por telegrama.

— Onde está você? — perguntou.

Compreendi que ouvia as vozes dos cantores, que diziam nesse momento: *Não é falta de carinho / quero-a com toda a alma*, etc.

— Estou fechando um trato muito importante com meus primos.

A conversa não foi agradável. Compreendi que Chamuca havia começado a se cansar de esperar e estava com a impressão de que me divertia muito em Muérdago.

Quando voltei para a mesa Geraldo havia caído em profunda melancolia e Fernando ajudou-o a se levantar e o acompanhou a casa. Fiquei no Califórnia com Afonso, ainda com a esperança de tratar da

venda de minha herança. Esperança vã, porque foi a noite das secretárias. Afonso quis fazer uma serenata para a sua — embora fosse apenas onze e meia.

— Eleninha, a que você conheceu — disse-me.

Compreendi que sua relação com ela ia além do escritório.

Contratou cantores, fez com que o garçom pusesse no Galaxie duas garrafas de Bacardi, gelo, copos e refrescos, e pagou a conta, incluindo minha chamada telefônica. Seguimos no Galaxie com as garrafas e os violões e os cantores, até um bairro de mau gosto que se chama Colinas de Muérdago. Afonso e eu ficamos numa rua escura tomando rum com limonada, junto ao carro, enquanto os cantores avançaram uns vinte metros até chegar a uma janela lavrada em estilo colonial atrás da qual, segundo Afonso, dormia Eleninha, e começaram a cantar, primeiro *As manhãzinhas* e depois *Não saia menina à rua, porque o vento enganoso, brincando com seu vestido pode desenhar seu talhe*, etc.

Nisso passou um carro e um dos que iam dentro disse:

— Olá, advogado!

— Agora sim, vou à puta que pariu! — disse Afonso quando o carro se afastou. — A esposa do que passou é amiga de minha mulher e com certeza vai contar que seu marido me viu fazendo uma serenata nas Colinas de Muérdago.

Fiz sinal aos cantores para que terminassem rápido o que estavam cantando e eles obedeceram, cortando uma estrofe. Afonso fez com que subíssemos os quatro no Galaxie, levou-nos ao outro extremo da cidade, e parou diante de uma casa moderna de feiura espetacular.

— Essa é sua casa — me disse quando baixamos, e ordenou aos cantores. — Vamos, rapazes, cantem uma cançãozinha à senhora minha esposa.

Eles voltaram a cantar *Não saias menina à rua*, etc. Afonso, muito satisfeito, disse-me:

— Se alguém perguntar o que é que eu andava fazendo nas Colinas de Muérdago, direi que tive de ir até lá para contratar os cantores.

Cheguei a casa farto de meus primos. Inclusive de Amália. Tirei as botas argentinas no saguão procurando não fazer barulho e fechei a porta à chave até que um barulhinho me despertou. Alguém estava tentando abrir a minha porta. Será Amália ou Lucero?, pensei. Suponhamos que abro e é Amália. Estou ferrado. Por outra parte, suponhamos que não abro e que é

Lucero. Me ferro também. O dilema foi resolvido por quem estava tratando de abrir, porque não insistiu. Dissolveu-se o dilema mas não se esclareceu o mistério. Fiquei acordado pensando: terá sido Amália que quis entrar, ou seria Lucero? Depois adormeci.

De manhã estava debaixo do chuveiro com a cabeça ensaboada, quando se abriu a porta do banheiro. Levantei a cortina e vi Amália vestida de branco. Por um momento pensei que havia entrado acreditando que o banheiro estivesse desocupado e que no momento em que visse que eu estava no chuveiro iria sair. Não foi assim. Amália fechou a porta, foi ao chuveiro, descerrou a cortina e ajoelhou-se diante de mim. Apenas tive tempo de fechar as torneiras de água para não molhá-la. Ia pôr as mãos na cabeça dela, mas estava empapado e lhe teria desmanchado o cabelo. Acabei agarrando-me na cortina e pensei: devo estar ficando louco, porque esta mulher me encanta.



Meu tio estava tomando o chocolate quando entrei na sala de jantar.

— Se embebedaram? — perguntou.

— Um pouco.

— Que inveja! O que aconteceu, você vendeu?

— Não.

— Fez bem. Não lhe convém.

— Você não me disse ontem que me convinha vender e que qualquer quantia que me pagassem os primos pela minha parte era lucro?

— Eu disse isto, com efeito, mas onde você ouviu que eu tenha fama de dizer sempre a verdade?

Não soube o que responder. Fiquei olhando-o e procurando decifrar se agora, sim, brincava comigo. Ele disse:

— Fernando virá hoje para levá-lo a Mancuerna e você deve dizer-nos quanto vai cobrar pela demarcação.

Qual será meu destino, pensei, ficar aqui esperando uma herança e inventando planos topográficos?

Lucero entrou na sala de jantar, de jeans e camiseta branca, sem sutiã. Pareceu-me que meu tio e eu a olhávamos com expressões idênticas.

Amália apareceu então com o remédio e enquanto ela e meu tio discutiam alguma coisa, Lucero aproximou-se e me disse, com muita naturalidade:

— Ontem à noite quis entrar em seu quarto e não pude.



Quanto mais se complicava minha situação, mais culpado me sentia e mais imperiosa era a necessidade de mandar dinheiro para a Chamuca para apaziguar minha consciência. Por esta razão, quando saí de casa e encontrei Fernando me esperando na rua, sobrecarregado no Safari, preferi cometer uma indiscrição a deixar o envio para outro dia.

— Antes de ir a Mancuerna — disse — necessito mandar um telegrama.

Fernando acompanhou-me ao escritório dos Telégrafos, e não só me acompanhou, como ficou ao meu lado enquanto eu escrevia o nome de Chamuca, seu endereço em Jerez, a quantidade que enviava — mil pesos — com número e letra, a mensagem de cinco palavras, grátis, como a tarifa autoriza e que dizia assim:

"NOS VEREMOS SÁBADO PRÓXIMO BEIJOS"

— É sua noiva? — perguntou Fernando que havia estado bisbilhotando.

— Não. É uma prestamista a quem devo mil pesos.

— Pareceu-me ver você escrever a palavra "beijos".

— Não escrevi beijos, escrevi pesos — disse e virei a página.

Fernando adiantou-se ao chegar ao Safari e sentou-se ao lado do volante.

— Vou dirigir, porque conheço melhor o caminho do que você — me explicou.

Mesmo assim nos atolamos ao atravessar o leito seco do rio Bronco. Como Fernando estava ao volante, eu tive de descer para empurrar. A

quinze metros estavam três rancheiros com pás carregando um caminhão de areia. Em vez de me ajudarem, suspenderam o trabalho para ver como eu ia ficando roxo com o esforço que estava fazendo. A um deles o espetáculo pareceu muito engraçado e riu. Quando por fim o carro saiu do atoleiro e chegou à terra firme, voltei-me para os rancheiros e disse-lhes:

— Vocês três me façam a fineza de ir à puta que pariu.

Nem responderam nem se mexeram. Fui até o Safari e sentei-me. Fernando desceu pela outra porta e foi até onde estavam os rancheiros.

— Rapazes — disse-lhes —, lembrem-se que o que acaba de insultá-los vinha comigo no carro, mas não fui eu. Nunca os desrespeitei.

Quando Fernando voltou ao carro e o pôs em marcha, eu disse:

— Diga-me uma coisa, Fernando, tive ou não razão quando os mandei à puta que pariu?

— Você teve — respondeu-me —, mas leve em conta que você vem num dia e se vai no outro, enquanto eu vivo aqui, e não quero que um dia um deles me meta uma bala pelo ódio que você provocou. Por isso fui apaziguá-los.

Com este diálogo estragaram-se as relações entre mim e Fernando. Por isso quando ele me disse:

— Meus irmãos me encarregaram de perguntar o que íamos perguntar ontem à noite antes de nos distrairmos: quanto você quer por sua parte da herança?

Respondi-lhe: — Prefiro doá-la às monjas do Divino Verbo.

Olhou-me com a mesma expressão dos rancheiros quando os mandei à puta que pariu. Imediatamente me arrependi de haver respondido assim e ia me arrepender mais ainda. Se meus primos me houvessem dado o dinheiro então, e eu houvesse buscado a Chamuca e ido à Praia da Meia Lua, hotel Aurora, muitas desgraças teriam sido evitadas.



Nessa tarde desenhei a configuração no quarto dos baús. As cinco e meia chegou Lucero e muito calada, sem dar-me boa-tarde, sentou-se diante do cavalete e desenhou várias versões do que supus seria meu retrato. Pretendi não dar-me conta do que ela fazia e evitei como pude ver

o resultado. Quando terminei de passar ao papel o fragmento de poligonal que havia começado, tinha as mãos trêmulas. A excitação era quase insuportável. Tirei o plano da mesa, enrolei-o com cuidado e o pus de lado, no registro; depois tomei outra folha de papel alvadio e o estiquei sobre a mesa. Lucero, que continuava desenhando, olhava-me de vez em quando, mordendo o lábio inferior. Fui até a porta, fechei e pus a tranca, para evitar que Veneno, que estava adormecido no pátio, entrasse; fiquei em pé atrás de Lucero, que continuava desenhando, pus-lhe as mãos sobre os ombros e disse-lhe:

— Venha.

Ela levantou-se, seguiu-me até o centro da peça e deixou que eu lhe tirasse as sandálias, as calças, as calcinhas e a camiseta.

— Sente-se aqui — disse, mostrando o papel limpo que acabava de esticar sobre a mesa. — Agora levante as pernas e ponha-as sobre meus ombros.

Ela obedeceu. Tudo saiu tão bem que nem me importei quando o orgasmo a fez juntar as pernas e esteve a ponto de estrangular-me. Mugiu igual a Amália.

(domingo de manhã)

De todas as maneiras possíveis de se perder a manhã de um domingo, esta é a que me parece mais estúpida: vir com o gringo às margens do rio Bagre para atirar nas agachas. (A agacha é uma ave aquática que se alimenta de moscas, tem gosto de lodo e é considerada no Estado do Plano de Baixo um manjar muito delicado. Seu nome vem do fato de quando se sente perseguida, abaixar-se, mergulhando na água, aparecendo a curta distância e tornando a abaixar, desconcertando o caçador e fazendo-o errar o tiro.)

Estou sentado em uma pedra que há no bambuzal, com a espingarda que me emprestou o gringo na mão. Diante de mim estende-se o rio que, neste ponto, tem uns vinte metros de largura. A água, que não tem corrente, parece café com leite. Segundo a teoria do gringo, as agachas aparecerão na margem oposta, entre as estevas e os salgueiros. O gringo está sentado na outra pedra, uns vinte metros rio acima, quase oculto no

bambuzal. Continua com o braço amarrado mas já não traz a tipoia. Espero que esteja bom o suficiente para disparar com o rifle que leva, um automático de sete milímetros. Parece-me completamente idiota atirar em agachas com um rifle cujo disparo é capaz de derrubar um veado. Espero que o gringo não dispare antes de mim, porque estou certo de que vai errar e vai espantar as agachas, que são animais para se acertar na primeira ou nunca mais.

Tenho fome, porque o gringo me apanhou quando mal tinha me vestido e não tive tempo de tomar café. Também sinto calor, porque o poncho de Santa Marta, que há pouco me cobria agradavelmente, agora que subiu o sol me dá um calor infernal. Tiro-o, ponho sobre a pedra e me sento em cima.

Aqui vêm as agachas: são quatro e nadam rio acima, isto é, passarão diante de mim antes de passar pelo gringo, o que é uma vantagem. Agora vejo que me atrapalha um tronco seco que há na água e que se interpõe entre as agachas e mim. Por isso levanto-me cautelosamente e vou colocar-me uns cinco metros rio abaixo, onde o carriçal é mais espesso. As agachas não me viram, estão muito ocupadas comendo mosquitos. Pobres agachas. Levanto a espingarda e disparo. Quase simultaneamente ouço a descarga do gringo. O malandro disparou cinco tiros com o rifle automático. Duas das agachas ficam esperneando e as outras duas afundam. Na excitação do momento entro na água, molhando as únicas calças que tenho e vou apanhar as peças. Enquanto chapinho de volta para sair do bambuzal, me dou conta de que os dois animais que levo na mão têm feridas de chumbo, isto é, eu os matei.

Quando saio do carriçal encontro o gringo no caminho, dando-me as costas. Quando ouve meus passos volta e dá um salto ao ver-me.

— Onde é que você estava? — pergunta.

Digo-lhe onde estava.

Está furioso. — Você devia avisar que ia trocar de lugar, poderia ter acontecido um acidente.

Quando recolho o poncho de Santa Marta, que havia deixado sobre a pedra, descubro que tem três furos redondos. Não digo nada.



Lucero cozinhou as agachas em uma massa folhada. Pôs tanto tempero que não me caíram mal. Disse que estavam deliciosíssimas, mas francamente teria preferido comer qualquer outra coisa. Meu tio comeu mais da metade do pastelão, acompanhando-o com vinho, que Amália deixava-o beber aos domingos. Perguntou-me com malícia, apenas para incomodar o gringo:

— E o que Jim fazia enquanto você caçava as agachas?

O gringo franziu a boca e apertou como se alguém estivesse tentando meter-lhe um grão-de-bico à força.

Nessa tarde Lucero foi à rua e eu pude trabalhar sem interrupções muito tempo no quarto dos baús. Já estava escurecendo quando a porta se abriu e Amália entrou.

— Venha — disse —, quero mostrar-lhe uma coisa divina.

Segui-a com a confusão que sempre me produz sua proximidade. Os saltos que usa, por exemplo, que são altos e pontiagudos — estou seguro de que com um chute pode perfurar um crânio — se torcem e escorregam quando Amália caminha no pátio dos fundos, que é feito de pedras.

Parecem-me completamente ridículos. As pernas, em compensação, que são peludas mas bem-feitas, me produzem uma sensação mista: em parte repulsa e em parte atração lasciva. O que diz, então, é tão grotesco que me produz ternura. Nessa tarde, por exemplo, tive a ideia de perguntar-lhe:

— Por que você se casou com o gringo?

— Porque sempre me encantou tudo o que fosse americano.

Desprezo-me porque me dão ternura estas asneiras e me desprezo mais porque não me atrevo a dizer-lhe que são asneiras. Quer dizer, nem posso aceitar Amália como se fosse uma igual, nem posso desprezá-la.

Levou-me até a primeira porta do corredor, que está sempre fechada, abriu-a com a chave que levava na mão e entramos na sala que estava na penumbra, porque as venezianas estavam abaixadas.

— Olhe — disse, e acendeu a luz.

Queria que eu visse o lustre.

— Não é lindo?

Era um lustre de prismas, de doze lâmpadas, que minha tia Leonor nunca quis acender porque, segundo ela, gastava muita corrente.

— É enorme — disse.

— Quando o vejo aceso sinto como se estivesse num conto de fadas — disse Amália.

Logo apagou a luz, fechou a porta e fizemos amor no chão.

— Você vem ao meu quarto esta noite? — perguntou duas horas depois, quando punha na bandeja as garrafas que ia levar ao escritório.

— Creio que não vou poder — disse-lhe. — Tenho que trabalhar muito.

Passei a noite com Lucero.



— Vou passar uns dias fora de sua casa — disse a meu tio ao café.
— Onde vai você?
— Ficar perto da mina.
— Que é que você ganha com isso?
— Creio que poderei trabalhar melhor. Perco muito tempo indo e vindo.

— Bem, mas e eu? — disse meu tio —, com quem vou tomar o conhaque de depois do jantar?

Estava realmente ressentido. Quando saí de casa encontrei meus primos fora, esperando-me.

— Acompanhe-nos ao Cassino — disse Afonso. — Temos que falar.

Fomos caminhando em silêncio, Fernando e Geraldo adiante, Afonso e eu atrás, Afonso levando uma pasta. Todo mundo que encontramos na rua nos saudou, Paco, o do cassino, abriu-nos o salão de jogos e mandou um garçom com café com leite, que era a única coisa que havia a essa hora. Enquanto mexíamos o açúcar, Afonso tomou a palavra:

— Diz Fernando que você disse que prefere dar sua parte da herança às freiras de San Vicente...

— Do Divino Verbo — corrigiu Fernando.

— ... do Divino Verbo, do que nos vender a nós que somos seus primos e que tínhamos interesse em comprá-la.

— Desde que você peça um preço razoável — esclareceu Geraldo.

Eu ia dizer que havia mudado de opinião e que estava decidido a vender, mas meus primos não me deixaram falar.

— Sua atitude nos prejudica — disse Fernando.

— E nos parece muito egoísta — disse Geraldo.

— Mas decidimos respeitá-la — disse Afonso — e propor-lhe outra fórmula que talvez lhe interesse mais.

Era a seguinte: como os únicos possíveis herdeiros de meu tio Ramón éramos os quatro naquela mesa mais Amália, a solução para todas as incertezas era muito simples, bastaria que assinássemos um convênio e o registrássemos ante um tabelião, comprometendo-nos a, por ocasião da morte de meu tio Ramón, somar os bens que ele nos deixasse em testamento e dividi-los em cinco partes iguais.

— Deste modo — terminou dizendo Afonso — teremos a certeza de que no dia em que meu tio desgraçadamente nos faltar, cada um dos assinantes será dono de bens que valem em números redondos três milhões e meio de pesos. Que é que você acha?

Eu teria preferido ter o dinheiro na mão, mas disse "muito bem", meus primos gostaram da resposta, Afonso abriu a pasta e tirou uns papéis. Eram seis cópias do convênio que acabava de propor-me. Notei que uma das partes já havia assinado. "Amália Tarragona de Henry", li em tinta verde, com letra de má aluna de escola de freiras. Não sei por que senti ternura ao ver aquelas letras, que deveriam ter-me causado indignação, porque me dei conta de que provavelmente Amália havia assinado o trato antes de me levar para ver o lustre e não contou nada. Tirei a caneta e assinei, em cada uma das folhas e ao final do convênio, nas seis cópias, e o mesmo fizeram meus primos.

— É um tanto para cada um — explicou Afonso — e um tanto para Zorrilla, que vai registrar isso hoje mesmo.

Guardei minha cópia, despedi-me de meus primos e fui ao banheiro. Estava urinando quando chegou ao mictório ao lado Paco, o do cassino.

— O senhor é o herdeiro — me disse.

— Como, o herdeiro?

— Sim, Ramón fez tudo em segredo mas ando apostando pelo povoado que o senhor é o herdeiro. Quer apostar, mil pesos?

— Não, muito obrigado.

No caminho para o Caldeirão pensei: *nasci em uma aldeia perdida, meu pai foi agricultor, me chamam de o Negro, a única da minha família que chegou a ser rica começou como puta e com uma única assinatura perdi quatorze milhões de pesos. Dizer que estou fodido é pouco.*

— Chegou a senhora — me disse Zenaide, radiante, nessa tarde, quando voltei para casa e ela abriu o portão.



Nem me atrevi a perguntar qual era a senhora que havia chegado. Senti-me como o equilibrista que esteve fazendo piruetas na corda bamba e de repente se dá conta de que já perdeu o pé e vai de cabeça no chão.

No corredor vi o seguinte: meu tio estava na cadeira de rodas e o gringo na cadeira de balanço, orientados de maneira diferente, mas com os olhares convergindo para o mesmo ponto: os joelhos morenos da Chamuca, que estava numa cadeira de vime, com um vestido amarelo que eu não conhecia e que, soube depois, ela havia comprado com uma parte dos mil pesos que eu, por ser bobo, lhe havia mandado na antevéspera.

Chamuca não se virou para me olhar, porque estava atenta ao que dizia meu tio, que estava contando outra vez a piada da hiena. Em compensação, Amália e Lucero, sentadas no sofá de vime — era a primeira vez que as via juntas —, não olhavam nem para as pernas de Chamuca nem para a boca de meu tio, mas para mim, que ia caminhando em direção ao grupo. Nunca, devo admitir, pareceu-me tão longo o corredor.

Quando meu tio chegou à frase final da piada, a Chamuca e o gringo soltaram uma gargalhada, eu tratei de sorrir, Amália e Lucero continuaram me olhando muito sérias. Quando terminou de rir, a Chamuca se pôs de pé, foi até mim e beijou-me na boca. Quando nos separamos, meu tio disse:

— Você cometeu dois grandes erros: o primeiro foi não trazer sua esposa desde o começo, o segundo foi não haver estado aqui a tempo de recebê-la. Minhas felicitações, ela é muito simpática.

Eu não me atrevia a olhar nem Lucero nem Amália. Disse à Chamuca:

— Alegro-me que você tenha vindo, mas não a esperava.

— Estava com muita vontade de vê-lo.

— Amália — disse meu tio —, faça com que arrumem a outra cama das gêmeas.

Amália levantou-se e ao passar perto de mim me disse, num sussurro:

— Você não tem coração.



Foi uma tarde horrível. Durante o almoço Amália voltou a trocar a distribuição dos pratos e me tocou ser o último; ao terminar, meu tio quis mostrar a casa a Chamuca e tivemos de empurrá-lo até o galinheiro; num momento em que fiquei a sós com Lucero, perguntei-lhe:

— Você está zangada?

— Não — respondeu-me. — Estou triste.

A tarde, as três mulheres sentaram-se no corredor e falaram de moda e das vantagens de se viver na província, depois fomos todos, em dois carros, à colina dos Coelhos para ver o pôr-do-sol; à noite meus primos foram jantar e conhecer a Chamuca, que de sobremesa tocou o violão que meu tio mandou tirar do guarda-roupa, e cantou *Patrulha guajira*. De noite tentei fazer amor com ela e fiquei impotente.

No dia seguinte a Chamuca e eu fomos viver no hotel do Caldeirão.

(quinta-feira 24 de abril)

Diante de mim, na mesa de pingue-pongue do hotel está meu trabalho terminado. O plano de configuração, que parece muito exato, tem um metro e vinte de largura e não coincide com o mapa aéreo da região. O Monte sem Nome, por exemplo, que no mapa aparece circular, no plano é ovalado, o que me parece mais elegante e talvez mais de acordo com a realidade — sem que isto tenha maior importância. Há vinte folhas quadriculadas sob o título geral de *Estudo de custos e rendimentos*, cheias de cálculos, cujo significado entendo, mas seria complicado demais e completamente inútil explicar aqui. Ao final há outras cinco folhas escritas na máquina do hotel — que se intitulam *Conclusões e recomendações*, em que demonstro, de maneira incontestável, que a mina, sendo muito rica, não é financiável em pequena escala.

São oito da noite, há moscas no corredor, onde trabalhei sem descansar durante os três últimos dias — dona Petra, a encarregada, permitiu-me

usar a mesa de pingue-pongue graças ao fato de não haver outros hóspedes além de nós. Daqui a instantes iremos no Safari a Muérdago. A Chamuca esperará na Praça de Armas, levarei o trabalho a meu tio, que tem de entregar-me, segundo contrato, quarenta mil pesos. Amanhã, a Chamuca e eu chegaremos à Praia da Meia Lua, hotel Aurora, onde já fizemos reservas.



O que vou contar é a única coisa notável que me aconteceu na vida: depois de ser durante cinquenta anos farmacêutico, me converti em detetive. Não posso dizer que triunfei neste segundo ofício, mas desempenhei-me melhor do que os profissionais que intervieram no caso que me coube resolver.

Para começar minha narrativa, creio que convém admitir que eu fui causador indireto dos delitos que depois tive de investigar. Se naquela noite em que estava fechando a farmácia e passou Marcos González e me cumprimentou e o reconheci, lhe houvesse dito, como fazem algumas pessoas: "Que prazer em vê-lo, boas tardes e adeus", é possível que ele houvesse continuado o seu caminho e nenhuma desgraça houvesse ocorrido. Mas não foi assim, porque ao ver Marcos senti uma grande simpatia por ele, por ser tão parecido com sua tia Leonor Alcântara, que foi uma das pessoas a quem eu mais admirei e respeitei. Ele estava cansado e usava poncho e barba, e uns sapatos muito esquisitos que, me disse depois, se chamam "botas argentinas", mas de qualquer maneira se parecia com Leonor e gostei dele. Quando me disse que havia estado na casa de Ramón e que Amália não o havia deixado entrar, não hesitei em convidá-lo a passar a noite comigo. Assim fiz naquele momento e creio que fiz o certo, porque teria que ser adivinho para imaginar as consequências que aquele ato iria ter. Quando me contou a história da mina acreditei piamente. Não somente acreditei, como me pareceu que o negócio que oferecia poderia ser benéfico para Ramón. No dia seguinte, levei-o à casa de seu tio, apresentei-o, apoiei-o e até assinei como testemunha o contrato que firmaram. Fiz tudo isso e não me arrependo, porque agi de boa fé. Se as consequências foram fatais, nada há a fazer.

No dia seguinte à da reunião entre o tio e o sobrinho, percebi que havia acabado a essência de Esparta, uma substância indispensável a toda farmácia, que só se consegue na do doutor Ballesteros, na cidade de Cuévano. Vi-me obrigado a fazer uma viagem à capital de meu estado. Havia terminado minha missão e saía da farmácia do doutor Ballesteros com a essência de Esparta no bolso, quando vi Marcos. Meu primeiro impulso foi chamá-lo, mas estava longe e parecia ter pressa. Saiu da Flor de Cuévano, atravessou o Jardim da Constituição, jogou algo numa lata de lixo e foi-se para a esquerda, como quem se dirige à rua do Triunfo de Bustos.

Creio que algo em sua conduta me deu má impressão, porque me fez fazer algo que não é de meus hábitos. Quis ver o que Marcos havia jogado no lixo. Felizmente era uma lata aberta e não tive de empurrar a tampa, o que me teria parecido humilhante. No lixo estavam cinco jornais do México daquele mesmo dia.

Enquanto caminhava até o terminal de ônibus ia pensando por que alguém compra cinco jornais do mesmo dia. Ou está procurando trabalho ou quer comprar uma casa ou está esperando uma notícia que lhe interessa. Quando cheguei ao terminal aproximei-me do jornaleiro e comprei *Excelsior*, *El Universal*, *El Sol de México*, *La Prensa* e *El Herald*o. Fui lendo no ônibus de volta a Muérdago, procurando descobrir a notícia que poderia interessar Marcos. Pulei as notícias internacionais, as páginas sociais, as seções editoriais e fiquei com uma convenção de banqueiros que havia em Acapulco, um ex-funcionário acusado de roubar cento e dez milhões, uma mulher que havia apunhalado a caseira, outra que perseguia seu filho e, na página 18 do *Excelsior*, alguns terroristas presos no dia anterior pela polícia. Havia um fugitivo apelidado de "o Negro".

Recortei com uma navalhinha a notícia e quando desci do ônibus em Muérdago fiz o mesmo que Marcos havia feito em Cuévano: lancei numa lata de lixo os cinco jornais daquele dia.

Eram três e dez. Tinha fome e sabia que minha esposa estaria me esperando, mas em vez de ir a minha casa fui à de Ramón, com a esperança de poder falar com ele antes da sesta. Devo confessar que naquele momento não sabia o que ia dizer a Ramón, mas sentia a necessidade de falar com ele sobre Marcos. Quando nos fechamos em seu escritório ele disse algo que estranhei:

— Não lhe parece que a história que nos contou Marcos sobre a mina de berílio é uma zombaria?

— Por que diz isso?

— Porque esta manhã descobri que Marcos tinha sessenta e um pesos no bolso.

— E o que tem isso?

— Como o que tem isso? Se me propõe um negócio que vale milhões e eu aceito que faça um trabalho pelo qual vai cobrar cinquenta mil pesos de honorários, se não tem mais de sessenta e um no bolso, o natural é que me diga, "Tio, dê-me cinco mil por conta, porque não tenho nem para a gasolina". Que não tenha me pedido um adiantamento é indício de que no que me propôs há algo de errado e não quer dar a perceber, com medo de que eu descubra que está agindo de má fé.

Eu tinha ido ver Ramón para pô-lo de sobreaviso, mas quando vi que ele tinha suspeitas, pareceu-me injusto.

— É possível que não tenha pedido dinheiro por timidez — sugeri.

Ele estava tão indeciso com respeito a Marcos quanto eu. Disse:

— Claro que pode ser timidez. Pensei nisso esta manhã. Por isso dei-lhe mil pesos.

— Deu-lhe mil pesos?

— Que não tornarei a ver. Não só lhe dei mil pesos, fiz com que Fernando lhe emprestasse o Safari.

— E agora você acredita que não vai devolver nada.

— Estou convencido. Fui muito inábil, porque podia ter levado o Galaxie de Afonso, que é mais caro, mas que tem a vantagem enorme de não ser meu. Não sei por que com esta idade fiquei generoso.

— Para alguém que está fugindo — disse —, Marcos não chegou muito longe: vi-o há pouco em Cuévano.

Foi evidente que esta notícia o tranquilizou; disse-me no entanto:

— Aposto mil pesos que não volto a ver nem os outros mil pesos, nem Marcos, nem o Safari.

Aceitei a aposta acreditando que ia perdê-la, não disse que havia visto Marcos jogando jornais no lixo e perguntei a Ramón:

— Como seus primos apelidaram Marcos: o Negro?

— Seus primos e todos os que o conhecem o chamam de Negro, pela simples razão de que é negro.

Despedi-me e ia saindo quando Ramón me pediu: — Diga a Zenaide que se Marcos voltar a esta casa lhe dê de comer o que tiver vontade.



Nessa tarde Zenaide chegou à farmácia com um dos papeizinhos dobrados que Ramón usava para comunicar-se comigo — desde que Amália e Lucero haviam ido viver em sua casa não usava o telefone por estar convencido de que Amália escutava as conversas de um aparelho que ela tinha em seu aposento. A mensagem dizia:

*O passarinho regressou e trouxe as amostras.
Venha com a enciclopédia para ver se as pedras são
realmente creolita.*

Como de costume, Ramón não me pedia "por favor"; como de costume, também, obedeci imediatamente. Deixei a farmácia a cargo da empregada e fui à casa de meu amigo com dois tomos da *Enciclopédia das Ciências e das Artes*. Encontrei-o no escritório estudando as pedras que estavam sobre a mesa.

— Feche a porta — disse, e quando o fiz: — Procure a palavra "creolita" — e em outro tom: — Aposto cem pesos que estas pedras não são creolita.

Abri um dos tomos, encontrei a palavra "creolita", vi a ilustração, comparei com as pedras que havia na mesa e disse:

— Você me deve mil e cem pesos.

— Por que mil e cem?

— Porque Marcos regressou e essas pedras são creolita.

— Um momento. Marcos regressou e trouxe o Safari, mas não os mil pesos que lhe dei esta manhã. Assim, nem ganho nem perco. Agora, quanto a estas pedras se parecerem com a ilustração, estou de acordo.

Tirou os cem pesos e me deu. Foi a única vez que o vi pagar uma aposta. Compreendi que estava feliz porque Marcos havia voltado.

— Quero — disse-me — que amanhã você vá a Cuévano e leve estas amostras ao laboratório, para ver se têm tão boa lei como o rapaz diz.

Incomodava-me ter de voltar a Cuévano no dia seguinte, mas Ramón estava tão interessado na mina e tão cheio de entusiasmo, que lhe prometi atender ao desejo. Ele me confessou:

— Cometi outra fraqueza.

— O que foi agora?

— Dei-lhe outros nove mil pesos.

— Bom, mas isso não estava no contrato.

— Já sei. Mas espere que não acabei de contar: não só lhe dei os nove mil pesos que não tinha obrigação de dar, mas disse-lhe que podia usar o Safari todo o tempo que quisesse, e pior, prometi-lhe dar uma carta para o engenheiro Requena pedindo-lhe os aparelhos de topografia que diz necessitar. Isto é, se assim como voltou, amanhã desaparecer, perco dez mil pesos, um carro em muito bom estado e aparelhos de topografia que valem uma fortuna.

— Por que, se desconfia tanto, faz tudo isso por ele?

Não me encarou quando respondeu: — Creio que é porque me lembra Leonor.

Não pude responder nada porque, com relação a Marcos, eu tinha a mesma fraqueza. Então, Ramón me disse:

— Amanhã vou fazer o testamento.

— Faz bem — disse-lhe —, enquanto está em seu juízo.

Pensei que ia me contar o que escreveria no testamento, mas fiquei esperando e ele não adiantou nada. Levantei-me da poltrona e pus as pedras no bolso.

— Tenho de voltar à farmácia — disse.

Ele se despediu e continuou sem dizer nada.



No dia seguinte, regressei a Cuévano e fui ver Carlinhos Inastrillas, que tinha sido meu colega de escola e que agora é diretor do Registro Mineiro. Achei-o muito abatido, mas recebeu-me amavelmente. Perguntou-me que milagre me trazia ao seu escritório.

— Quero que você me diga se no Estado existe uma mina que se chama Covadonga.

Carlinhos mandou chamar o chefe do arquivo. Nunca, entre dois burocratas, me fizeram um serviço tão eficaz e rápido. O chefe do arquivo nos disse que a Covadonga existia e que nesse mesmo dia havia expedido uma certidão de "não registro".

— A certidão de não registro — explicou-me Carlinhos enquanto o chefe do arquivo percorria o expediente — significa que a mina não foi denunciada ou que a denúncia anterior caducou e pode ser explorada de novo.

Quando Carlinhos obteve o expediente e o chefe do arquivo se retirou, leu:

— A Covadonga está no município das Tuzas, em terrenos da antiga fazenda do Caldeirão...

De tudo o que podia dizer, isto era o mais tranquilizador: a Covadonga não só existia, como estava em terrenos próximos ao lugar em que Marcos e sua família haviam nascido e vivido. Além disso, Marcos havia feito a gestão realmente, como prometera: havia tramitado a certidão de "não registro".

— Foi explorada — continuou lendo Carlinhos — para extrair minerais de magnésio.

Se eu houvesse dito "creolita" naquele momento, Carlinhos me teria explicado que onde houve magnésio nunca se encontra berílio. Não disse nada e eu soube desta peculiaridade das minas quando era tarde demais.

Os resultados do ensaio das amostras que eu havia levado naquela manhã foram satisfatórios. Uma das pedras tinha uma lei de .12 e as outras quatro, de .11. Superiores em ambos os casos ao .08 que Marcos havia calculado inicialmente. Guardei o envelope com os resultados, e estava tirando a carteira para pagar a análise quando o laboratorista disse:

— Recomendo-lhe que da próxima vez em que trazer para ensaio minerais de duas jazidas, separe as amostras para evitar confusões.

Não entendi bem do que falava. Ele prosseguiu: — Neste caso não importou porque as duas minas têm leis quase iguais, mas é uma situação pouco frequente.

Fiz que contava e recontava o dinheiro e depois lhe perguntei:

— Você é capaz, então, de notar à simples vista que o mineral que lhe trouxe vem de duas minas diferentes?

— A simples vista não, mas ao observar as amostras ao microscópio não me ficou a menor dúvida, porque as cristalizações são muito diferentes.

Ao sair da Universidade fiquei parado na rua do Sol, olhando sem ver as pessoas passarem. Estava certo de não haver ouvido Marcos falar no plural: não havia dito nem "as minas" nem "as jazidas de creolita". Por que então as amostras que havia levado a Ramón provinham de dois depósitos? Seria essa imprecisão outro indício de má fé?

Quando vi Ramón outra vez só lhe dei as boas notícias: que a Covadonga existia, que estava no Caldeirão e que os resultados do ensaio haviam sido mais do que satisfatórios. Ele estava contente porque Marcos havia regressado e com o que lhe disse se pôs de melhor humor ainda.

— Começo a crer que Marcos é honesto. Será caduquice?

Ia dizer-lhe que Marcos comprava cinco jornais do mesmo dia, que os jogava na lata de lixo depois de lê-los, que havia um indivíduo apelidado o Negro que andava fugido, que as amostras de creolita que eu havia levado para exame eram de duas minas, etc., mas decidi que o mais simples era calar a boca e foi isso que fiz.



No dia seguinte estava sentado em um banco da Praça de Armas, quando se aproximou Paco, o do Cassino, e me disse:

— Aposto mil pesos que o sobrinho novo que acaba de chegar da cidade do México é o herdeiro universal de Ramón.

Dois engraxates e algumas moças que estavam no banco vizinho ouviram.

— Não o diga com tanta certeza, supõe-se que o testamento seja secreto — respondi.

— Não afirmo nada. Eu aposto. Concorde ou não?

Fui ver Ramón e contei o que Paco andava apostando.

— Será que conseguiu ver o que você escreveu?

Ramón soltou uma gargalhada, mas não me disse o que havia escrito no testamento. Esta reserva me incomodou tanto que deixei de vê-lo vários

dias. Mas, tive notícias da família. Segunda-feira, quando nos sentávamos para jantar, Jacinta me disse:

— Zenaide diz que chegou a esposa de Marcos.

— Qual esposa de Marcos, se não é casado?

— Diz Zenaide que é jovem e muito alta e que tem os olhos negros.

Nesse momento senti que Marcos havia passado das medidas. Decidi que não era confiável.

Na noite seguinte Jacinta me disse: — Zenaide diz que Marcos e sua senhora foram viver em uma mina.

Na quinta-feira à tarde Zenaide foi à farmácia levando outro papelzinho dobrado de Ramón, que dizia:

Venha imediatamente.

Como eu estava zangado com Ramón, perdi tempo e levei meia hora para chegar.

— Por que demorou tanto? — perguntou quando me reuni a ele no corredor.

Estava tão inquieto como possa estar um paralítico.

— Pensei que dormisse a sesta — disse, para desculpar-me.

— Como pode acreditar que vou dormir a sesta se estou esperando o Marcos desde a manhã?

Disse que Marcos havia prometido levar-lhe nesse dia de manhã o estudo de custos e rendimentos.

— Tinha o cheque de quarenta mil pesos pronto para entregar-lhe e não veio.

— Ainda pode vir.

— Creio que não. Acho que quando foi embora com a esposa, dizendo que ia morar na mina, não pensava em voltar. Foi muito ignorante, porque se houvesse ficado por aqui uns seis meses eu teria feito dele um homem de posição e talvez um milionário. Mas a única coisa que queria era me roubar um carro e dez mil pesos.

Apesar de convencido de que Ramón estava certo, que Marcos havia desaparecido e que nunca tornaríamos a vê-lo, tratei de fazer-lhe ver a

possibilidade de que Marcos houvesse se atrasado no trabalho ou tido um contratempo no caminho. Ele continuava inquieto e eu terminei por dizer:

— Prometo-lhe que amanhã procuro Marcos, vou encontrá-lo e trago aqui.

Quando me despedi de Ramón eram sete horas.



Decidi que convinha agir cedo: o táxi passou por mim às seis, às seis e meia chegamos ao letreiro que diz "Hotel e banheiros. O Caldeirão, 10 quilômetros", pouco depois o chofer teve de parar porque na brecha havia uma súcia de burros. Baixei o vidro da janela e perguntei ao arrieiro.

— Não há por aqui uma mina velha?

— Siga em frente até chegar ao atoleiro e depois pegue o caminho que sai para o lado onde se põe o sol.

Seguimos as indicações e chegamos a um lugar onde, com efeito, havia uma mina velha. Passou-me pela cabeça o que me havia passado várias vezes nos dias anteriores: sabia que perto do Caldeirão tinha que haver uma mina velha, no entanto, ao vê-la, senti que aquilo demonstrava que Marcos havia dito a verdade. Era uma bobagem, eu sei, mas sentia assim.

Desci do carro e avistei uma casa destruída. Aqui Marcos não pode viver, pensei, e menos ainda se está com a esposa. O teto estava caído, mas alguém havia posto uma cerca de pedras numa janela, e no chão havia vestígios de gente pobre: cascas de amendoim e bagaço de cana. Voltei ao carro e disse ao chofer:

— Leve-me ao hotel.

O hotel havia mudado muito desde que eu havia estado nele da última vez, há quarenta anos. Tinha até um letreiro que dizia *Ladies bar*. O chofer estacionou o carro embaixo de umas acácias, atravessei o pórtico e o vestíbulo e cheguei à administração. Não havia ninguém, por isso achei natural abrir o registro que estava no balcão. Virei as folhas até encontrar as anotações dos últimos dias. Como havia suspeitado, o nome de Marcos não aparecia. "Angel Valdés e senhora", os últimos passageiros registrados, haviam chegado ao hotel na terça-feira, isto é, no dia em que Marcos havia saído de Muérdago.

Uma porta rangeu no fim do corredor e quase me fez fechar o livro. Vi uma mulher de chinelos que caminhava lentamente em minha direção, olhando-me com desconfiança.

— Que deseja? — perguntou.

Havia notado o registro aberto. Compreendi que havia interrompido seu almoço, porque no canto da boca havia um pedaço de *tortilla*. Tirei de minha carteira uma nota de vinte pesos e a coloquei no balcão. Quando o olhar da mulher fixou-se na nota, disse-lhe:

— Estou procurando umas pessoas e quero que a senhora me ajude a encontrá-las.

Ela deixou de olhar a nota, olhou o registro, olhou-me e tornou a olhar a nota.

— Não sei se posso ajudá-lo, senhor.

— É um senhor de trinta anos, que se chama Marcos e que viaja com a mulher.

— Não o conheço, senhor.

— Ele é moreno e tem o cabelo crespo; a senhora, dizem, é alta e tem os olhos muito bonitos.

— Não. Nunca os vi.

Tirei da carteira outra nota de vinte pesos e a pus junto da outra no balcão.

— Ele usa um poncho de Santa Marta.

— Ah, agora sim, já sei de quem fala. São o casal do 106.

Dei-lhe as duas notas antes de dizer: — Diga ao senhor, por favor, que José Lara o procura.

— Não posso fazer isso, senhor.

Tirei outra nota de vinte pesos. Ela a olhou com tristeza.

— Foram embora ontem à noite — disse.

Não acreditei.

Disse-lhe: — Quer estes vinte pesos? Eu os darei se me provar que estas pessoas já não estão aqui, porque preciso vê-las.

Ela passou para o outro lado do balcão, abriu uma gaveta e mostrou-me a conta saldada do quarto 106. A fatura havia sido liquidada às oito e meia da noite. Entreguei à mulher a nota que tinha na mão.

Custou-me outros quarenta pesos ver o quarto 106 onde não encontrei nada de importante, e revisar com calma as notas de consumo extra que havia na fatura. Interessaram-me duas chamadas telefônicas, uma, feita

para a casa de Ramón às cinco e meia da tarde do dia anterior, isto é, antes que eu estivesse com ele. A outra chamada havia sido feita também no dia anterior, a um número da região de Ticomán.

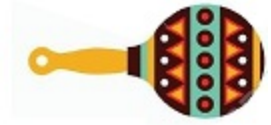
Custou-me outros vinte pesos pôr essas duas notas em minha carteira.

— Agora comunique-me com Muérdago — disse à mulher e lhe dei meu nome e o número de Ramón.

Amália atendeu. Disse:

— É José Lara, Amália, bons dias, quero falar com Ramón.

— Meu tio Ramón morreu ontem à noite.



Ramón e eu nos conhecíamos desde crianças, mas nos tornamos amigos quando fomos estudar em Cuévano e calhou vivermos na mesma pensão. Ramón era então um jovem magro que usava colarinho duro e os ternos de casimira jogados fora por seu irmão, o malandrão, que por sua vez os herdava de Don Enrique, o pai, que tinha fama em Muérdago de ser elegante, mas econômico. Nas segundas-feiras enviava aos filhos que estavam estudando em Cuévano, um vale-postal de seis pesos para gastos pessoais. A quantia bastava ao elegante amplamente, porque era um jovem modelo, mas para Ramón seis pesos eram uma ninharia. Inventou logo um negócio que teve a virtude de não precisar nem de talento, nem de esforço, nem de capital. Dando como fiador seu pai — sem que este descobrisse — conseguiu um local, que chamou de "o depósito", e, apenas com promessas, contratou um homem muito honrado para administrador. Ramón era "comissionista". "Aceitava" em depósito tudo o que não se deteriorasse e que todo mundo precisasse, desde carvão e lenha até velas de parafina. Ramón nada fazia além de ir todos os dias ao depósito e dividir as comissões com o administrador.

Ramón, graças ao depósito, e eu, graças à generosidade de Ramón, passamos os anos de estudante vivendo folgadoamente. Durante a semana, depois das aulas, encontrávamo-nos com outros amigos em A Aula, uma cantina que fica nas ruas do Sul, em frente à universidade. Cada vez que Ramón pagava uma rodada recuperava depois o dinheiro jogando bisca; de noite jogávamos bilhar, e aos sábados íamos sem falta à casa da senhora Aurélia, no beco de Malaquitas, que era o único bordel para gente decente que havia em Cuévano. Aos domingos, em compensação, ouvíamos a missa das onze na Paróquia e depois jogávamos tênis na casa do doutor Miranda, até o doutor nos convidar para almoçar. As três senhoritas

Miranda apaixonaram-se por Ramón e ele, com o tempo, fez-se noivo de Margarida, a mais bela.

Dizem que estudávamos Direito, mas raramente íamos às aulas, preferíamos, além dos passatempos enumerados, nadar na represa dos Tepozanes, tourear vacas no curral do Palito ou simplesmente sentar para ver as pessoas passarem no Jardim da Constituição. Assim estávamos no dia em que o malandrão se aproximou e disse a Ramón:

— Você arrastou na lama a honra da família.

Quando Ramón soube que o malandrão queria dizer que àquela hora deveria estar na aula de Direito Romano, soltou uma gargalhada.

Como era de se esperar, no terceiro ano aconteceu o desenlace e regressamos a Muérdago, nosso povoado natal. Ramón foi administrar a fazenda da Mancuerna, que era de seu pai e eu fui trabalhar na farmácia A Fé, que era de minha mãe. Embora não tivéssemos tanto tempo para nos divertir como quando éramos estudantes, Ramón e eu continuávamos nos vendo todos os dias. Fizemo-nos sócios do Cassino e jogávamos bilhar todas as tardes. Aos sábados, às cinco em ponto, tomávamos o trem para Cuévano, onde ao chegar nos hospedávamos no hotel Palácio, visitávamos na mesma noite a casa da senhora Aurélia, no beco de Malaquitas; no domingo ouvíamos a missa das onze e jogávamos tênis na casa das Miranda até que o doutor nos convidara a almoçar. Cada domingo Margarida fazia maravilhas na cozinha, e cada domingo também, no trem de volta a Muérdago, Ramón me dizia, olhando pela janela as colinas, à luz do entardecer:

— Gosto muito da Margarida e vou me casar com ela, mas não imediatamente.

Passaram-se três anos. Uma noite de sábado dona Aurélia recebeu-nos entusiasmada.

— Tenho algo sob medida para os senhores — disse-nos, e quando quisemos saber o que era, explicou: — Uma moça que acaba de chegar da *terra quente*.

Recebemos a notícia com reserva, porque dona Aurélia já nos havia apresentado a várias moças ridículas, mas naquela noite afastou as contas que havia na porta da antessala e fez entrar uma mulher alta e benfeita, que apesar do vestido que usava parecia muito elegante. Era mulata e tinha os olhos da cor do mel de abelha. Sentou-se à mesa conosco e com dona Aurélia, falou pouco e, com os olhos baixos, disse que se chamava Estela e

que não era do litoral, mas que havia nascido no Caldeirão — um rancho perdido, famoso por seus mananciais. Dona Aurélia ficou até que Ramón a interrompeu para perguntar-me:

— Quem vai com ela: você ou eu?

Disputamos Estela na sorte, Ramón ganhou. Quando saí da casa da senhora Aurélia voltei ao hotel e me deitei. Quando despertei estava clareando. Ramón estava sentado em sua cama, tirando os sapatos. Quando viu que eu havia acordado, disse-me:

— É muito simpática.

O domingo começou como de costume, ouvimos a missa das onze, jogamos tênis, o doutor Miranda convidou-nos a almoçar, Margarida fez primores, etc. Mas quando íamos com as malas a caminho da estação, Ramón deteve-se de repente e disse:

— Faça-me um favor. Quando você chegar a Muérdago vá a minha casa e diga a minha mãe que morreu um colega nosso da escola e eu tive de ficar para o velório. Diga-lhe que voltarei amanhã no trem das oito.

Aceitei a incumbência, ele me acompanhou à estação e antes de se despedir inventamos o nome do morto, que se chamou "Gabriel Gonzaga". Ele atravessou a pracinha da estação quase correndo. Pelo rumo que tomou compreendi que ia direto ao beco de Malaquitas.



Assim começou a época mais agitada da vida de Ramón. Além das viagens que fazíamos aos sábados passava em Cuévano duas ou três noites cada semana, voltava a Muérdago no trem das oito e encontrava o criado na estação, esperando-o com os cavalos, para ir para a Mancuerna. A atividade não passou despercebida, houve boatos e um deles deve ter chegado aos ouvidos do doutor Miranda. Um domingo não nos convidou para almoçar. Margarida quase desmaiou. Despedimo-nos muito atenciosamente da família e fomos almoçar no hotel Palácio. Estivemos calados até que serviram a goiabada com queijo que sempre oferecem de sobremesa. Ramón disse então:

— Já sei o que vou fazer: vou levá-la para morar em Muérdago.

— Margarida?

- Não. Leonor.
- Quem é Leonor?
- Estela. Chama-se Leonor Alcântara.
- Você vai se casar com ela?
- Não. Vou me casar com Margarida.



Nos dias que se seguiram ajudei-o a procurar uma casa em Muérdago. Encontramos uma que pareceu adequada a Ramón, no bairro de San José, perto da olaria.

— Por aqui há inundações no tempo das chuvas — avisei.

— É verdade — disse ele —, mas tem a vantagem de que por aqui ninguém me conhece.

Comprou a casa, mandou pintar e fez com que pusessem a água corrente que não tinha e uma privada. Perguntei-lhe por que não instalava de vez aquecedor e banheira.

— Seria um gasto inútil — disse —, porque eu continuarei vivendo na minha casa e Leonor está acostumada a tomar banho em poço.

Desde que Leonor foi viver em Muérdago, as viagens de Ramón a Cuévano se tornaram cada vez menos frequentes. Um dia Ramón explicou:

— Gosto muito de Margarida e um dia vou me casar com ela. Vou pouco a Cuévano porque há um buraco na quadra de tênis.

Estive presente no dia em que terminou o noivado. Depois de várias semanas sem ir a Cuévano, fizemos um esforço e fomos num domingo pela manhã. Ao entrar na paróquia para ouvir a missa das onze vimos num banco um engenheiro de minas, viúvo e com três filhos, que estava lendo o missal que Margarida Miranda tinha na mão. Ramón se virou para mim e disse:

— Eu, francamente, não vejo por que ficar para ouvir o sermão.

Sáimos da igreja no Ofertório. Não só não tornamos a jogar tênis com as Miranda, como não tornamos a ir à missa.

Quando Don Enrique morreu, deixou a casa da rua da Sonaja para o malandrão, que havia se casado e tinha filhos. Ramón teve que ir morar

com Leonor na casinha do bairro de San José, que inundava em agosto. Ali viveu vários anos e um dia me disse:

— Em certo sentido minha vida foi um fracasso. Tenho a idade de Cristo e nem tenho banheiro.

Precisava atravessar Muérdago para chegar ao banho russo que havia no Cassino.

Ramón nunca designava Leonor pelo nome e quando falava dela era da maneira mais indireta possível. Dizia, por exemplo:

— Em casa passam as camisas muito bem.

Ou: — Não sabem fazer espaguete.

Um dia em que estávamos em Pedrones fez com que eu escolhesse um perfume muito fino — "Você deve entender disso porque é farmacêutico" — e não me disse para quem era. Depois vi no calendário de Galván que era véspera de Santa Leonor.



Nos primeiros quinze anos que Leonor viveu em Muérdago creio que a vi três vezes. Uma foi na subida de Tecolote. Havia uma barraca de peixe e ela se havia inclinado para escolher os melhores. Eu ia subindo pelo beco e tive tempo de admirar suas formas antes de dar-me conta de que era Leonor. Devo ter ficado ruborizado, porque assim que ela me viu começou a rir. Disse "bom dia, Pepe", quando passou com a cesta ao meu lado.

Em outra ocasião, tinha pressa de que Ramón assinasse os papéis de uma fiança numa hora em que sabia que estaria com Leonor na casa do bairro de San José e tive de ir buscá-lo lá. Leonor abriu a porta e ficou satisfeita ao me ver.

— Entre por aqui — disse.

Tratava-me por você porque por você me havia tratado no dia em que nos conhecemos na casa da senhora Aurélia. Fez-me entrar na sala de visitas e foi avisar Ramón, que entrou pouco depois, muito sério, em mangas de camisa.

Enquanto discutíamos os papéis que ele tinha de assinar, Leonor trouxe uma bandeja com um guardanapo muito limpo, uma garrafa de mesclal, duas taças e uns salgadinhos de lagosta importada. Ramón e eu comemos e

bebemos fingindo estar absorvidos na fiança, como se nos houvesse servido o garçom do Cassino e como se estivéssemos acostumados a comer lagosta todos os dias.

A terceira vez que a vi foi numa manhã em que entrou na farmácia sem me cumprimentar e disse:

— Ramón está muito mal.

— O que tem ele?

— Uma dor aqui — disse pondo a mão na barriga.

Fomos com Canalejas à casinha do bairro de San José: Canalejas examinou Ramón e diagnosticou apendicite aguda. Levamos Ramón a Pedrones, que era onde ficava então o único hospital moderno do estado do Plano de Baixo. A freira administradora não deixou Leonor entrar, porque Ramón, ao dar seus dados, havia dito que era solteiro. Ao ver a situação tão difícil, Ramón disse:

— Nem pensar. Vamos casar. Casaram-se num corredor, fora da sala de operações. Canalejas e eu fomos testemunhas do casamento civil e padrinhos no religioso. A operação foi um êxito e durante sua convalescença Ramón recebeu das freiras atenções acumuladas de paciente rico e pecador arrependido. Quando melhorou regressaram à casa do bairro de San José e continuaram vivendo como antes.

— Não sei por que — confessou-me um dia Ramón — me dá mais vergonha estar casado do que vivendo amasiado.

Quando chegou a reforma agrária do Plano de Baixo, Ramón ofereceu ao malandrão comprar sua parte da Mancuerna, e o malandrão vendeu-a por vinte e três mil pesos acreditando que fazia um negócio. Mas quando com o passar dos anos a Mancuerna não foi dividida, o malandrão maldou, e disse que seu irmão havia se posto de acordo com o Governo para comprar seu patrimônio por uma ninharia. Esta coragem, mais a vida absurda que levou — é um dos homens mais hipócritas que conheci — levaram-no ao túmulo muito cedo. Coisa rara em quem nunca bebeu, morreu de algo que Canalejas diagnosticou como cirrose; e mais raro em quem foi tão precavido em seus gastos que chegou à avareza, deixou apenas dívidas ao morrer. Ramón ajudou a família comprando-lhe a casa da rua da Sonaja por quinze mil pesos, pagou a mudança para que a desocupassem logo, e foi viver nela com Leonor, a quem a gente decente de Muérdago conhecia como "a mulher que Ramón tinha no bairro de San José". Já então Zenaide trabalhava com eles.

Ramón apagou os vestígios que a família do malandrão havia deixado quando ocupou a casa — fez uma fogueira com um Rosto Divino e umas cortinas roxas — e deixou-a como estava quando seus pais eram vivos. Os que esperavam que Ramón fizesse uma festa para apresentar sua esposa à sociedade muerdaguense, ficaram esperando, e os únicos convidados à casa eram Canalejas, Zorrilla e eu. A comida era excelente e Leonor apenas entrava na sala de jantar para supervisionar o serviço.

Um dia em que estávamos na Praça de Armas e vimos passar Margarida Miranda com seu marido e seus enteados, Ramón me disse:

— Devo a dona Aurélia haver me libertado desse destino.

Sua felicidade durou até uma manhã em que Leonor, que, segundo consta, nunca se queixou de uma dor de cabeça sequer, caiu morta quando estava pondo a toalha na mesa.



— Eu estava na sala de jantar, servindo o chocolate a meu tio — contou Amália — quando ouvi os golpes na porta.

Amália, que havia engordado desde o último luto, havia posto um vestido preto que lhe ficava apertado. Nunca a havia visto sem pintura e olhava-a admirado. Seus olhos, sem sombra, pareciam inchados e avermelhados, como se houvesse estado chorando a morte de Ramón, o que era improvável. Estávamos nas cadeiras incômodas que há na sala e ela nos estava contando, a mim e a outros que também acabavam de chegar, o sucedido nas últimas horas de Ramón Tarragona, cujo cadáver havia sido amortalhado por várias mulheres, entre elas minha esposa e Zenaide, e que estava estendido em seu quarto, enquanto esperava o ataúde, pois Afonso não havia encontrado em Muérdago um que lhe parecesse elegante o bastante para guardar os restos de Ramón e havia encomendado, por telefone, a Pedrones o mais caro que houvesse naquele lugar. A sala era escura e, como raramente se abria, tinha cheiro de brocados podres.

Amália continuou a narrativa. — Oxalá seja Marcos, pensei, porque sabia que meu tio o tinha estado esperando o dia inteiro com ansiedade. “Vou ver quem é”, disse a meu tio, porque Zenaide havia saído para fazer compras. Quando saí ao corredor vi que Lucero já havia aberto o portão e estava falando com Marcos no saguão: “Bendito seja Deus porque você chegou”, disse a Marcos, “meu tio está esperando desde a manhã”. Marcos trazia rolos de planos e muitos papéis na mão. “É que acabo de terminar o trabalho”, me disse. Eu o fiz passar imediatamente à sala de jantar. Meu tio afastou o chocolate. “Termine de lanchar, tio”, pedi-lhe. “Que lanchar que nada! Que me levem ao escritório”, disse. “Ao menos o copo de leite”,

disse eu. “Que nos tragam a garrafa de conhaque”, respondeu ele. Este era o costume.

Depois de jantar, meu tio e Marcos iam conversar no escritório e Lucero ou eu levávamos uma garrafa de conhaque para que Marcos bebesse e uma garrafa de água mineral para que meu tio bebesse, porque as bebidas alcoólicas eram-lhe proibidas. Ontem, a teimosia de meu tio em não querer terminar seu lanche me pôs de mau humor, por isso arrumei em uma bandeja o que eles precisavam e Lucero levou-a ao escritório; quando ela se retirou, Marcos fechou a porta e as duas sentamos no corredor, sem falar. Havia muitas moscas. Deviam ser dez horas quando Zenaide voltou da rua: “Não querem lanchar?” perguntou-nos, e eu disse: “Está bem, es quente alguma coisa”. Preparou-nos uma coisinha de nada e estávamos comendo quando ouvimos que a porta do escritório se abria e fechava, depois os passos de Marcos que, quando chegou diante da porta, deteve-se sem entrar na sala de jantar e disse-nos “boa noite”. “Mas como boa noite”, disse eu, “você não vai jantar conosco”? Disse-lhe que havia lentilhas, que sei que gosta. “Estou com muita pressa”, disse, “não posso ficar nem um momento”, entrou na sala de jantar, deu-nos um beijo em cada uma e foi-se. Lucero e eu fomos ao escritório para ver se meu tio queria alguma coisa. Nós o encontramos escrevendo. “Não deseja nada, tio?”, perguntei-lhe. “Nada no momento”, disse, “mas quando eu terminar esta carta vou querer que Zenaide a ponha na caixa do correio hoje mesmo”. Lucero e eu voltamos à sala de jantar e terminamos de jantar. Quando meu tio gritou “Zenaide”, fomos as três ao escritório. A carta estava em um envelope fechado com selo. Meu tio deu-a a Zenaide e disse-lhe que fosse colocá-la no correio e eu não pude ver a quem era dirigida. Também lhe deu um papelzinho para que o levasse ao senhor, Don Pepe.

— Não o recebi — disse.

Amália continuou falando: — “Não quer comer agora?”, perguntei ao tio. “Não”, disse, “quero me deitar”. Zenaide foi à rua e Lucero e eu ajudamos meu tio a se deitar. Quando o vi na cama pareceu-me muito cansado. “Sente-se bem?”, perguntei. “Estou com muito sono”, falou. “Tenha uma boa noite”, disse-lhe. “Vocês também”, respondeu, logo olhou o relógio e disse: “Já são onze e vinte”. Apaguei a luz e saímos do quarto.

Naquela manhã, continuou dizendo Amália, Zenaide levou, como sempre, às sete, a xícara de chá de ervas que Ramón tomava antes de levantar-se. Bateu na porta várias vezes sem que ninguém respondesse e

por fim, compreendendo que algo de grave havia acontecido, empurrou a porta, que ficava entreaberta, entrou no quarto e encontrou Ramón morto, já rígido, na cama. Canalejas, que havia prognosticado a morte de Ramón havia tempo, escrevera na certidão de óbito que fora um enfarte.



Os filhos do malandrão estavam de preto e suas esposas choravam, o gringo havia posto uma gravata. Quando Amália terminou o relato todos se ajoelharam e desfiaram o rosário. Nunca me pareceu tão longo um rosário: quando terminaram os cinco mistérios e o Padre-Nosso e as três Ave-Marias e a Salve-Rainha, Amália acrescentou um *De Profundis* e uma oração especial de ajuda aos que morrem adormecidos e outra pedindo à Virgem que interceda pelos que não foram absolvidos; rezamos depois uma litania circular — estou seguro de que ouvi dizerem *Virgo Veneranda* três vezes —, e estávamos nessa quando senti uma mão no ombro. Era Canalejas que estava a meu lado. Fez-me um sinal para que o seguisse. Levantei-me com esforço, porque não tenho o hábito de me ajoelhar e saí da sala atrás dele, que se deteve na porta e me disse em voz baixa:

— Quero que veja o cadáver para me dar sua opinião.

Íamos pelo corredor quando vi Lucero e Zenaide que cruzavam o pátio. Lucero levava a cafeteira e Zenaide, que havia posto o véu em sinal de luto, levava as taças em uma bandeja. Ao me ver Lucero veio na minha direção, deixou a cafeteira na mesa, e nos abraçamos. Lucero pôs-se a chorar em meus braços, depois retirou-se, dei-lhe meu lenço, ela secou as lágrimas, sorriu, pegou a cafeteira e continuou seu caminho até a sala. Canalejas me esperava no umbral do quarto de Ramón. Entramos juntos.

Ramón estava sobre a cama, estendido e amortalhado, a pele parecia branco-chumbo, pelos lábios saía um dente, os pelos da barba, que ninguém havia cortado, faziam como uma auréola prateada em seu rosto. Então percebi que na base do lábio inferior haviam aparecido uns círculos diminutos, azulados. É o sintoma clássico dos que morrem por haver tomado doses muito fortes de água-negra.

O nome científico da água-negra é *Arandula vertiginosa*. A planta tem raiz esbranquiçada, parecida com nabo, e dela brotam folhas onduladas, de

cor escura, que se estendem em círculos pelo chão; as flores são púrpura, igual ao fruto, que tem o tamanho e a forma da cereja. A planta inteira, assim como qualquer uma de suas partes, exala um cheiro fétido. Chama-se também *nenepixtle*. Cresce em lugares sombrios e à margem dos riachos.

O fruto da arandula, descaroçado e posto para secar ao sol, é moído em moedor até ser reduzido a um pó fino e misturado em partes iguais com uma solução de dez por cento de ácido triêmico. O produto obtido chama-se água-negra, um dos remédios mais versáteis, mais eficazes e de emprego mais delicado que se conhece. Uma gota de água-negra dissolvida em meio copo de água e tomada depois das refeições cura a acidez, duas, às onze, estimulam o apetite, cinco constituem um afrodisíaco notável, dez gotas tomadas diariamente são um grande tônico cardíaco e prolongam a vida, trinta gotas, em compensação, tomadas de uma só vez, põem-na em perigo, duas colheradas de sopa de água-negra matam qualquer um. Outra característica notável da substância é que não produz dependência, o que faz com que o remédio possa ser suspenso bruscamente sem que o paciente sofra perturbação; por outro lado, embora tome pequenas quantidades de água-negra por longo tempo, não fica imunizado contra os efeitos de uma dose excessiva.

Canalejas e eu nos olhamos um momento em silêncio antes que começassem as recriminações.

— Você é o culpado — disse eu.

— Não. Você é que é — retrucou ele.

— Você receitou a água-negra a Ramón — disse eu.

— Claro que receitei, porque lhe fazia muito bem. Mas você a preparava. Não terá se enganado nas quantidades?

— Nunca me engano nas quantidades, e menos ainda em se tratando de um remédio que meu melhor amigo tomava.

— Mas você sabia que é um remédio perigoso e que a dosagem é muito importante.

— Claro que sei, por isso guardei na farmácia as receitas que você assinou.

— Você sabe perfeitamente, Pepe, que o único boticário que sabe fazer água-negra em Muérdago é você, os demais são bruxos.

— E também sei que o único médico que a receita é você, os demais são bruxos.

— Muito bem. Então você se dá conta de que estamos os dois no mesmo aperto: Ramón morreu e tudo indica que nós o matamos. Quero que você me faça o favor de dizer o que vamos fazer agora.

— Não posso lhe dizer nada — respondi-lhe —, porque desde que entramos neste quarto você nada mais fez do que falar blablablá, e não me deixou pensar.

Com isto, felizmente, calei-o e os dois olhamos em silêncio os círculos azulados que iam se tornando cada vez mais evidentes na base do lábio inferior de Ramón.

— A última receita de água-negra — eu disse, por fim — foi preparada na terça-feira passada, isto é, a garrafa estava cheia e dela não se deve ter tirado mais do que duas doses, isto é, vinte gotas, isto é, deve estar quase cheia.

Foi minha primeira dedução. Canalejas e eu saímos do quarto e, como para contrabalançar o começo de discussão que acabávamos de ter, demos o braço enquanto caminhávamos pelo corredor. Começavam a chegar as coroas e alguns parentes — todos pessoas que Ramón não teria querido ver. Na sala, chamamos Amália de lado, com a maior discrição que se pôde e Canalejas lhe disse:

— Ouça, Amália, Ramón tomava um remédio todas as manhãs, você não se lembra onde o guardava?

— Claro que me lembro; era eu quem o preparava.

Levou-nos ao escritório, abriu a cortina da escrivaninha, depois uma das gavetinhas superiores e tirou a garrafinha azul da água-negra. Amália olhou-a com incredulidade.

— Ontem de manhã estava quase cheia! — exclamou.

A garrafinha azul de água-negra, como era de se esperar, estava vazia. Mas eu havia notado outra coisa que me pareceu inesperada e mais inquietante: na gaveta que Amália acabava de abrir havia algumas fotos, e a que estava por cima tinha uma dedicatória que dizia "a Estela".

Enquanto isso, Amália, sem que ninguém a ajudasse, havia elaborado outro raciocínio.

— Vocês acreditam que meu tio... Seria capaz? Não. Não é possível. Enquanto escrevia a carta... que tenha tomado o remédio. Não, não é possível. Ele não pode ter tirado a própria vida por vontade própria, porque era feliz.

— Não, Amália — disse-lhe —, não devemos nos precipitar nas conclusões. Sabemos que esta garrafa ontem estava quase cheia e agora está vazia. Vamos pensar com calma sobre o que significa isso.

— Por enquanto — recomendou Canalejas —, por que você não reza outro rosário?

Amália saiu do escritório tropeçando nos móveis, muito desconcertada; depois de alguns instantes a ouvimos dizer, com voz perfeitamente serena:

— Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo... — etc.

— Você acredita que Ramón tenha se suicidado? — perguntou Canalejas.

— Não podemos saber — disse-lhe — enquanto não soubermos o que diz a carta que escreveu.

— Eu preciso saber antes — disse —, porque na certidão escrevi que Ramón morreu de morte natural. Acredita que vale a pena me retratar e pedir uma autópsia?

Era uma decisão muito difícil, porque, se Ramón houvesse, afinal, se suicidado, não haveria nada pior do que publicá-lo e fazer um escândalo. Havia várias razões para deixar que o cadáver se fosse ao túmulo como se houvesse morrido de morte natural.

— O que parece evidente — disse — é que se Ramón bebeu a água-negra por vontade própria e sem se dar conta, teve de bebê-la neste escritório.

Olhamos ao redor tratando de encontrar uma pista. Os planos e cálculos que Marcos havia levado estavam sobre a mesinha, havia cheiro de cigarro, mas as garrafas e os cinzeiros haviam sido retirados. Perguntei a Canalejas:

— Você acredita que a água-negra pode ser bebida pura?

— Não na quantidade que Ramón bebeu, porque produz vômito.

— Quer dizer, teve de misturá-la com alguma coisa, como por exemplo...

— A água mineral que, segundo Amália, Lucero trouxe.

— Vamos dar um pulo na cozinha — sugeri.

No corredor havia quatro carregadores que levavam uma coroa enorme que dizia, em letras feitas com margaridas: UNIÃO DE LAVRADORES. Afonso estava dizendo onde deveriam colocá-la. Ao passar junto à sala ouvi Amália dizer outra vez "Virgo Veneranda". Zenaide estava na cozinha,

lavando xícaras. Tivemos de dar-lhe pêsames antes de fazer-lhe a pergunta que nos interessava.

— Parece que ontem à noite, Zenaide, enquanto Ramón conversava um instante com o senhor Marcos, a senhorita Lucero levou-lhes algo para beber. Poderia dizer qual era o copo de Ramón?

Zenaide assinalou um dos que estavam no armário. Canalejas aproximou-o do nariz e fez sinal de que não sentia cheiro nenhum.

— A senhora o lavou? — perguntei.

— Não, Don Pepe, porque só lavo os copos que estão sujos e este estava limpo. O patrão não bebeu água mineral ontem à noite. Se quer a verdade, Don Pepe, o patrão quase nunca bebia água mineral de noite. A garrafa que dona Amália ou a senhorita Lucero levavam ia ao escritório e saía dele sem que nada lhe acontecesse. Por isso não lavei o copo do patrão, porque está limpo.

Naquele momento compreendi o que para mim deveria ter estado claro desde o começo — que Ramón fazia durante as noites o mesmo que ao meio-dia: tomava álcool às escondidas.

— Vamos dar um pulo ao escritório — disse a Canalejas.

Saímos da cozinha. Estavam entrando na casa a delegação do Cassino e lavradores da Mancuerna; a coroa da União de Lavradores havia ficado eclipsada pela que o Governo do Estado do Plano de Baixo havia mandado. Uma vez no escritório fui direto à caixa-forte e comecei a mover o disco da fechadura. Não tive nenhum trabalho em abri-la porque conhecia a combinação de cor. Tirei as três taças e as cheiramos por turnos, Canalejas e eu, até que não nos ficou a menor dúvida: as três não eram lavadas há tempos. Duas tinham cheiro de aguardente e a outra, sem dúvida, de água-negra. Tirei a garrafa de aguardente que havia na caixa-forte e a cheiramos e decidimos que cheirava a aguardente.

— Vamos de novo à cozinha — disse.

E fomos à cozinha. No corredor havia muita gente.

— Diga-me, Zenaide, onde está a garrafa que a senhorita Lucero levou ontem à noite ao escritório?

— Joguei-a no lixo.

— Poderia fazer o favor, Zenaide — pediu Canalejas —, de tirá-la do lixo?

Zenaide olhou-nos com incredulidade.

— Precisamos ver a garrafa, Zenaide — disse.

— Mas se está vazia!

— Não importa, Zenaide, o doutor e eu temos de vê-la.

— Se o senhor quer, Don Pepe, tudo bem — disse Zenaide.

Tirou uma garrafa de conhaque Martell do lixo e a levava à pia com intenção de lavá-la, quando Canalejas a tirou das mãos com um movimento brusco, depois destampou-a e aproximou-a do nariz. Parecia um pouco ridículo, como alguém que houvesse inventado um novo vício.

Depois de cheirá-la, Canalejas passou-me a garrafa com ar de triunfo.

— Cheire.

Ao pegar a garrafa dei-me conta de que alguém havia jogado grãos de café no lixo. Achei que era necessário explicar a Zenaide:

— É muito importante saber que cheiro tem esta garrafa.

Estava fedorenta, isto é, tinha o cheiro de água-negra.

— A que horas você tirou esta garrafa do escritório, Zenaide? — perguntei.

— Não fui eu quem a tirou, Don Pepe, foi a senhora Amália quando o senhor Marcos partiu. Deixou-a na sala de jantar junto com o cinzeiro sujo e eu a trouxe para a cozinha quando terminei de servir a mesa.

Canalejas e eu saímos da cozinha com a garrafa vazia e tivemos um conciliábulo na área de serviço.

— Você, que conhecia Ramón melhor que eu — disse Canalejas —, que é que acha de tudo isso?

Disse-lhe o que estava pensando.

— Que Ramón não se suicidou, bebeu a água-negra com conhaque acreditando que era puro conhaque.

— Quer dizer, alguém pôs a água-negra na garrafa de conhaque sem que Ramón se desse conta.

— Exatamente.

— Quer dizer, tenho de pedir a autópsia.

— Creio que será o melhor.

— Acredita que será necessário avisar antes à família sobre nossas suspeitas?

— Isso quem decide é você, você é o médico.

Canalejas tomou uma decisão. — Vamos reuni-los, então.

Nunca o invejei menos. Começamos a caminhar para a sala.

— O mais chato deste caso — disse-me — é que provavelmente um dos que vamos ver dentro de instantes foi quem pôs a água-negra no

conhaque.

— Isso mesmo — concordei.

Em minha mente revolvía-se uma ideia que não me deixava em paz há instantes: Marcos soubera, há vários dias, onde se guardava a água-negra, pois havia visto as fotos dedicadas a Estela, que se guardavam na mesma gaveta.

Se nunca invejei menos Canalejas do que ao saber a missão que lhe tocava desempenhar, nunca o admirei mais do que quando o vi cumpri-la. Sem que os parentes o notassem fez com que os filhos do malandrão e o gringo se juntassem no escritório, fechou a porta à chave e depois, pegando a garrafinha azul que tinha a etiqueta de minha farmácia, explicou como, segundo ele e eu, Ramón havia morrido.

Geraldo exclamou com incredulidade: — Meu tio envenenado?

Afonso, que estava sentado, pôs-se de pé de um salto; Fernando, por seu turno, teve de sentar-se no braço da poltrona onde estava Amália; o gringo estirou as meias. Amália custava a acreditar que Ramón tomasse conhaque, o que lhe era proibido; tive de confessar que costumava tomar aguardente com ele ao meio-dia e que, portanto, não havia razão para não supor que tomasse conhaque, à noite, com Marcos.

— Então — disse Amália — Marcos e meu tio me enganavam!

— Marcos — disse Afonso — enganou a todos. — Disse que era consultor de minas e tinha um escritório na rua de Palma; mentira, na rua de Palma não há nenhuma consultoria de minas; disse que tinha um picape International; falso também, não há nenhuma camioneta dessa marca em nome de Marcos González; disse que havia feito perícias para a Companhia Mineira O Monte; falso outra vez, tal companhia nunca empregou um perito particular que se chamasse Marcos González. Todos ouvimos esses dados, mas eu tive o trabalho de tomar nota e mandar verificar através de nossos investigadores de crédito. A conclusão indica que Marcos veio a Muérdago para nos enganar e nos enganou.

Eu teria podido acrescentar o caso das amostras de creolita que provinham de duas minas, mas não disse nada.

Alguém bateu na porta. Abri. Era Zenaide.

— Está na porta um senhor que quer falar com Don Ramón.

— Diga-lhe que não pode falar com Don Ramón, porque já morreu.

— Isso eu lhe disse, mas não quer ir embora, diz que necessita falar com qualquer um da família, que é muito urgente. Manda este cartão.

Era um cartão com a águia nacional em relevo, que dizia:
"Lic. Francisco Santana Esponda", e num canto: "Inspetor — Direção
Geral de Investigações".

Afonso aproximou-se de mim e perguntou: — O que há?

— A polícia já chegou — disse, passando-lhe o cartão.

O licenciado Santana Esponda usava terno de gabardine e segurava
uma pasta. Tinha um dente de ouro.

— Bom dia — disse, ao entrar no escritório —, desculpem, procurarei
ser breve.

Pôs a pasta na mesinha e abriu-a, tirou várias cópias da mesma
fotografia e distribuiu-a entre nós.

— Quero que me digam se reconhecem este indivíduo — disse.

Olhei a foto, era uma ampliação e estava um pouco apagada.

Apareciam nela uma mulher e um homem de barba, em roupa de banho,
tomando cerveja. Era Marcos.

O gringo foi o primeiro a dizer: — É Marcos.

— É parente dos senhores?

— É primo de minha esposa e de seus irmãos.

— Por afinidade — advertiu Geraldo, devolvendo a foto. — Primo por
afinidade.

— É meu dever dizer-lhes — disse Santana — que temos provas de
que está complicado no incêndio do Globo.

— Ai, que horror! — disse Amália.

— Precisamente no momento em que o senhor chegou, senhor — disse
Afonso —, eu estava dizendo aos meus irmãos, e ao doutor, e a Don Pepe e
ao meu cunhado, que Marcos González é um delinquente.

— Os senhores têm alguma ideia de onde possa encontrá-lo? —
perguntou Santana.

Eu não disse nada, os Tarragona olharam-se entre si, o gringo pôs-se de
pé.

— Eu sei onde está Marcos — disse. — Se o senhor quiser, advogado,
levo-o lá agora mesmo.



O velório de Ramón, que havia começado tão natural e tão solene, converteu-se de repente num dos escândalos mais memoráveis que tivemos em Muérdago. A ambulância que ia transportar o cadáver para o anfiteatro e o coche fúnebre que levou a Muérdago o ataúde elegante que Afonso havia pedido por telefone chegaram diante da porta da casa da rua Sonaja e estacionaram em fila dupla exatamente ao mesmo tempo. No corredor, que estava repleto, os assistentes se apertaram, primeiro para que passasse o féretro, que olharam em atitude reverente, porque era cinza-pérola com ganchos de prata, e depois para que passasse, em sentido contrário, o cadáver que haviam ido velar, reconhecível porque estava coberto com um lençol, já que o legista havia desarrumado a mortalha, e porque estava em uma maca muito gasta que dois famosos "*muerteros*"¹ do Hospital Civil carregavam. Deixou ondas de curiosidade.

Ví como Lucero, a quem não havíamos dito nada do que estava acontecendo, viu o fardo quando o levavam pelo saguão, compreendeu que era o cadáver de Ramón e desmaiou. Quis ajudá-la, mas quando me aproximei dela umas senhoras já lhe davam cânfora para cheirar.

No corredor encontrei Amália, que não sabia que a filha havia desmaiado, e dizia a várias pessoas:

— Muito obrigada por vir nos acompanhar nestas horas tão tristes, o doutor Canalejas tem uma dúvida e pediu que façam uma autópsia em meu tio, nós avisaremos sem falta logo que soubermos quando vai ser o enterro.

Paco, o do Cassino, aproximou-se e disse: — Diga-me se minto, Pepe: o novo sobrinho de Ramón o assassinou e agora está fugindo, ou não?

Fingi que não estava ouvindo e entrei no escritório. Afonso falava ao telefone e Geraldo metia as mãos nas gavetas da escrivaninha. Deu um

salto ao me ver e me disse:

— Estou procurando fósforos.

Sentei-me numa poltrona. Afonso dizia: — ... em circunstâncias muito suspeitas... vou lhe suplicar, senhor advogado, que se interesse pelo assunto e faça com que nos deem um tratamento adequado. O senhor se lembra do meu tio Ramón, era um prócer.

Fiquei ali sentado enquanto Afonso falava com o Governador, o Presidente Municipal, o tabelião, o chefe de polícia e o diretor do Sol de Baixo. A uns pediu apoio moral, a outros, um encontro, a outros, simplesmente que violassem a constituição ou algum regulamento. Geraldo, enquanto isso, encontrou uma nota de mil pesos e guardou-a no bolso dissimuladamente, julgando que eu não me dava conta.

— Às três — disse Afonso — Majorro vem aí para expedir uma certidão.

Discou outro número, falou com o chefe da Zona Militar e pediu-lhe ajuda.

— Para que você quer ajuda do chefe da Zona? — perguntei-lhe quando desligou.

— É pouco provável precisarmos dele — explicou —, mas essa gente sempre se sente lisonjeada quando uma pessoa como eu lhes pede um favor.

Geraldo havia encontrado o relógio de Ramón. Afonso disse:

— Geraldo, este relógio todos conhecem, ponha-o onde o achou.

Fernando entrou no escritório. Parecia perturbado.

— Não entendo — disse. — Acabam de avisar que Marcos deixou ontem à noite o Safari numa garagem, com ordens de que o lavassem e me entregassem. Deixou até o serviço pago.

— Não faltará alguma peça? — perguntou Afonso.

— Parece que está em perfeito estado. Não entendo.

Os três irmãos pareciam contrariados. Levantei-me e saí do escritório. O corredor estava quase deserto. As pessoas que há instantes pareciam que nunca iriam embora, haviam saído às duas em ponto. Imaginei as cantinas do centro cheias de enlutados fazendo conjeturas como a de Paco do Cassino. Caminhei entre as coroas e entrei na sala. Alguém abrisse as janelas para que o lugar arejasse. Fui para um balcão olhar. Na rua havia a ressaca que fica depois do acidente ou da briga. Na esquina estava o vendedor de pipocas, com sua cesta, três lavradores da Mancuerna haviam

sentado na calçada, as senhoritas que vivem na casa em frente mostravam-se no balcão, na porta de A Mascote, uma tendinha, fofocavam a dona e várias mulheres das casas vizinhas — a dona fez um gesto que parecia um cadáver coberto por um lençol. Logo senti que alguém havia entrado na sala, virei-me e vi Lucero, que estava recolhendo xícaras. Estava muito pálida.

— Lucero, você parece muito cansada — disse-lhe —, por que não vai deitar?

— Porque prefiro estar ocupada. Assim me distraio.

Pareceu-me que tinha razão e ajudei-a a recolher as xícaras.

Zenaide preparou uma pilha de sanduíches e os pôs na mesa da sala de jantar, com cervejas. Comemos em silêncio até que chegou Majorro, o agente do Ministério Público, com um datilógrafo, instalou-se na sala e começou a lavrar a certidão. Primeiro mandou chamar Amália, seguiu-se Lucero, depois entraram, um após o outro, os três filhos varões do malandrão, eu fiquei em sexto lugar, quando já havia quase terminado as palavras cruzadas da revista *Fuentsanta*.

— Boa tarde, Don Pepe — disse Majorro quando entrei na sala —, faça-me o favor de sentar-se.

Majorro havia acendido o lustre de prismas que gastava muita eletricidade. Sentei-me numa das cadeiras incômodas.

— Tenha a bondade de dar seus dados para que o companheiro tome nota.

Quando cumpri o requisito, Majorro disse: — Pelo que entendi o senhor foi quem trouxe o indivíduo para esta casa.

Compreendi que "o indivíduo" era Marcos. Majorro prosseguiu:

— Agradeceria se me explicasse o que o motivou a dar esse passo.

Era evidente que Amália havia revelado que ela não havia deixado Marcos entrar quando chegou pela primeira vez à casa. Falei que havia achado a coisa mais natural que Marcos visse seu tio e que por essa razão o havia convidado a dormir em minha casa e o havia levado no dia seguinte à de Ramón.

— Não lhe pareceu suspeito que o indivíduo se barbeasse de manhã para mudar a aparência?

— Não, Senhor Majorro, pareceu-me muito bem, porque a barba lhe dava um aspecto desalinhado.

— Vou pedir-lhe, Don Pepe, que me chame de doutor.

— Muito bem, doutor.

— Segundo outras declarações, o indivíduo chegou a esta casa usando um poncho e carregando um livro. Um livro de botânica, parece. O senhor viu o livro?

— Claro, doutor, eu o dei de presente a Marcos. Chama-se *O jardim medicinal* e foi escrito pelo doutor Pantoja.

— O que o motivou, Don Pepe, a dar de presente esse livro a uma pessoa que não via há muitos anos?

— Pareceu-me que Marcos era um jovem muito sagaz e que podia tirar proveito do livro, não lhe dei porque notasse qualquer interesse especial por botânica.

A resposta pareceu satisfazer Majorro.

— Bem — disse, e acrescentou de maneira muito mais precisa: — Pode dizer se neste livro há alguma referência à água-negra?

Compreendi que sem querer havia posto Marcos em um aperto. Só me restava dizer a verdade.

— Sim. Em *O jardim medicinal* há um capítulo inteiro sobre a água-negra, como se prepara, se dosifica e que efeitos tem.

Não bastasse o datilógrafo, Majorro fez uma nota em seu caderninho.

— Muito obrigado, Don Pepe — disse. E deixou-me sair.



Quando cheguei a casa, estava escurecendo. Minha mulher, que havia saído da casa de Ramón cedo, certa de que eu estaria morto de fome, preparou uma refeição ligeira. Quando colocou diante de mim um prato de macarrão compreendi que a bobagem que havia dito a Majorro me havia tirado o apetite. Enquanto olhava o macarrão, Jacinta me disse:

— Entre os vasos que ficam perto da entrada encontrei este papel.

Deu-me um dos papeizinhos dobrados que Ramón havia se acostumado a me mandar por Zenaide. Ao vê-lo, a ideia de que Ramón havia morrido chegou-me com mais clareza do que quando vira o cadáver. Compreendi que o que tinha diante de mim era a última mensagem que Ramón me mandaria. Desdobrei e li:

*O passarinho chegou, embora muito atrasado.
Todos os assuntos pendentes ficaram resolvidos.
Esqueça o que lhe pedi.
Ramón.*

Compreendi então o que havia ocorrido: Zenaide chegou a nossa casa tarde demais, chamou e não abrimos, ou então, convencida de que estaríamos dormindo, nem sequer se atreveu a chamar, jogou o papel debaixo da porta, ficou entre os vasos, e eu saí de casa de manhã sem vê-lo. Então pensei que se houvesse encontrado o recado a tempo teria evitado a viagem ao Caldeirão. Agora que escrevo isto, vários meses depois, alegro-me de não tê-lo visto, porque a viagem ao Caldeirão foi proveitosa.

— Não consigo jantar — disse, e pus de lado o prato de macarrão.

— Essas tristezas — disse-me Jacinta — às vezes dão fome às pessoas e às vezes tiram.

Quando saí da sala de jantar ela começava a comer o macarrão que havia esquentado para mim. Andei pelo pátio vendo os vasos e detive-me diante da abrunheira, que de noite exala um cheiro muito forte, parecido com o da arruda. Lembrei-me de Marcos, do Jardim medicinal, do doutor Santana e das fotos que nos havia mostrado. Marcos, pensei, me havia dado motivos para desconfiança em várias ocasiões, mas não parecia terrorista, muito menos envenenador. Decidi que o que havia acontecido naquele dia era mais do que suficiente e decidi dar-lhe um basta deitando-me mais cedo do que de costume.

Já no meu quarto, ao despir-me, encontrei as duas faturas que havia enfiado no bolso no hotel do Caldeirão. Decidi que a chamada que Marcos havia feito às cinco e meia para a casa de Ramón era francamente muito estranha: a ligação havia sido completada, pois a conversa havia durado quatro minutos, era, provavelmente, para avisar que estava atrasado, e no entanto ninguém havia dito nada a Ramón, que, toda a família sabia, estava esperando notícias de Marcos.

Com a outra fatura na mão fui ao telefone e disquei o número que havia recebido a chamada. Respondeu uma voz de homem.

— Praia da Meia Lua — disse-me —, hotel Aurora.

Desliguei sem dizer nada, voltei ao meu quarto, pus as duas faturas e o papelzinho que Ramón me havia mandado por Zenaide na gaveta da mesa de cabeceira, deitei-me de barriga para cima, com as mãos cruzadas embaixo da cabeça e fiquei pensando uns momentos. Jacinta entrou no quarto, despiu-se e deitou-se ao meu lado.

— Não entendo nada — disse, ao apagar a luz.

— Não entende nada de quê? — perguntou Jacinta.



No dia seguinte, quando estava regando as queixadas, alguém bateu na porta. Eram oito e quinze da manhã, Jacinta estava na cozinha fazendo o café, fui abrir. Eram Santana e Majorro. Disseram que sentiam muito vir incomodar-me tão cedo.

— Entrem — disse. — Já tomaram café?

— Não queremos incomodar, Don Pepe — disse Majorro.

Pedi a Jacinta que fizesse mais ovos com linguiça.

— Olhe, doutor — disse Majorro, que é poeta amador —, que bonita casa tem Don Pepe. Se eu vivesse aqui escreveria como Amado Nervo.

Santana, que continuava com a pasta na mão, parecia impaciente, mas não falou nada até que terminamos de tomar o café e Jacinta saiu da sala levando os pratos sujos. Disse:

— Ontem o senhor não nos contou, Don Pepe, nem a mim nem ao doutor Majorro, que havia estado no Caldeirão.

Perdi algum tempo sacudindo umas migalhas que me haviam caído na camisa. Majorro tossiu, pigarreou e cuspiu num lenço, Santana pôs sobre a mesa uma fatura idêntica às que eu tinha guardado na gaveta da mesa de cabeceira, uma prova de que eu havia feito uma chamada telefônica do hotel do Caldeirão para a casa de Ramón às oito da manhã.

— Não contei nada — respondi — porque nem o senhor nem o doutor Majorro me perguntaram ontem onde havia estado.

— Mas sabia, Don Pepe, que eu estava procurando Marcos González Alcântara, vulgo o Negro.

— Sim, doutor, e além disso vi como o senhor Jim Henry ofereceu-se para levá-lo onde ele se encontrava. Não poderia oferecer-lhe o mesmo,

porque não sei onde está Marcos González.

— Quer explicar-nos agora, Don Pepe, com que objetivo foi procurar esse indivíduo no Caldeirão? — perguntou Majorro.

Disse-lhes a verdade, que ao ouvir de meus próprios lábios me pareceu pouco convincente, sobretudo a partir do ponto em que não encontrei o papel que Zenaide havia jogado debaixo da porta em que Ramón me anunciava que já não precisava procurar Marcos, etc. Quando terminei, Santana olhou-me contente.

— Creio que tive mais sorte que o senhor — disse.

— Encontrou Marcos? — perguntei.

— Isso é o que vamos ver — respondeu Santana.

Majorro acrescentou: — O doutor Santana encontrou algo que queremos que o senhor identifique. Seria incômodo acompanhar-nos, Don Pepe? É questão de duas ou três horas.

— Vamos aonde quiserem — disse e pus-me de pé. Aceitei ir com eles em parte porque não tinha outro remédio e em parte porque tinha uma curiosidade muito grande em saber o que Santana havia encontrado.

Santana tinha um carro grande e maltratado que dirigia a toda velocidade e com muito desleixo. A direção que tomou me fez compreender que íamos ao Caldeirão, como eu esperava. Eu ia sentado entre os dois. Após alguns instantes de viagem em silêncio decidi puxar conversa.

— E a corporação à qual o senhor pertence, doutor — disse a Santana —, a quem está ligada?

Deu-me uma explicação longa e burocrática para dizer que a Direção de Investigações é quase a mão direita do Presidente da República.

— Conte-nos alguns casos que haja investigado — pedi-lhe.

Contou vários, entre outros, a história do pagador de uma companhia estatal que desapareceu um bom dia com cinquenta mil pesos. O roubo ocorreu em Los Mochis e Santana capturou o pagador oito dias depois, em Tuxtla Gutiérrez.

— Quando o agarrei — disse Santana —, ofereceu-me cinco mil pesos. "Perdoe-me", lhe disse, "mas eu sou fino". Quase me ofendeu. Agora o cara está no cárcere. Deram-lhe cinco anos, por abuso de confiança. O interessante deste caso, Don Pepe, é que esse homem havia tido em suas mãos mais de um milhão de pesos uma semana antes do roubo. Não tocou neles. Foi-se uma semana depois com os cinquenta mil pesos que havia na

caixa. Parece que andava de caso com uma mulher e teve de sair correndo da cidade. "Se tivesse ido embora com o milhão", disse-lhe quando o peguei, "nem o Deus Padre o alcançaria". Porque a quinhentos mil pesos, Don Pepe, não há gente que resista. O senhor me entende.

— Sim, sim, entendo — disse.

Majorro acrescentou esta nota final: — As pessoas esperam que a polícia seja incorruptível, mas por que há de sê-lo, se todos somos humanos?

Em vez de ir ao hotel, Santana tomou o caminho que levava à mina. Na entrada da casa meio destruída havia um policial que ao nos ver chegar se pôs de pé, enterrou o gorro e endireitou o uniforme. Reconheci nele o Muelas, um dos policiais mais conhecidos de Muérdago. É gordo, tem o rosto cheio de espinhas e se diz que é retardado mental. Estava ouvindo uma canção caipira no rádio. Perfilou-se ao nos ver, mas não desligou o rádio.

— Sem novidades, doutor — disse a Majorro.

— Por favor, Don Pepe — disse Santana —, venha por aqui.

Começou a caminhar por um atalho, eu o segui e Majorro foi atrás de mim. Era uma subida bem íngreme e ao chegar ao pico da primeira colina paramos para respirar. Vi que o Muelas se havia posto a descascar cana. A voz de Pedro Infante ecoava nos montes. Continuamos caminhando. O atalho era caprichoso: às vezes costeava o morro sempre num mesmo nível, às vezes se lançava com decisão em uma subida inclinada, outras nos fazia baixar abruptamente sem motivo. Observei que a flora do Caldeirão é mais variada do que parece. Além das acácias e dos cactos, que abundam, há paus-moles e paus-pretos, algumas nopáleas, palmas, figueiras-da-índia, bândano, erva-má, e três espécies de rosíneas.

Conforme avançávamos a terra foi mudando de cor, primeiro esbranquiçada, depois avermelhada e por fim cinza-azulada. Logo, ao subir uma encosta, ouvi um bramido que não coincidia com meu arquejo nem com o palpitir de minhas têmporas. No começo não soube o que era, mas depois compreendi que tinha de ser o ruído do borbulhão. Um policial e um rancheiro, que estava jogando baralho ao pé de uma acácia, levantaram-se ao nos ver chegar. Santana se virou para mim ao chegar a uma curva e avisou:

— Vá com cuidado.

Havíamos chegado à cova, de que saía uma nuvem de vapor. O chão estava escorregadio. Costeando, caminhamos até chegar ao começo do riacho onde se lança a água do manancial. Santana se deteve, o policial e o rancheiro se reuniram a nós e este nos saudou estendendo-nos a mão. Santana esperou que eu limpasse os óculos, que se haviam embaçado com o vapor e, quando voltei a colocá-los, disse:

— Olhe — e mostrou o leito do riacho.

Demorei um pouco para entender o que Santana queria que visse. No fundo do riacho, cheio de lama esverdeada, consegui distinguir dois objetos estranhos cor de café.

— Consegue vê-los? — perguntou Santana.

— Sim.

— Reconhece esses sapatos?

— São as botas argentinas de Marcos — disse sem titubear.

— O senhor ouviu, advogado? — perguntou Santana a Majorro, que acabava de chegar esfalfado.

Majorro assentiu e Santana disse: — Consideraremos o que acaba de dizer, Don Pepe, uma declaração formal ante o Ministério Público.

— Mas o que quer dizer tudo isso? — perguntei.

Santana e Majorro me levaram a um lugar onde o policial e o rancheiro não podiam nos ouvir.

— Este rapaz — disse Santana, assinalando o rancheiro — é do Caldeirão e o chamam de Ruivo. Foi ele quem encontrou as botas. Diz que o cadáver está na cova.

— Qual cadáver?

— O de Marcos González, vulgo o Negro — disse Majorro.

Santana explicou: — Parece que Marcos González regressou ao Caldeirão na quinta-feira de noite. Não sabemos se se jogou de propósito no borbulhão ou se escorregou e caiu. De qualquer maneira é questão apenas de dragar para encontrar o cadáver e encerrar o expediente.

Parecia muito satisfeito.



— Estão esperando você no cartório do doutor Zorrilla — disse Jacinta quando voltei para casa.

— Para quê? — perguntei.

— Parece que o doutor vai ler o testamento de Ramón e não quer abri-lo antes que você esteja presente.

Fui ao banheiro satisfazer minhas necessidades menores. Enquanto urinava repeti em voz alta as palavras de Santana:

— "É só dragar para encontrar o cadáver e encerrar o expediente".

Mais estranhas me pareceram.



Os que estavam ao redor da mesa que Zorrilla tem em seu cartório me olharam de mau humor quando entrei porque estavam há uma hora esperando. Ali vi sentados os quatro filhos do malandrão, as esposas dos varões não haviam sido convidadas, mas sim o gringo, que havia acendido um charuto e empestado o cartório, e Lucero, por ser, de todos os sobrinhos-netos de Ramón, a única maior de idade.

Zorrilla me havia recebido na sala de espera. — Canalejas e Paco, o do Cassino, estão aqui — explicou-me — porque foram testemunhas quando Ramón fez seu testamento.

— E por que tenho que estar presente? — perguntei.

— Porque Ramón me disse que você será o executor.

Sentei-me entre Lucero e o gringo. Zorrilla fechou a porta e foi se sentar à cabeceira. Disse:

— O ato que vamos celebrar é perfeitamente legal.

— Claro, doutor — disse Geraldo, que é juiz.

— Quando uma pessoa morre em circunstâncias que fazem supor que sua morte não foi natural, cabe ao tabelião decidir entre abrir o testamento imediatamente, ou esperar os resultados da investigação em curso. Neste caso decidi abrir o testamento agora, porque considero que no documento que vamos ler pode estar a chave do mistério que as autoridades estão tratando de resolver. Há alguma objeção a que se abra o testamento?

— Por mim, nenhuma — disse Geraldo.

— A decisão que o senhor tomou, doutor — disse Afonso —, parece-me a mais acertada. Vocês não acham, rapazes? — perguntou olhando em volta.

— Sim — responderam a uma só voz os possíveis herdeiros, menos Lucero.

Pareceu-me que os Tarragona tinham urgência em saber o que lhes havia deixado Ramón. Eu intervim:

— Quero saber se se convidou ou, ao menos, se houve esforços em convidar o outro herdeiro presumível.

Houve um silêncio. Afonso me olhava como se não houvesse entendido o que eu havia dito.

— A quem se refere como *o outro herdeiro presumível*, Don Pepe?

— A Marcos.

Afonso pareceu então recordar aquela figura quase esquecida.

— Ah! Mas Marcos não é herdeiro presumível. Alguém ouviu meu tio dizer que Marcos fosse herdar algo? Eu não.

— Eu também não — disse Amália.

— Era sobrinho de Ramón — expliquei.

— Sim, mas por afinidade — advertiu Geraldo.

— É o único herdeiro de Ramón — disse Paco, o do Cassino. — Apostei quinze mil pesos que esse rapaz herda tudo.

Fez-se outro silêncio.

— De qualquer maneira — disse Zorrilla —, a pessoa que você acaba de mencionar não foi convidada nem tratei de convidá-la.

— Era o que queria saber — disse, fingindo estar satisfeito.

Zorrilla, com muita solenidade, fez com que Canalejas e Paco, o do Cassino, reconhecessem suas assinaturas no envelope e se certificassem de que o lacre não fora violado. Quando o requisito foi cumprido, rompeu o lacre, abriu o envelope, tirou o papel que estava dentro e leu:

"Nomeio executante, procurador e encarregado de que se cumpra minha vontade na partilha de meus bens, a meu amigo de muitos anos, José Lara, e determino que se lhe entreguem cem mil pesos, como compensação pelos incômodos que vai passar..."

— O testamento começa muito bem — disse Geraldo —, Don Pepe merece toda nossa confiança.

— *"... a minha criada Zenaide, que com tanta fidelidade nos serviu durante muitos anos a mim e a minha esposa Leonor, deixo a casa do bairro de San José e duzentos mil pesos, para que viva tranquila seus últimos anos..."*

— Muito justo, muito justo! — disse Amália —, estou contente de que meu tio tenha se lembrado de Zenaide!

— *"... a minha sobrinha Lucero, a quem devo as poucas alegrias que tive nos últimos meses, porque joga xadrez comigo, deixo um milhão e cem mil pesos que estão em minha conta de poupança do Banco de La Lonja..."*

— Amanhã mesmo você vai ao banco, Lucero — disse Afonso —, para fazer a transação sem ter que pagar impostos.

Lucero pôs-se a chorar.

— *"... a minha sobrinha Amália, que se sacrificou por mim, vindo viver comigo, e cuidando de minha saúde mais do que meu próprio médico, deixo o lustre de prismas que está na sala..."*

Houve uma pausa. — E que mais? — perguntou o gringo.

— Nada mais — disse Zorrilla e continuou lendo:

— *"A meu sobrinho Afonso deixo a pasta..."*

— A pasta ou a carteira? — perguntou Afonso.

— *"... a pasta de couro que está em cima da escrivaninha..."*

— Que ridículo! — disse Afonso.

— *"...a meu sobrinho Geraldo deixo a própria escrivaninha, de que tanto gosta..."*

— Mas se eu nem tenho onde colocá-la!

— *"... a meu sobrinho Fernando deixo a sela de montar que tenho na Mancuerna..."*

— Por que a sela, se eu só monto a cavalo quando estou sem carro?

— *"... a meu sobrinho político, James Henry, deixo o cinzeiro que tem minhas iniciais..."*

O gringo disse algo em inglês que não entendi.

— *"... a meu sobrinho Marcos deixo minha parte do produto da mina de Covadonga, que ele descobriu e que vai explorar..."*

— Não pode ser! — disse Paco, o do Cassino. — Deve haver algum erro!

— *"... o resto de meus bens, que somam aproximadamente dezessete e meio milhões de pesos — continuou lendo Zorrilla —, deixo-os como patrimônio ao Cassino de Muérdago..."*

Ao chegar a este ponto da leitura, Geraldo e Fernando estavam ficando em pé, Afonso estava abrindo a porta. Inclinei-me para Lucero, que havia terminado de chorar, para perguntar:

— Você pode me dizer se Marcos estava de botas argentinas quando chegou em casa na sexta-feira?

— Não — disse sem titubear —, havia comprado sapatos novos.

Quando voltei para casa, Jacinta perguntou: — O que dizia o testamento?

— Somente loucuras.

Deixei o guarda-chuva no cabide e fui ao meu quarto, abri a gavetinha da mesa de cabeceira e tirei uma das faturas, fui ao telefone e disquei o número. A mesma voz de homem respondeu:

— Praia da Meia Lua, hotel Aurora.

— Diga-me como se chega aí.

¹ Entre aspas no original. Mexicanismo para denominar os encarregados do manuseio de cadáveres e preparação para autópsia.



Quem quiser ir de Muérdago a Ticomán tem de pegar três ônibus, viajar doze horas, perder quatro em Mezcala, almoçar às seis da tarde e jantar à meia-noite. Ao descer do ônibus no terminal de Ticomán senti um calorão e tive de tirar o colete — isto apesar de vestir o terno mais leve que tenho —, quando saí à rua senti mais calor e tive de tirar o paletó. Fui caminhando até o porto. Eram sete e meia da manhã, o mar estava leitoso, havia dois barcos pesqueiros ancorados, ao longe vi pelicanos voando. Fui ao ancoradouro e perguntei pela lancha que vai à Praia da Meia Lua a um homem que estava limpando peixe.

— É aquela — disse e apontou uma com toldo e bancos chamada *Lupita*. — Sai às nove.

Coincidia com os dados que o gerente do hotel Aurora me havia fornecido. Regressei ao porto e entrei em um restaurante aberto que se chama A Rainha de Ticomán e pedi algo para o desjejum. Ali fiquei até as nove, porque o lugar era agradável e ventilado. A *Lupita* zarpou às dez. Os outros passageiros eram uma família de quatro negros que iam passar o dia na praia.

— Hoje é meu dia de folga — disse-me o pai, que era padeiro.

Devo ter despertado suspeitas, um velho, com colete, paletó, chapéu e gravata e sem roupa de banho.

— Vai ficar na praia? — perguntou-me o dono da lancha.

— Estou procurando uns amigos — disse-lhe. Descrevi Marcos e sua senhora o melhor que pude, mas o piloto não se lembrava deles.

— Vêm tantos! — me disse. — É raro o dia em que não leve alguém para se hospedar no hotel Aurora.

A travessia durou uma hora, saímos de uma baía e entramos na enseada vizinha. Vimos as montanhas se afastarem um pouco e depois se

reaproximarem. O mar era um lago. O garotinho que ajudava o piloto parou na proa, lançou-se na água levando o cabo e o estirou até que a lancha estivesse presa. Os passageiros tiraram os sapatos para desembarcar.

A praia tinha, com efeito, a forma de meia lua, rodeada de coqueiros. Havia casas de pescadores, duas lanchas apodrecidas, redes, um rapaz lançando um anzol e cães.

— O hotel Aurora é ali — disse o dono da lancha.

Era uma construção de alvenaria sobre uma colina.

— A que horas volta ao porto? — perguntei-lhe.

— Às três.

Comecei a caminhar por um atalho cheio de cardos. As rosáceas estavam em flor. Quando cheguei à portaria do hotel, estava empapado de suor. O chão era de mosaico vermelho, como o do hotel do Caldeirão. Entrei no vestíbulo e fui à administração.

— Foi o senhor que telefonou? — perguntou o homem atrás do balcão.

Como havia dito que era o gerente, tirei uma nota de cem pesos.

Como no Caldeirão, não me custou trabalho obter informações, mas como no Caldeirão, o que o gerente me disse foi que Marcos não estava no hotel. Revelou-me, no entanto, que alguém havia feito na quinta-feira uma reserva telefônica para duas pessoas sob o nome de “Angel Valdés e senhora”, que não haviam se apresentado.

— Tem certeza? — perguntei ao gerente.

Por cem pesos mais mostrou-me o registro. Não havia onde escolher. De sexta-feira até a data não havia chegado ninguém ao hotel. Compreendi que o dono da lancha havia exagerado, e que o hotel Aurora era tão mau negócio quanto o do Caldeirão. Compreendi também que a viagem, a perda de sono e os duzentos pesos que dera ao gerente haviam sido em vão.

— Dê-me uma cerveja então — pedi ao gerente. Não quis cobrá-la. Tomei-a em uma das cadeiras de lona do vestíbulo e depois adormeci. Quando abri os olhos havia uma lancha cinza na enseada.

— E essa lancha? — perguntei ao gerente.

— É do Governo.

— Dê-me um mescal.

Soprava um ventinho fresco. Pus logo o colete e antes de entrar na *Lupita* vesti o paletó. A travessia de regresso foi muito diferente da ida. O

mar estava revolto, a esposa do padeiro teve enjoo e vomitou; a lancha do Governo saiu da Praia da Meia Lua depois de nós e quando chegamos ao porto já se encontrava no ancoradouro.

Estava nublado e começou a choviscar, fazia frio, eram quatro e meia e o ônibus de Mezcala saía às seis. Fui me sentar outra vez na Rainha de Ticomán. Percebi que tinha fome e pedi algo para comer.

Faltavam vinte para as seis, já havia terminado o segundo café, pago a conta, já estava por me levantar da mesa quando vi passar pela rua uma mulher que, para proteger-se da garoa, havia posto um poncho. Era o poncho de Marcos.

Saí à rua atrás dela e tive de correr um pouco para alcançá-la.

— Ouça, senhorita — disse-lhe.

Ela se virou alarmada. Era muito bonita. Não só era bonita, era a mesma cuja foto Santana nos havia mostrado. Não tive tempo de inventar mentiras e disse-lhe a primeira coisa que me ocorreu:

— Estou procurando Marcos.

Pela sua expressão compreendi que conhecia algum Marcos. Não lhe dei tempo de negá-lo.

— Sou José Lara, sou amigo de Marcos e necessito falar com ele.

Ela me olhou em dúvida. Mas com certeza inspirei-lhe confiança porque finalmente me disse:

— Marcos está no hospital.

— O que aconteceu?

— Teve um envenenamento muito forte. Quase morreu.

Até então não havia me ocorrido a possibilidade de que Marcos e Ramón tivessem bebido da mesma garrafa.

— Leve-me até ele — pedi à mulher. — Preciso vê-lo.

No caminho me disse que Marcos havia adormecido no ônibus ao sair de Mezcala e quando ela tentou despertá-lo ao chegar a Ticomán se deu conta de que estava moribundo.

— Tive de levá-lo para o Hospital Naval, porque no Civil se negaram a admiti-lo porque não tinham os aparelhos de que necessitavam para curá-lo. Hoje o tiraram do soro.

— O que disse o médico?

— Que Marcos se envenenou com uma substância desconhecida que comeu ou bebeu. Disse que assim como se salvou podia ter morrido, porque não pôde dar-lhe nenhum antídoto.

— Apareceram manchas azuladas na base do lábio inferior? —
perguntei.

Ela me olhou, admirada.

— Como sabe?

— Um amigo meu morreu da mesma coisa.

Para que me deixassem entrar no Hospital Naval tive que informar meus dados e dar cinquenta pesos ao cabo de guarda, que me deixou entrar numa sala em que o único enfermo era Marcos. Estava irreconhecível. Havia emagrecido e tinha uma cor esverdeada, estava adormecido e parecia morto. Sua esposa se aproximou e tocou seu ombro até que abriu os olhos.

— Aqui há um senhor que quer falar com você.

Marcos me reconheceu e sorriu debilmente.

— Como você se sente? — perguntei.

— Um pouco melhor — disse, com voz rouca.

— Tenho que lhe contar várias coisas. Quer que falemos agora ou prefere que eu venha amanhã?

— Agora.

Eu estava tão contente de ter encontrado finalmente o homem que procurava! Quem me diria que o momento seguinte seria o mais vexatório da minha vida? Primeiro ouvi que a porta se abria e quando me virei vi que entravam Santana e Majorro seguidos de vários policiais.

Marcos foi trasladado a Muérdago em uma ambulância que levava médico e escolta. A esposa de Marcos e eu viajamos no carro de Santana. Eu ia na frente, entre Santana e Majorro, e ela atrás com um policial. Não falamos na primeira parte do trajeto, mas quando paramos em um restaurante na beira da estrada e descemos do carro (os três que iam na frente), Santana me agarrou pelo braço e disse:

— Não me guarde rancor, Don Pepe, porque isso não poderia suportar!

— O senhor me enganou — disse-lhe — porque nunca acreditou na história de que Marcos tivesse caído na cachoeira. “É só questão de dragar para encontrar o cadáver”, disse o senhor. Apenas mentiras!

— Concordo, Don Pepe, perdoe-nos. Mas o doutor Majorro e eu sabíamos que quando o senhor foi ao hotel do Caldeirão pegou dois papeizinhos que não quis nos mostrar.

Como não queria falar nesse assunto, pus-me a caminhar mal-humorado. Eles me seguiram.

— O doutor é que insistiu para que fôssemos a sua casa de manhã, Don Pepe — disse Majorro. — Não é, doutor?

— Sim, fui eu. Mas não se ponha de mau humor, Don Pepe, quando tudo saiu bem graças ao senhor. O doutor já pode encerrar seu expediente e eu posso encerrar o meu. Venha tomar uma taça para brindar ao triunfo da justiça.

Olhei-os com todo o desprezo de que sou capaz. Esses burocratas quinquenais, pensei, só pensam em encerrar expedientes.

— Não, muito obrigado — disse-lhes, de maneira incisiva.

Eles foram ao restaurante e pediram leitão ao forno, fiquei dando voltas na entrada, mas sentia fome e sede, terminei entrando no restaurante, aproximei-me do balcão e pedi uma torta e uma cerveja.

— Acompanhe-nos, Don Pepe — convidou Majorro da mesa.

— Não, muito obrigado — repeti, e depois disse à garçonne: — Dê-me duas tortas e duas cervejas.

Quando a garçonne as trouxe, peguei-as e fui oferecer uma de cada à esposa de Marcos, que estava sozinha na parte traseira do carro. O policial havia descido para jantar e lhe havia posto algemas nos tornozelos. Quando me aproximei ela continuava obstinada, olhando pela janelinha na direção oposta.

— Tome — disse-lhe.

Ela se virou, olhou a cerveja e a torta, depois me olhou com desprezo — percebi isso apesar da escuridão — e me disse:

— Não, muito obrigada.

Voltei ao restaurante, sentei-me com os doutores e aceitei a tequila e o leitão ao forno.



Quando entrei em casa anunciava-se a missa das seis. Jacinta despertou quando entrei no quarto.

— Como foi — perguntou?

— Mal. Fui bancar o palhaço em Ticomán.

Deitei e adormeci profundamente. Quando despertei estava anoitecendo outra vez. Jacinta havia entrado no quarto e acendido a luz.

— O doutor Zorrilla está na sala — me disse. — É a terceira vez que vem buscá-lo.

— Quer o que, agora?

— Falar com você logo que acorde.

— Estou acordado.

Mandei a chave do armário para Zorrilla para que tomasse alguma coisa enquanto eu lavava o rosto e punha robe e chinelos. Quando entrei na sala encontrei-o mexendo a ponta do pé, sinal de que estava nervoso. Ao ver-me se pôs de pé e me disse:

— Pepe, que alegria em vê-lo!

— O que é que há?

— Esta manhã recebi uma carta de Ramón.

— Uma carta de Ramón?

Tirou-a do bolso e me deu. Ao ver o envelope compreendi que era a que Ramón havia escrito na noite de quinta-feira e que Zenaide havia colocado na caixa do correio. Dentro do primeiro envelope havia uma carta e outro envelope fechado.

— Leia-a — pediu-me Zorrilla.

Dizia assim:

*"Querido Pablo Zorrilla,
Peço-lhe um favor muito grande: acrescente ao testamento
que fiz outro dia a disposição que você encontrará anexa e anule
as cláusulas que a contradigam.
Não creia que me sinto mal, apenas quero deixar tudo em
ordem. Perdoe-me tanto trabalho.
Ramón Tarragona (assinado)".*

— Isto é legal? — perguntei.

— São necessárias duas testemunhas. Fui até a porta e gritei:

— Jacinta!

Quando Jacinta apareceu, Zorrilla abriu o segundo envelope e li:

— "Depois de uma conversa muito longa com meu sobrinho Marcos González Alcântara, com quem cada vez estou mais contente e que me parece um homem probo, decidi mudar minha última vontade expressa no

documento datado (... , etc.) e deixar-lhe tudo o que antes deixava ao Cassino".

— Francamente — disse Zorrilla, tirando os óculos —, este segundo testamento parece-me mais sensato que o anterior, porque deixar dezessete milhões e meio para o Cassino era um exagero.

— Claro — acrescentou Jacinta —, é mais natural deixá-los para algum parente.

— Vocês sabem onde está Marcos? — perguntei.

— Está na prisão. Suspeitam, entre outras coisas, que tentou envenenar Ramón.

— Ah, que ingratidão! — exclamou Jacinta —, que coisa horrível!

— Se sua culpa ficar comprovada — avisou Zorrilla —, o segundo testamento é automaticamente anulado.

Mas o que me preocupava, então, não era a nulidade ou a vigência do segundo testamento, mas o fato dele revelar o único motivo conhecido para que Marcos envenenasse Ramón.

— Continuo sendo executor testamentário? — perguntei.

— Assim diz o primeiro testamento — disse Zorrilla —, e não há nada que anule esta disposição no segundo.

Marcos, disse-me Molas quando fui à prisão na manhã seguinte, estava "bem melhorzinho", havia saído da enfermaria, onde havia passado o dia anterior, e estava em uma das celas. Entreguei ao Molas o passe que Majorro me havia conseguido e ele examinou-o muito atentamente, mas sem demonstrar entender o que dizia.

— É um passe — expliquei. — Diz que estou autorizado a entrar na prisão e visitar o prisioneiro.

— É isto — falou Molas, mas não se mexeu. Estávamos no posto da guarda, sozinhos, Molas e eu. Tirei vinte pesos e dei-lhe.

— Entre por aqui, Don Pepe — disse Molas e foi tirar as chaves.

Atravessamos o pátio e entramos por um corredor, passamos junto à cela dos bêbados, Molas abriu a porta seguinte e me fez entrar numa cela escura e úmida onde havia uma privada que fedia. Marcos estava deitado num catre, coberto com o poncho. Coisa rara, teve prazer em me ver.

— Bom dia, Don Pepe — disse e se levantou.

Molas recolheu alguns pratos sujos que havia no chão e deixou-nos a sós. Sentei-me no catre, junto de Marcos, que explicou:

— A comida na prisão é péssima. Fiz com que me trouxessem algo do hotel Universal, mas o policial gordo que acaba de sair comeu a metade no caminho.

Prometi fazer com que Jacinta lhe levasse uma cesta com provisões e comecei logo a tratar do assunto que me interessava.

— Você sabe que Ramón morreu?

— Me disseram.

— E que morreu envenenado?

— Também sei disso.

— Você e ele tomaram conhaque.

— Fazíamos isso todas as noites. Na quinta-feira meu tio tomou mais, porque tinha pouco conhaque na garrafa, por isso tomei duas taças e depois bebi mescal. Meu tio acabou o conhaque.

— Isso salvou sua vida, porque o conhaque estava envenenado.

— Pensei nisso.

— Você sabia onde guardavam o remédio.

— Sim, mas não sabia que era venenoso.

— Mas você tinha um livro, *Jardim medicinal*, que diz que a água-negra é mortal.

— Nunca li essa parte.

— Mas você tinha o livro, alguém o viu em seu poder e consta da ata que se firmou.

— Quer dizer então que sou suspeito de envenenar meu tio?

— Exatamente.

— Mas se nos envenenaram os dois ao mesmo tempo! Posso tirar um atestado médico.

— Que seria mais conveniente se houvesse morrido, não como aconteceu, pois você só se envenenou um pouquinho.

— Mas por que eu haveria de envenenar meu tio? O que ganharia? Ele me entregou um cheque de quarenta mil pesos naquela noite.

— Você sabe que Ramón escreveu naquela noite um segundo testamento em que o nomeia herdeiro universal, além de uns poucos legados?

Marcos cobriu o rosto com as mãos.

— Você se dá conta agora de que sua situação é muito difícil?

— Don Pepe, eu não matei meu tio.

— Já sei, mas você está complicado no incêndio do Globo, e isso o torna muito suspeito.

— Também nada tenho a ver com o incêndio do Globo.

— Você quer dizer que é acusado de dois delitos que não cometeu? É incrível.

Encolheu os ombros e disse em tom fatalista: — Nasci num rancho perdido, meu pai foi lavrador, me chamam de Negro, e o único quinhão de sorte que me coube, meu tio ter me deixado uma herança, é agora a prova de que eu o assassinei. Estou fodido. E se ainda fosse pouco, já anteriormente eu havia posto a perder a boa sorte, porque assinei um trato com meus primos segundo o qual me comprometo a entregar-lhes quatro quintos da herança.

— Vamos ver — disse-lhe —, explique-me como é isso.



Quando disse que queria vê-lo, Afonso fez-me passar imediatamente ao seu escritório particular. Estava esperando na porta com os braços abertos.

— Don Pepe — disse-me quando entrei —, já sei que conseguiu capturar o infame.

Não pude evitar o abraço. Quando me separei dele e nos sentamos, disse-lhe:

— Não sei se Zorrilla lhe contou da carta que recebeu.

— Que carta Zorrilla recebeu?

— A que Ramón escreveu.

Evidentemente não havia ouvido nada. Disse-lhe que Ramón havia escrito um segundo testamento e em que consistia. O rosto se iluminou.

— Nesse caso — disse —, corresponde-nos a meus irmãos e a mim uma participação muito maior que a que nos cabia de acordo com o primeiro testamento, porque assinamos um convênio com Marcos segundo o qual aquilo que receber qualquer dos quatro irmãos e nosso primo, divide-se em cinco partes iguais.

— Isso eu entendo — disse. — O que é triste neste caso é que Majorro e Santana estão empenhados em demonstrar que foi Marcos quem

envenenou Ramón, com o que ficaria anulado o segundo testamento.

Admirei a rapidez com que compreendeu o rumo que havia tomado o problema.

— Mas não vamos deixar que dois policiais encaminhem este assunto como lhes dê na veneta.

— Claro que não.

— Marcos é sem dúvida um palerma, mas não um assassino.

— Foi o que pensei.

— Tenho a impressão, Don Pepe, que meu tio não foi assassinado, mas suicidou-se.

— Era um homem muito enfermo.

— Fora a enfermidade, a humilhação constante de depender de outras pessoas para os atos mais simples e corriqueiros da vida.

— Era uma situação terrível.

— Pensei que um gesto assim, embora normalmente seja considerado pecado, Deus Nosso Senhor perdoa.

— Há um recado que Ramón me mandou na noite de quinta-feira, mas só o li sexta-feira quando já estava morto; não sei como interpretá-lo.

Dei-lhe o papelzinho que Zenaide havia jogado entre os vasos.

— *O passarinho chegou, embora muito atrasado* — leu Afonso. — O senhor acredita que meu tio se referia ao passarinho da Glória?

— É possível.

— *Todos os assuntos que estavam pendentes ficaram resolvidos.*

Parece-me muito claro. É a carta de uma pessoa que sabe que vai morrer. É a mensagem de um suicida. Que é que o senhor acha, Don Pepe?

— Poderia interpretar-se assim.

— *Não se preocupe em fazer o que lhe pedi.* Isso sim, não compreendo.

— É algo que não vem ao caso.

— Olhe, Don Pepe, aqui no banco tenho uma moça de toda confiança, que tem uma habilidade extraordinária em imitar a letra de outras pessoas. Que acha o senhor, Don Pepe, se lhe damos este papelzinho e ela escreve aqui neste canto, onde há um espaço em branco, algo assim como "não se culpe ninguém por minha morte"?

— Parece-me desnecessário — respondi, tirei o papel e o guardei no meu bolso —, sobretudo quando você e eu estamos de acordo que Ramón morreu por suas próprias mãos.

— Nisso, Don Pepe, o senhor e eu pensamos como um único homem.

— Na minha condição de executor testamentário — continuei —, tenho de fazer-lhe a pergunta seguinte: você e seus irmãos estão em condições de liquidar por antecipação e em dinheiro os três milhões e meio que correspondem a Marcos como parte da herança?

— O senhor considera essa uma condição indispensável para se encerrar o assunto?

— Totalmente.

— Pois então, Don Pepe, Marcos pode contar com o dinheiro quando precisar. Este banco está às suas ordens.



Quando saí do Banco de La Lonja, em vez de ir pelos pórticos em direção a minha casa, fui pela rua da Sonaja até a de Ramón. Consegui ver o gringo que saía da casa batendo a porta, entrava em seu carro dando outra batida, arrancava com violência e se afastava. Quando Zenaide me abriu, comentei:

— O senhor Jim está aborrecido.

Ela disse em tom confidencial: — É que encontrou no lixo uns esboços do rosto do senhor Marcos que a senhorita Lucero desenhou.

— No lixo?

— Ela própria picou em pedaços e jogou no lixo. Eu tirei a lata do quarto dos baús e a levava para o pátio quando encontrei Don Jim que me perguntou: "Que é o que você leva aí?" "Nada", respondi-lhe, "é lixo". Ele tirou os pedaços dos esboços de rosto e ficou olhando sem dizer nada, apenas ficou vermelho e se foi.

Amália e Lucero estavam cada uma em seu quarto, fazendo as malas. Saíram ao corredor quando Zenaide lhes disse que eu havia chegado.

— Fico muito triste por sair desta casa — disse Amália, que evidentemente não sabia do segundo testamento.

— O senhor não quer um café, Don Pepe? — perguntou Lucero.

— Não, muito obrigado. Apenas vim por um momento, cumprimentá-las e dizer-lhes que Marcos está na prisão.

— Já sabíamos — disse Amália friamente.

Lucero não disse nada. Continuei falando: — Parece que a comida que lhe dão na prisão é péssima. Minha esposa vai levar-lhe uma cesta com alimentos; se as senhoras quiserem enviar-lhe alguma coisa, ela pode levar.

— Eu não lhe mando nada — disse Amália.

— Já eu creio que sim — disse Lucero.

Então me despedi delas.



Não chão, junto à porta do quarto que o advogado Santana ocupava no hotel Universal, havia várias garrafas vazias e um serviço para dois com os restos do café da manhã. Da fechadura estava pendurado um cartão que dizia: "Favor não perturbar". Aproximei-me da porta e ouvi vozes. Desci pela escada e fui à administração.

Apanhei o telefone que havia no balcão e pedi ao empregado:

— Comunique-me com o quarto 36.

Eram doze e meia. Quando Santana respondeu, disse-lhe:

— Tenho uma proposta que creio vai interessá-los: ao senhor e ao doutor Majorro.

— É dinheiro, Don Pepe?

— Se não fosse não estaria falando. Podem me encontrar à uma no bar do Cassino?

— À uma e meia.

— Combinado.

Desliguei.

Voltei para casa. Jacinta havia posto a cadeira de balanço no pátio e sentara-se para remendar cuecas. Pus as mãos nos bolsos e comecei a dar voltas, falei como se estivesse contando um boato.

— Parece que Lucero desenhou alguns retratos de Marcos e depois os rasgou e jogou na lata de lixo.

Ao chegar nesse ponto parei e fiquei olhando para minha esposa. Ela levantou os olhos rapidamente, tornou a baixá-los e continuou remendando. Esperei.

— Tinham que ver — disse, por fim, sem me olhar. Quando Jacinta diz que duas pessoas "têm que ver", quer dizer que têm relações sexuais.

— Como é que você sabe? — perguntei.

— Eu os vi uma tarde do sótão, pela janela do quarto que está perto do galinheiro. Foi sem querer.

Ficou vermelha.



Quando cheguei ao bar do Cassino sentei num canto afastado, procurando não deixar ninguém ouvir o que eu ia dizer a Santana e a Majorro. Eles chegaram quase às duas. Esperei que Pedrinho, o garçom, trouxesse o que pediram e comecei a falar:

— O que tenho a dizer é na qualidade de executor testamentário de Ramón Tarragona.

Eles me olharam com respeito. Continuei: — Meus representantes, os herdeiros, têm interesse em evitar a má impressão que poderia causar a notícia de que Ramón morreu assassinado. Querem se informar se há alguma maneira de evitar que isso aconteça.

— O doutor Majorro tem a palavra — disse Santana —, porque a morte do senhor Tarragona não é assunto de minha competência.

Majorro disse: — Sinto muito, Don Pepe, mas é tarde demais. Poderíamos ter resolvido isso quando paramos na outra noite para comer no caminho de Ticomán. Agora o assunto já não está em minhas mãos. Já entreguei minha parte à Chefatura, o preso já está à disposição do juiz, falta apenas que este marque a data para começar o processo.

— Que pena — disse, e me dirigi a Santana: — E o senhor, doutor, não vê alguma maneira de encerrar o expediente do Globo sem complicar Marcos González e a esposa?

— Nem me peça, Don Pepe, é impossível. Perceba que a captura que conseguimos no outro dia é o fim de uma investigação de meses. O senhor não tem ideia do trabalho que me custou infiltrar-me na célula terrorista a que pertenciam esses jovens. Sabe como são desconfiados os comunistas. Só se reúnem entre si. Conheci uma do grupo por acaso; quando soube que espécie de gente era, insisti em conhecer seus amigos. Ela não queria

apresentar-me no começo, mas finalmente me levou. Tive a sorte de que a reunião a que compareci foi precisamente na casa desses cornos que estão presos, onde chegou o indivíduo quente que andávamos procurando. Um tal de Evódio Alcocer. Acreditei que ia encerrar meu expediente. Nada. Os dois fugiram. Tive de ir a Cuévano e vir a Muérdago, e depois ir a Ticomán e os agarramos graças ao senhor, Don Pepe. Agora imagine o que diriam meus superiores se voltasse ao México com as mãos vazias.

— Compreendo sua situação — disse, fiz uma pausa e acrescentei, resignado: — Direi a meus representantes que não há jeito de conseguir o que me pediram.

— Definitivamente — disse Majorro — não há.

— Sabem quanto estavam dispostos a pagar por um acordo satisfatório? Três milhões de pesos.

— Um momento, Don Pepe — disse Santana —, que é que essas pessoas consideram um acordo satisfatório?

— Há duas partes: primeiro, um parecer que diga que a morte de Ramón Tarragona foi devida a um acidente. E segundo, um outro parecer que diga que as pessoas relacionadas com o incêndio do Globo que eram procuradas não apareceram e se supõe que se afogaram.

— Era só dizer, Don Pepe — disse Majorro. — Creio que a primeira parte, que corresponde a mim, pode-se ajeitar, sobretudo sabendo que há dinheiro suficiente para pagar comissões. Já vê o senhor o que é isso. Há muita gente implicada. Deve-se pagar para que guardem reserva. O que acha, advogado?

— Eu vejo obstáculos — disse Santana —, mas nenhum é intransponível.

Prometeram arrumar os papéis e pôr em liberdade os presos no dia seguinte à mesma hora, e eu lhes prometi ter o dinheiro preparado. Quando me levantei da mesa, deixei-os discutindo os detalhes da operação.



Nessa tarde Zenaide trouxe o empadão que Lucero fizera para Marcos.

— É o mesmo molho com que se faz o empadão de agachas — explicou a Jacinta —, mas como não havia agachas, pus peito de frango.

Quando Zenaide foi embora, Jacinta comentou, olhando o empadão.

— Vê-se que ainda o ama.

Quando minha esposa voltou do cárcere, me disse: — Entreguei o empadão a um policial gordo que estava na porta.

— Foi melhor assim — respondi.

Na manhã seguinte Canalejas telefonou.

— Você preparou mais água-negra? — perguntou.

— Nem preparei nem tornarei a fazê-lo.

— Pois aviso-lhe que no hospital está um policial chamado Molas com uma intoxicação muito forte e pontos azulados na base do lábio inferior.

— Deve de ter tomado água-negra daquela que os vendedores de ervas vendem no mercado.

Felizmente não era água-negra de boa qualidade e o Molas ficou careca, mas ainda vive.



Durante vários meses parecia que a história que contei terminara bem. Não tornei a ver Santana nem Majorro. Marcos e sua esposa radicaram-se em Mezcala, e com o meio milhão que sobrou abriram um restaurante típico onde, segundo me disseram, se come muito bem, especialmente o *tamal de cazuela*. Os quatro filhos do malandrão repartiram o que ficou da herança de um modo que segundo alguns é justa, segundo outros vantajosa para Afonso; Fernando ficou com a Mancuerna, que era o que sempre havia ambicionado; Geraldo com as casas do bairro de San Antonio, e Amália com a casa dos Tarragona, mas todos pagam juro a Afonso por haver sido ele quem conseguiu os três milhões e meio que se teve de pagar em dinheiro. Afonso, além disso, ficou com o que ele chama "a carteira", que é um conjunto de ações que só ele sabe quanto valem. Amália, o gringo e Lucero continuaram morando na antiga casa de Ramón. Lucero colocou o milhão de pesos que herdou em valores de renda fixa. Zenaide achou que havia trabalhado bastante e se mudou para a casa que Ramón lhe deixou no bairro de San José. A mim me entregaram pontualmente os cem mil pesos que me cabiam e eu, de minha parte, entreguei-os ao Patronato do Cassino, em compensação — muito modesta — pelos dezessete e meio milhões que Ramón lhes havia deixado em seu primeiro testamento. Dizem que sou louco, mas para que Jacinta e eu iríamos querer cem mil pesos?

Em setembro concluiu-se o inventário e chegou o momento de fazer a transferência de domínio dos bens. Zorrilla me disse que era necessário que Marcos fosse a Muérdago para assinar os papéis, comuniquéi-me com ele, porque sabia seu endereço, e ele acedeu de muito boa vontade.

Marcos chegou de noite como da vez anterior, com barba e com poncho, só que não mais a pé e sim com carro próprio. A mulher não

estava com ele.

— O restaurante é um bom negócio, mas não podemos deixá-lo sozinho — disse ele a Jacinta, quando ela perguntou pela esposa.

Senti que era uma frase convencional demais para ser verdade, e que se tivesse querido trazer a esposa teria trazido.

Marcos estava de bom humor e jantou conosco, mas ao terminar disse que gostaria de sair à rua para dar uma volta, e lhe dei as chaves, para que pudesse entrar em casa à hora que quisesse.

— Deve ir ver Lucero — disse Jacinta quando Marcos se foi.

Não sei por que me irritou tanto essa frase.

— Bom, e o que temos com isso? — exclamei.

Jacinta e eu deitamos às onze, como de costume, e apagamos a luz, mas nem ela nem eu dormimos até que Marcos voltou, o que aconteceu bem depois da uma. Quando ouvimos a porta, Jacinta disse, na escuridão:

— Em Muérdago tudo fecha às doze, de modo que devia estar em casa particular.

Eu, que não queria responder, fiz um ruído como se estivesse dormindo. Por um momento cogitei se seria prudente levantar-me para ver se Marcos estava bem, mas finalmente cheguei à conclusão de que se àquelas alturas Marcos se deixava envenenar, é porque merecia. Depois adormeci.

Marcos acordou bem e com fome, tomou café conosco, minha esposa perguntou-lhe se queria se barbear, ele respondeu que não e rimos os três. De sobremesa, Marcos e eu tivemos uma conversa, que foi notável principalmente porque não falamos nem de Ramón, nem da morte, nem do dinheiro, nem da prisão, nem do veneno. Às dez e meia levantamos da mesa e fomos ao escritório de Zorrilla, que nos havia marcado para às onze.

Todos os herdeiros foram pontuais e estavam sérios, sentados ao redor da mesa, vestidos de preto, menos Marcos que continuava de poncho. Zorrilla tinha os papéis prontos e em ordem. Foi passando os protocolos e dizendo a cada um onde tinha de pôr o nome. Quando os papéis estavam assinados, Zorrilla fechou o último livro e disse:

— Isso é tudo, senhores, muito obrigado.

Então, em um movimento espontâneo, os herdeiros, as testemunhas, o inventariante e o tabelião, nos pusemos de pé e nos abraçamos, como se estivéssemos em uma ceia de Natal.

Afonso convidou: — Quero que todos vocês venham passar um dia no campo que preparei para celebrar esse ato tão bonito de fraternidade. Esse foi o erro.



Afonso escolheu o Caldeirão. Havia preparado os festejos com antecipação e fez colocar mesas debaixo das acácias perto do lago. Houve de tudo. Os sobrinhos-netos jogaram futebol, o gringo trouxe um rifle e atirou ao alvo, os filhos do malandrão rodearam-se de *mariachis* que Afonso havia contratado e se puseram a chorar, todos comemos *mole*¹ e bebemos, as mulheres enlutadas não encontravam onde sentar, porque havia formigas. A festa durou muito tempo. De repente me dei conta de que Marcos não estava, nem Lucero. Pus-me a caminhar seguindo a margem do riacho que vai à cascata. Ouviam-se boladas, cantos de *mariachis* e os disparos, regularmente espaçados, que o gringo fazia atirando ao alvo. O sol estava se pondo. De repente, vi, entre a mata de acácias ao longe, o poncho de Marcos e me tranquilizei. O poncho e eu fomos nos aproximando e quando estava a uns quantos metros compreendi que não era Marcos quem o vestia, mas Lucero.

— Pensei que fosse Marcos — disse-lhe.

Ela sorriu e respondeu: — Marcos me deu seu poncho de presente — disse e continuou caminhando.

Parecia feliz e muito bela. Eu, que continuava com o pressentimento de que algo houvesse acontecido a Marcos, fui no sentido oposto, até que consegui ver entre as acácias outra figura. Era Marcos, que estava de camisa, com as mãos nos bolsos e a cabeça inclinada, olhando o riacho. Estava assobiando uma canção.

Quando cheguei junto dele, disse-lhe: — Alegro-me em vê-lo.

Ele me olhou, sorriu, depois mostrou o fundo do riacho e me disse outra mentira:

— São saís de berílio.

Olhei um instante a crosta azulada que se havia depositado no leito. Depois, de comum acordo, começamos a caminhar em silêncio até onde estava a festa. Não sei quanto caminhamos sem nos dar conta de que os

cantos dos *mariachis*, as boladas e os disparos haviam cessado. Lembro que consegui ouvir um grilo e, quase no mesmo instante, um grito agudo de mulher. Marcos começou a correr e eu o segui. Pensei que já não podia correr mais quando vi Amália com um lenço na boca, ajoelhada junto ao vulto. Havia várias figuras a seu lado.

Dizem que alguém viu passar três agachas voando e as atingiu. Dizem os que estavam perto do gringo que o viram levantar o rifle e que acreditaram que ia atirar nas agachas. Dizem que quando ouviram a descarga e viram que as agachas continuavam voando, olharam o rifle e se deram conta de que estava apontando em outra direção. Depois viram o vulto coberto com o poncho de Santa Marta. Dizem que quando disseram ao gringo "é Lucero", o gringo apenas moveu a cabeça, porque não podia acreditar.

¹ Mole — refogado que se prepara com molho de pimenta e gergelim, especialmente com carne de ave.

FIM

outros lançamentos da editora rocco

· UM MUNDO PARA JULIUS

Alfredo Bryce Echenique

· UM PAÍS TROPICAL

Shiva Naipaul

· PRÓLOGO COM UM PRÓLOGO DOS PRÓLOGOS

Jorge Luis Borges

· BORGES EM DIÁLOGO

Jorge Luis Borges

· A INVENÇÃO DE MOREL

Adolfo Bioy Casares

· O BEIJO DA MULHER ARANHA

Manuel Puig

· PÚBIS ANGELICAL

Manuel Puig

· NÃO HAVERÁ MAIS DORES NEM ESQUECIMENTO

Osvaldo Soriano

· CONTOS DE AMOR RASGADOS

Marina Colasanti

· NEGRO LÉO

Chico Anísio

· AS CONFISSÕES DE NAT TURNER

William Styron

· O MARINHEIRO QUE PERDEU AS GRAÇAS DO MAR

Yukio Mishima

· TODA A VIDA PELA FRENTE

Émile Ajar

*Este livro foi composto e impresso
na Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Petrópolis — RJ,
em outubro de 1987, 'para a Editora Rocco Ltda.*

Digitalizado e revisto por Virgínia Vendramini
Março de 2020